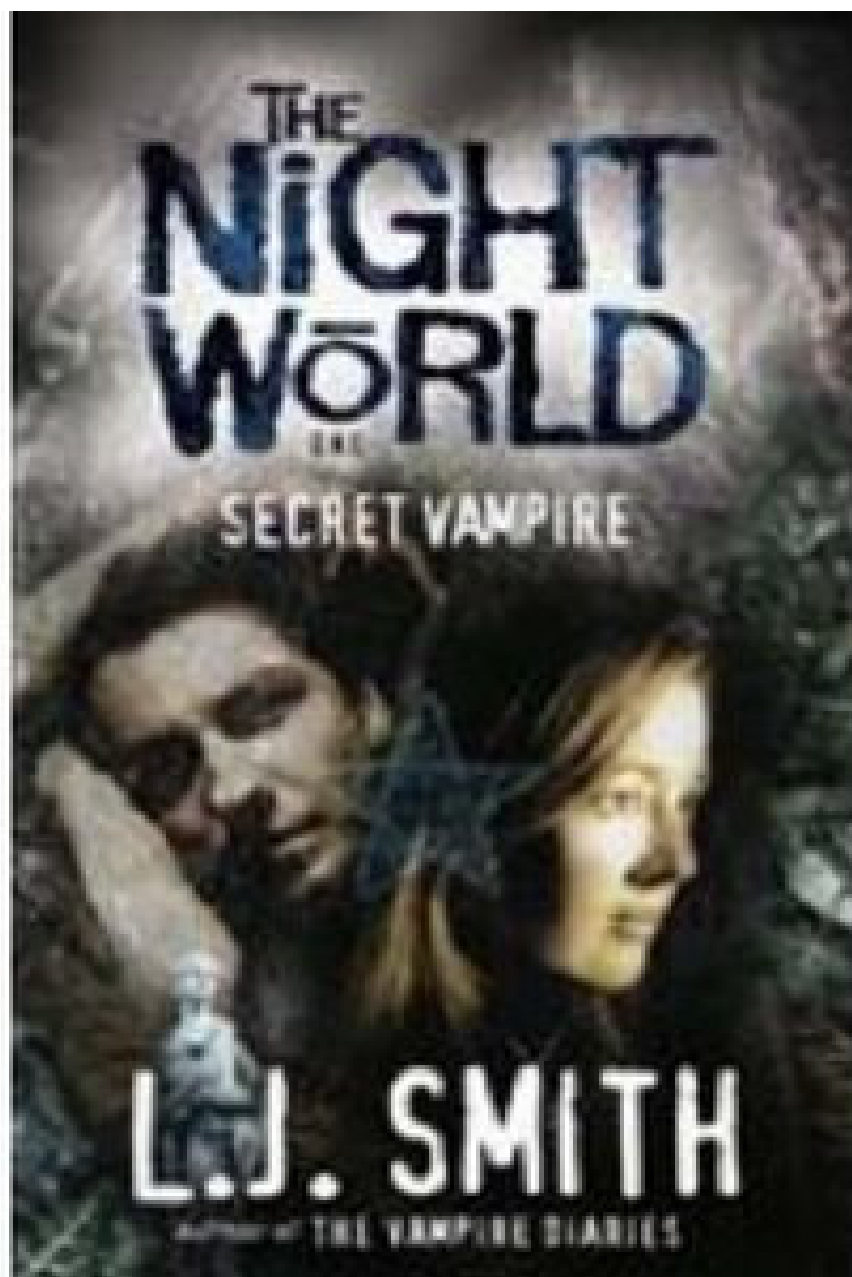




Série Night World

Livro Um: Secret Vampire

Por Lisa Jane Smith



*Para Marilyn Marlow
uma maravilhosa agente.*

*E agradecimentos a Jeanie Danek
e as outras enfermeiras maravilhosas como ela.*

Mundo da Noite

O Mundo da Noite. Amar nunca foi tão assustador.

O Mundo da Noite não é um lugar. É tudo o que nos rodeia. É uma sociedade secreta de vampiros, lobisomens, bruxas e outras criaturas da escuridão que vivem entre nós. Eles são lindos e mortais e irresistíveis para os seres humanos. O seu professor da escola pode ser um, e seu namorado também.

As leis do Mundo da Noite dizem que é certo caçar os seres humanos. Que não tem problema brincar com seus corações, e até mesmo matá-los. Existem apenas duas coisas que você não pode fazer com eles.

- 1-Nunca deixe eles descobrirem que o Mundo da Noite existe.
- 2-Nunca se apaixone por um deles.

Estas são histórias sobre o que acontece quando essas regras são quebradas.

Livro Um

Secret Vampire

Capítulo 1

POR VANESSA

Foi no primeiro dia de férias de verão que Poppy achou que iria morrer.

Aconteceu no domingo, primeiro dia *real* das férias (o fim de semana não conta). Poppy acordou se sentindo gloriosamente bem e pensando, *Sem escola*. A luz do sol estava fluindo na janela, girando transparente nos lençóis de sua cama como fios de ouro. Poppy empurrou-os de lado e saltou pra fora da cama – e parou.

Ouch. Essa dor em seu estômago outra vez. Clássico de uma duende como se alguma coisa foi comer o seu caminho para pará-la de volta. Ajudou um pouco ela se dobrar sobre si mesma.

Não, pensou Poppy. Me recuso a ficar doente durante as férias de verão. Me *recuso*. Um pouco de pensamento positivo é do que eu preciso aqui.

Então, se dobra de novo – pense positivo, idiota! – fez a sua maneira e foi até o banheiro turquesa-e ouro-telhado.

Primeiro ela pensou que ia desmaiar, mas então a dor foi embora tão de repente como tinha vindo. Poppy endireitou-se e encarou triunfante sua reflexão.

– Continue com isso, garota, e você ficará bem. – ela sussurrou, e piscou conspiratóriamente. Então ela se inclinou para frente, vendo seus próprios olhos verdes estreitados em suspeita. Existem em seu nariz quatro sardas. Quatro e meia se ela fosse totalmente honesta, coisa que Poppy geralmente era. Como infantil, como – *atraente*! Poppy mostrou a língua para fora e mudou de curso, com grande dignidade, sem se incomodar de pentear as selvagens ondas de cobre agregadas sobre sua cabeça.

Ela manteve a dignidade até que ela chegou à cozinha, quando Phillip, seu irmão gêmeo, estava comendo o Especial K. Então ela estreitou os olhos novamente, dessa vez com ele. Era mau o suficiente ser pequena, leve, e de cabelo encaracolado – para olhar, de fato, tanto como um elfo como qualquer coisa que ela nunca tinha visto em uma sessão em um livro infantil – mas para ter um gêmeo que era alto, loiro-viking e classicamente bonito... bem, que só mostraram uma certa malícia deliberada na composição do universo, não é?

– Olá, Phillip. – disse ela em uma voz com forte ameaça.

Phillip, que foi usado para a irmã do humor, foi. Ele levantou seu olhar a partir da seção de quadrinhos do *L.A. Times* por um momento. Poppy tinha que admitir que ele tinha olhos agradáveis: olhos verdes com chicotadas escuras. Eles foram as únicas coisas que os gêmeos tinham em comum.

– Oi. – disse Phillip redondamente, e voltou para a banda desenhada. Não são muitas as crianças que sabiam ler jornal, mas que foi Phil todo. Como Poppy, ele foi um júnior em El Camino High no ano passado, e ao contrário de Poppy, ele fez em linha reta enquanto estrelava o time de futebol, o time de hockey, e o time de baseboll. Também servindo como presidente de classe. Uma das maiores

alegrias na vida de Poppy foi irritar ele. Ela pensou que ele era demasiado severo. Justo agora que ela zombava e shrugged, desistiu do olhar ameaçador.

– Onde está Cliff e a mamãe? – Cliff Hilgart era seu padrasto de três anos e até mesmo do reto-laçado Phil.

– Cliff está no trabalho. Mamãe foi se vestir. Seria melhor você comer algo ou ela vai criar um caso.

– Sim, sim... – Poppy correu na ponta dos pés para remexer no armário. Encontrou uma caixa de Frosted Flakes, ela pressionou uma mão e delicadamente puxou um floco. Ela o comeu seco.

Não é de *todo* ruim ser pequena e duental. Ela fez uma dança de poucos passos até a geladeira, agitando a caixa de cereais em ritmo.

– Eu sou uma... duende sexy! – ela canta batendo o pé no ritmo.

– Não, você não é. – disse Phillip devastadoramente calmo – E porque você não colocou algumas roupas?

Com a porta da geladeira aberta, Poppy olhou para baixo em si mesma. Ela estava usando o tamanho desproporcional de camisa com que tinha dormido. Lhe pareceu como um mini-vestido.

– Isto é roupa. – disse ela serenamente, tomando uma Coca diet da geladeira.

Houve uma batida na porta da cozinha. Poppy viu quem era através da tela.

– Oi, James! Entra aí!

James Rasmussem entrou, tirando seu descolado Ray-Bans. Olhando para ela, Poppy sentiu um pang – como sempre. Não importa que ela o tenha visto todos os dias, praticamente, nos últimos dez anos. Ela ainda sentia um acentuado latejo em seu peito, algo entre a doçura e a dor, quando confrontados primeiro com ele todas as manhãs.

Não é apenas a sua boa aparência de foragido, que sempre lembrava ela vagamente de James Dean. Ele tinha um sedoso cabelo castanho claro, uma sutil, inteligente face, e olhos cinza que eram alteradamente intenso e legal. Ele era o garoto mais popular de EL Camino High, mas que não foi isso, que não foi o que respondeu a Poppy. Foi uma coisa dentro dele, algo misterioso e atraente e sempre apenas fora de alcance. Fez seu coração bater mais rápido e sua pele arder.

Phillip sentiu diferente. Logo que James entrou, ele endureceu e seu rosto ficou frio. Uma antipatia elétrica piscou entre os dois rapazes. Então James sorriu ligeiramente, como se a reação de Phillip divertisse ele.

– Olá.

– Oi. – disse Phillip, não descongelando de sua posição. Poppy teve o forte sentimento de que ele gostaria de pegar ela e apressar a sua saída da sala. Phillip sempre agia como o irmão protetor quando James estava por perto. – Então como está Jacklyn e Michaela? – ele acrescentou suavemente.

James considerou.

– Bem, eu realmente não sei.

– Você não sabe? Ah, sim, você sempre larga as suas namoradas pouco antes das férias de verão. Deixa-o livre para manobra, certo?

– Claro. – disse James maliciosamente. Ele sorriu.

Phillip brilhava de ódio.

Poppy, particularmente, se encheu de alegria. Adeus, Jacklyn; adeus Michaela. Adeus para Jacklyn das elegantes e longas pernas e para Michaela dos incríveis peitos. Esse ia ser um maravilhoso verão.

Muitas pessoas pensaram que Poppy e James tinham um relacionamento platônico. Isto não era verdade. Poppy sabia há anos que ia casar com ele. Foi uma das suas duas grandes ambições, sendo que a outra era ver o mundo. Ela só não tinha avisado James ainda. Agora mesmo ela pensava que ele ainda gostava de meninas com pernas longas com unhas feitas no salão e bombas italianas.

– Será que é um novo CD? – disse ela, para distraí-lo do olhar do seu futuro cunhado.

James pegou ele.

– E o novo Ethnotechno comunicado.

Poppy ficou radiante.

– Mais cantores de Tuva – eu não posso *esperar*. Vamos ouli-la. – mas justo quando sua mãe entrou. A mãe de Poppy era legal, loira, e perfeita, como uma heroína de Alfred Hitchcock. Ela normalmente usa uma expressão de forte eficiência. Poppy, se preparando para sair da cozinha, quase bate com ela.

– Desculpa – dia!

– Espere um minuto! – disse a mãe de Poppy, segurando ela pela parte de trás de sua camisa. – Bom dia, Phil; bom dia, James. – ela acrescentou. Phil disse bom dia e James acenou com a cabeça, ironicamente educado.

– Todos já comeram? – a mãe de Poppy perguntou, e quando os meninos disseram que sim, ela olhou para a filha dela. – E quanto a você? – ela perguntou encarando o rosto de Poppy.

Poppy tentou esconder a caixa de Frosted Flakes e sua mãe viu.

– Por que você não vai, pelo menos, colocar um pouco de leite sobre elas?

– Melhor assim. – disse Poppy firme, mas quando a mãe dela deu-lhe um pequeno empurrão em direção a geladeira, ela correu e pegou uma embalagem de leite.

– O que você está planejando fazer com o seu primeiro dia de liberdade? – a mãe dela disse, os olhos de James para Poppy.

– Oh, eu não sei. – Poppy olhou James – Ouvir algumas músicas; talvez ir até as montanhas? Ou dirigir até a praia?

– O que você quiser. – disse James – Nós temos todo o verão.

O verão se esticava a frente de Poppy, quente e dourado e resplandecente. Cheirava como cloro de piscina e sal marinho; parecia erva quente sob suas costas. Três longos meses, ela pensava. Isto é para sempre. Três meses são para sempre.

Era estranho pensar que ela estava realmente presente quando aconteceu.

– Podemos verificar as novas lojas no Village... – ela estava começando, quando de repente a dor a atingiu e prendeu sua respiração na garganta.

Era mal... uma profunda torção de agonia que a fez se dobrar. A embalagem de leite escapou de seus dedos e tudo ficou cinza.

Capítulo 2

POR VANESSA

– Poppy! – Poppy podia ouvir a voz de sua mãe, mas ela não podia ver nada. O piso da cozinha estava obscurecido pela dança dos pontos pretos.

- Poppy você está bem? - agora Poppy sentia as mãos de sua mãe agarrarem a parte superior do braço, segurando-lhe ansiosamente. A dor foi aliviando e sua visão estava voltando.

Como estava meio curvada para cima, ela viu James na sua frente. Seu rosto era quase inexpressivo, mas Poppy o conhecia bem o suficiente para reconhecer a preocupação nos olhos dele. Ele estava segurando a embalagem de leite, ela percebeu. Ele deve ter apanhado quando ela caiu... reflexos espantosos, Poppy pensou vagamente. Realmente incrível.

Phillip estava em seus pés.

-- Você está bem? O que aconteceu?

-- Eu não sei. – Poppy olhou ao redor, então corou, envergonhada. Agora que se sentia melhor ela desejava que todos parassem de olhar para ela tão difícil. A maneira de lidar com a dor era de ignorá-la, para não pensar nisso.

-- É só essa estúpida dor... eu acho que é gastrite. Você sabe, algo que eu comi.

A mãe de Poppy lhe deu um pouco de shake.

-- Poppy isto não é gastrite. Você estava com alguma dor antes, quase um mês atrás, não foi? É o mesmo tipo de dor?

Poppy se sentou desconfortavelmente. Por uma questão de fato, a dor realmente nunca tinha ido embora. De alguma maneira, na poluição das atividades de fim de ano, ela havia conseguido abstrair-lo, e até agora ela foi usada para trabalho em torno dela.

-- Mais ou menos. – ela temporizou – Mas...

Isso foi suficiente para a mãe de Poppy. Ela deu a Poppy um pequeno aperto e se dirigiu para o telefone da cozinha.

-- Eu sei que você não gosta de médicos, mas estou chamando o Dr. Franklin. Eu quero que ele de uma olhada em você. Isto é algo que não podemos ignorar.

-- Ah, mãe, são as férias...

Sua mãe cobriu o bocal do telefone.

-- Poppy esta é minha última palavra. Vá se vestir.

Poppy gemeu, mas ela pode ver que não adiantou. Ela se voltou para James, que estava olhando pensativamente para algum lugar distante.

--Vamos, pelo menos, ouvir o CD antes de eu ter que ir.

Ele olhou de relance para o CD com se tivesse esquecido dele, e baixou a embalagem de leite. Phill o seguiu para o corredor.

-- Ei, amigo, você espera aqui fora, enquanto ela se veste.

James se virou.

-- Tenha uma vida, Phil. – disse ele quase ausente.

-- É só você manter suas mãos longe da minha irmã.

Poppy balançou sua cabeça quando entrou em seu quarto. Como se James se preocupasse sobre olhar ela despida. *Antes fosse*, ela pensou chateada, puxando um par de calças de uma gaveta. Ela pisou dentro deles, continuando a balançar a cabeça. James era seu amigo, seu melhor amigo, e ela era dele. Mas ele nunca mostrou até mesmo a menor vontade de colocar as mãos nela. Algumas vezes ela se perguntou se ele percebeu que ela era uma garota.

Algum dia eu vou *fazer* ele ver, ela pensava, e gritou porta a fora por ele.

James entrou e sorriu para ela. Foi um sorriso que outras pessoas raramente viam, não um insulto ou um sorriso irônico, mas um belo sorriso, ligeiramente torto.

-- Desculpa sobre a coisa do médico. – ela disse.

-- Não, você deve ir. – James lhe lançou um forte olhar. – Sua mãe está certa, você sabe. Isso já tem durado muito tempo. Você perdeu peso, isso a está mantendo acordada durante a noite...

Poppy olhou para ele, assustada. Ela não disse a ninguém que a dor era pior durante a noite, nem mesmo James. Mas... James, por vezes apenas sabia coisas. Como se ele pudesse ler sua mente.

-- Eu apenas a conheço, isso é tudo. – ele disse, e depois lhe lançou um olhar de lado como ela havia feito. Ele desempacotou o CD.

Poppy corou e se jogou sobre sua cama, olhando para o teto.

-- De qualquer jeito eu queria que minha mãe me deixasse ter um dia de férias. – ela disse. Ela dobrou o pescoço para olhar para James. – Eu gostaria de ter uma mãe como a sua. A minha está sempre preocupada e tentando me corrigir.

-- A minha não se importa realmente se eu vir ou ir. Portanto, qual é pior? – ele disse.

-- Seus pais permitem que você tenha seu próprio apartamento.

-- Em um prédio deles próprios. Porque é mais barato do que contratar um gerente. – James balançou a cabeça, seus olhos no CD que ele estava colocando no som. – Não bata nos seus pais, garoto. Você tem mais sorte do que você sabe.

Poppy pensou sobre isso quando a música começou. Tanto ela quanto James gostavam dela... o som metro eletrônico que vinha da Europa. James gostou da batida do tecno. Poppy amou porque era música real, crua e natural, feita por pessoas que acreditaram nele. Pessoas que tinham a paixão, e não pessoas que tinham o dinheiro.

Além disso, músicas do mundo fazia ela sentir uma parte de outros lugares. Ela adorava o diferente dele, o estrangeiro.

Parando para pensar sobre isso, talvez, esse tenha sido o motivo para ela gostar de James também. Ele era diferente. Ela inclinou a cabeça para olhar para ele como o estranho ritmo do Burundi encheu o ar.

Ela conhecia James melhor do que ninguém, mas sempre houve algo, alguma coisa sobre ele que estava fechado para ela. Alguma coisa sobre ele, que ninguém podia chegar.

Outras pessoas o examinaram como arrogante, ou frio, ou exibido, mas não foi realmente nenhuma dessas. Foi só... diferente. Ele era mais diferente do que qualquer aluno de intercâmbio na escola. Tempo após tempo, ela achou que podia colocar o dedo sobre a diferença, mas ele sempre desaparecia. E mais de uma vez, especialmente à noite, quando foram ouvir música ou ver o oceano, ela sentiu que ele estava prestes a lhe dizer. E ela sempre sentiu que se ele não queria contar a ela, seria algo importante, algo tão chocante e linda como ter um gato estático falando com ela.

Só agora ela olhou para James, no seu lindo, esculpido perfil e, o cabelo de ondas castanhas na sua testa e pensou, Ele parece triste.

-- Jamie, não há nada de errado, não é? Quero dizer, em casa ou alguma coisa? – Ela era a única pessoa no planeta que chamava ele de Jamie. Nem mesmo Jacklyn ou Michaela já tinham tentado isso.

-- O que pode estar errado em casa? – ele disse, com um sorriso que não chegou em seus olhos. Então ele balançou a cabeça disciplinadamente. – Não se preocupe, Poppy. Na~é nada importante, apenas um parente ameaçando visitar. Um parente indesejado. – Então, o sorriso chegou em seus olhos, brilhando lá. – Ou talvez eu esteja apenas preocupado com você. – ele disse.

Poppy começou a dizer: “Oh, com se”, mas instantaneamente ela se encontrou dizendo, curiosamente:

-- Você realmente está?

Sua gravidade pareceu golpear alguma corda. Seu sorriso desapareceu, e Poppy descobriu que eles estavam simplesmente olhando um para o outro, sem qualquer humor isolante entre eles. Apenas olhando em cada um dos olhos. James olhou incerto, quase vulnerável.

-- Poppy...

Poppy engoliu.

-- Sim?

Ele abriu sua boca, e então ele se levantou bruscamente e se deslocou para ajustar os seus alto falantes de 170 watts de altura. Quando ele virou para trás, seus olhos cinza estavam escuros e insondáveis.

-- Claro, se você ficasse realmente doente, eu ia ficar preocupado. – afirmou levemente. – É pra isso que serve os amigos, certo?

Poppy esvaziou.

-- Certo. – disse ela meio pra baixo, e em seguida, deu-lhe um sorriso determinado.

-- Mas você não está doente. – disse ele. – É só algo que precisa de atenção e cuidado. O médico provavelmente vai lhe dar alguns antibióticos ou algo assim, com uma grande agulha. – ele acrescentou maldosamente.

-- Ah, cala a boca. – Poppy disse. Ele sabia que ela tinha pavor de injeções. Só o pensamento de uma agulha entrando em sua pele...

-- Sua mãe está vindo. – Disse James, olhos na porta, que estava entreaberta. Poppy não viu como ele podia ouvir alguém vindo... a música estava tão alta e o corredor estava atarefado. Mas um instante depois sua mãe empurrou a porta aberta.

-- Tudo bem querida. – disse ela vivamente. – Dr.Franklin disse que vai vir direto. Desculpa, James, mas eu estou indo ter que remover Poppy.

-- Está tudo bem. Posso voltar essa tarde.

Poppy sabia quando ela estava derrotada. Ela permitiu que a mãe dela lhe reboca-se para a garagem, ignorando a mímica de James de alguém recebendo uma grande injeção.

Uma hora depois ela estava mentindo para o DrFranklin em cima da mesa de exame, evitando seus olhos polidos quando seus dedos delicados examinavam seu abdômen. Dr.Franklin era alto, magro e sem graça, com um ar de um doutor de país. Alguém que pode confiar em absoluto.

-- A dor é aqui? – ele disse

-- Sim... mas ele vai mais para trás. Ou talvez eu puxei um músculo para trás ou algo parecido...

Os gentis, dedos que me sondavam, então pararam. O rosto do Dr.Franklin mudou. E de algum modo, naquele momento, Poopy sabia que não era um músculo puxado. Não era estômago virado, não era qualquer coisa simples, e as coisas estavam prestes a mudar para sempre.

Tudo o que o Dr.Franklin disse foi:

-- Você sabe, eu gostaria de mandar ela fazer um teste.

Sua voz era seca e pensativa, mas o pânico começou a cercar Poppy de qualquer maneira. Ela não podia explicar o que estava acontecendo em seu interior... uma espécie de terrível premonição, como se um buraco negro estivesse se abrindo no chão a sua frente.

-- Por quê? - a mãe dela estava pedindo ao seu médico.

-- Bem. - Dr.Franklin sorriu e empurrou seus óculos para cima. Ele bateu dois dedos em cima da mesa de exame. – Só como parte de um processo de eliminação, de verdade. Poppy diz que ela tem sentido dor na parte superior de seu abdômen, dor que irradia a sua volta, dor que é pior à noite. Ela perdeu o apetite recentemente, e ela perdeu peso. E a sua vesícula biliar é palpável... que significa que eu posso sentir que ele está ampliado. Agora, esses são os sintomas de um monte de coisas e um ecografia vai ajudar a eliminar alguns deles.

Poopy se acalmou. Ela não podia se lembrar o que era uma vesícula biliar, mas ela tinha certeza que era bonita, e não precisava dela. Tudo que envolve um órgão com esse tipo de nome não poderia ser grave. Dr.Franklin continuou, falando sobre o pâncreas e pancreatite e fígados palpáveis, e a mãe de Poppy estava assentido como se compreendesse. Poopy não compreendia, mas o pânico se foi. Foi como se uma tampa tivesse sido colocada sobre o buraco negro, não deixando nenhum sinal de que ele já tinha estado lá.

-- Você pode começar com o ecografia feito no Children's Hospital do outro lado da rua. – dizia o Dr.Franklin. - Volte aqui depois de terminado.

A mãe de Poopy estava assentindo, calma, séria e eficiente. Como Phil. Ou Cliff. Ok, nós começaremos com estes cuidados tomados.

Poopy sentiu-se ligeiramente importante. Ninguém que ela conhecia tinha ido a um hospital para fazer testes.

Sua mãe passou a mão no cabelo dela, quando o Dr.Franklin saiu.

-- Bem querida. O que você fez a si mesma agora?

Poopy sorriu. Ela estava totalmente recuperada da preocupação anterior.

--Talvez eu tenha que fazer uma operação e vou acabar com uma cicatriz bem interessante.– disse ela, para divertir a mãe dela.

-- Esperemos que não. – disse sua mãe.

A Suzanne G. Monteforte Hospital Infantil era um belo prédio cinza com curvas sinuosas e janelas gigantes do retrato. Poppy olhou pensativamente para a loja em que passou. Foi claramente um garoto da loja, cheio de arco-íris e animais espalhados que um visitante como um adulto poderia comprar um presente de última hora.

Uma menina saiu da loja. Ela era um pouco mais velha que Poopy, talvez dezessete ou dezoito. Ela era bonita, com um habilmente inventado rosto e um belo lenço estampado que não escondia o fato de que ela não tinha cabelo. Ela parecia feliz, bochechas redondas, com brincos vividamente pendentes abaixo do lenço estampado - mas Poopy sentiu uma pontada de simpatia.

Simpatia... e medo. Aquela garota estava realmente doente. Para que serviam hospitais, naturalmente - para pessoas realmente doentes. De repente Poppy queria fazer logo seus testes e cair fora daqui.

A ecografia não foi doloroso, mas foi vagamente perturbador. Um técnico manchou algum tipo de geléia sobre o meio de Poppy e, em seguida, passou um scanner frio sobre ele, ondas sadias disparando nela, tirando fotos de suas entranhas. Popy encontrou sua mente retornando para à menina bonita, sem cabelo.

Para se distrair, ela pensou em James. E por alguma razão o que à mente foi a primeira vez que viu James, o dia que ele chegou ao jardim de infância. Tinha sido um pálido, menino ligeiro com grandes olhos cinzento e subitamente algo estranho com ele que fez os garotos maiores mexerem com ele imediatamente. No parquinho, um grupo o cercou como raposas em cima de um coelho – até que Poppy viu o que estava acontecendo.

Mesmo contra cinco ela tinha um grande gancho de direita. Ela arrebentou o grupo, golpeando as caras e os fazendo retroceder até que os garotos fugiram. Então ela se virou para James.

-- Quer ser meu amigo?

Após uma breve hesitação ele assentiu tímido. Havia algo estranhamente doce em seu sorriso.

Mas poppy logo descobriu que seu novo amigo era estranho de pequenas formas. Quando o lagarto da classe morreu, ele pegou o cadáver, sem revolta e perguntou a Poopy se ela queria segurá-lo. O professor ficou horrorizado.

Ele sabia onde encontrar animais mortos, também - tinha-lhe mostrado um lote vago aonde diversas carcaças de coelhos havia sido colocado na grama marrom alta.

Quando ficou mais velho, as crianças mais velhas pararam de mexer com ele. Ele cresceu para ser tão alto quanto qualquer um deles, e surpreendente rápido e forte, e ele desenvolveu uma reputação de ser duro e perigoso. Quando ele fica zangado, algo quase assustador brilha em seus olhos cinzentos.

Ele nunca ficou irritado com Poopy, apesar de tudo. Eles permaneceram melhores amigos durante todos esses anos. Quando eles tinham chegado ao júnior high, ele começou a ter namoradas, todas as garotas da escola, queria ele, mas ele nunca manteve qualquer uma delas por muito tempo. E nunca confiou nelas, para elas era um mistério, menino mau secreto. Apenas Poopy viu o outro lado dele, o vulnerável, o carinhoso.

-- Ok. – disse o técnico, trazendo Poopy para o presente com um empurrão.
– Você está feito, agora vamos limpar essa geléia de você.

-- Então, o que ele mostrou? – Poopy perguntou, levantando os olhos até o monitor.

-- Oh, o seu médico irá lhe dizer. O radiologista irá ler os resultados e chamá-los ao seu consultório médico. – a voz do técnico era absolutamente neutra – tão neutra que Poopy olhou para ele acentuadamente.

De volta ao escritório do Dr.Franklin, Poopy se remexia enquanto sua mãe paginava revistas fora de prazo. Quando a enfermeira disse:

-- Sra.Hilgard. – ambas se levantaram. – Uh... não. – a enfermeira disse, olhando frustada. - Sra.Hilgard, o médico só quer ver você por um minuto... sozinha.

Poopy e sua mãe se olharam. Então lentamente, a mãe de Poppy abaixou a revista *People* e seguiu a enfermeira.

Poppy olhou fixamente para ela.

Agora, onde na *terra*... Dr.Franklin nunca tinha feito *isso* antes.

Poppy percebeu que seu coração estava batendo difícil. Não rápido, só difícil. Bang... bang... bang, no meio do seu peito, agitando suas entranhas. Fazendo ela se sentir irreal e inconstante.

Não pense nisso. Provavelmente não é nada. Leia uma revista.

Mas seus dedos não parecem funcionar direito. Quando ela finalmente abriu uma revista, seus olhos atropelavam as palavras sem levá-los a seu cérebro.

Sobre o que eles estão falando lá dentro? O que está acontecendo? Já faz tanto tempo...

Ficaram por muito tempo. Como Poppy esperou, ela encontrou a si mesma indecisa entre dois modos de pensamento. 1) Nada grave estava errado com ela e sua mãe estava indo para sair e rir com ela sobre tudo o que aconteceu, e 2) Algo terrível estava errado com ela e ele teria que passar por um tratamento horrível para ficar boa. O buraco coberto e o buraco descoberto. Quando o buraco foi coberto, ela se sentiu embaraçada por ter tais pensamentos melodramáticos. Mas

quando foi aberto, ela sentiu como se toda a sua vida anterior tivesse sido um sonho, e agora ela estava batendo na dura realidade finalmente.

Eu gostaria de poder ligar para James, ela pensou.

Por último, a enfermeira disse:

-- Poppy? Pode entrar.

O escritório do Dr. Franklin tinha painéis de madeira, com certificados e diplomas pendurados nas paredes. Poppy se sentou numa cadeira de couro e tentou não ser muito óbvia sobre a exploração no rosto de sua mãe.

Sua mãe parecia... bem calma. Calma com tensão embaixo. Ela estava sorrindo, mas era estranho, um sorriso inseguro.

Oh, Deus, Poppy pensou. Algo *está* acontecendo.

-- Agora, não há motivo para alarme. – disse o médico e imediatamente Poppy ficou alarmada. Suas palmas presas nos braços da cadeira de couro. – Algo apareceu em sua ecografia que é um pouco fora do usual. E eu gostaria de fazer um par de outros testes. – Dr. Franklin disse, sua voz lenta e medida. – Um dos testes requer que você fique sem comer depois da meia-noite do dia em que for fazê-lo. Mas sua mãe disse que você ainda não comeu hoje.

Mecanicamente Poppy disse:

-- Eu comi um Frosted Flake.

-- Um Frosted Flake? Bem, acho que nós podemos contar como jejum. Nós vamos fazer os testes hoje, e eu penso que seria melhor admitir você no hospital para eles. Agora os exames são um chamado CAT scan e um ERCP... que ainda é curto para algo que não posso pronunciar. – ele sorriu. Poppy só olhou para ele. – Não há nada assustador sobre qualquer um destes testes. – disse ele suavemente. – O CAT scan é como um raio x. O ERCP envolve passar um tubo garganta abaixo, através do estômago, e no pâncreas. Então nós injetamos um líquido no tubo que vai aparecer no raio x...

Sua boca continuava se movendo, mas Poppy não ouvia mais as palavras. Ela estava mais assustada do que ela podia se lembrar estar em um longo tempo.

Eu estava brincando sobre a cicatriz interessante, ela pensava. Eu não quero uma *verdadeira* doença. Eu não quero ir para o hospital, e eu não quero nenhum tubo para baixo da minha garganta.

Ela olhou para a mãe dela numa apelação muda. Sua mãe tocou sua mão.

-- Não é grande coisa, querida. Nós só vamos voltar para casa e pegar algumas coisas para você, então vamos voltar.

-- Eu tenho que ir para o hospital hoje?

-- Acho que seria o melhor. – disse Dr. Franklin.

Poppy apertou a mão de sua mãe. Sua mente era um branco sussurrante.

Quando elas deixaram o escritório, sua mãe disse:

-- Obrigada, Owen. – Poppy nunca ouviu chamarem o Dr. Franklin pelo seu primeiro nome antes.

Poppy não perguntou por que. Ela não disse nada, quando saíram do prédio e entraram no carro. Como estavam indo para casa, sua mãe começou a conversar sobre coisas normais do dia, voz calma, e Poppy se obrigou a responder. Fingindo

que estava tudo normal, enquanto o tempo todo o terrível sentimento da doença rangia dentro dela.

Foi somente quando estavam no seu quarto, empacotando misteriosos livros e pijamas de algodão em uma pequena mala, que ela perguntou quase casualmente.

-- Então, o que exatamente ele acha que está errado comigo?

Sua mãe não respondeu imediatamente. Ela estava olhando para a mala. Finalmente ela disse:

-- Bem, ele não tem certeza de que algo está errado.

-- Mas o que ele *pensa*? Ele deve achar alguma coisa. E ele estava falando sobre meu pâncreas... quero dizer, parece que ele acha que há algo errado com meu pâncreas. Pensei que ele estava olhando para minha vesícula biliar ou sei lá o que seja. Eu nem sequer sabia que o meu pâncreas estava envolvido nesse processo...

-- Querida. - sua mãe lhe tocou nos ombros e Poppy percebeu que estava ficando exausta. Ela deu um profundo suspiro.

-- Eu só quero saber a verdade, ok? Eu só quero ter alguma idéia do que está acontecendo. É o meu corpo e eu tenho o direito de saber o que estão procurando... não tenho?

Foi um discurso corajoso e ela não quis dizer nada. O que ela realmente queria era resseguro, uma promessa que Dr.Franklin estava procurando algo trivial. Que o pior que poderia acontecer não seria assim tão mau. Ela não entendia.

-- Sim, você tem o direito de saber. – ela soltou um longo suspiro e, em seguida, falou lentamente. – Poopy, o Dr.Franklin estava interessado em seu pâncreas o tempo todo. Aparentemente, coisas que acontecem no pâncreas pode causar mudanças em outros órgãos, com a vesícula biliar e o fígado. Quando o Dr.Franklin sentiu essas mudanças, ele decidiu verificar as coisas com uma ecografia.

Poppy engoliu.

-- E ele disse que a ecografia foi... incomum. Como incomum?

-- Poopy, tudo isso é preliminar... – sua mãe viu sua cara e suspirou. Ela foi relutante. – A ecografia mostrou que pode haver algo em seu pâncreas. Algo que não deveria estar lá. É por isso que o Dr.Franklin quer os outros testes, que vai nos dizer com certeza. Mas...

-- Algo que não deveria estar lá? Você quer dizer... como um tumor? Como... câncer? - estranho, era difícil dizer as palavras.

Sua mãe acenou com a cabeça.

-- Sim. Como câncer.

Capítulo 3

POR JULIANA

Tudo em que Poppy conseguiu pensar foi naquela linda garota careca na loja de presentes.

Câncer.

“Mas – mas eles podem fazer algo em relação a isso, não podem?” ela disse, e até mesmo para seus próprios ouvidos sua voz soava muito jovem. “Quero dizer – se eles tiverem que, eles podem retirar o meu pâncreas...”

“Ah, querida, *é claro*.” A mãe de Poppy tomou Poppy em seus braços. “Eu te prometo; se tiver algo errado, nós faremos qualquer coisa e tudo para consertar. Eu irei até o fim do mundo para deixá-la melhor.

Você *sabe* disso. E nesse momento nem temos certeza se algo *está* errado. O Dr. Franklin disse que é extremamente raro que adolescentes tenham um tumor no pâncreas. Extremamente raro. Então não vamos nos preocupar com coisas até que realmente tenhamos que.”

Poppy se sentiu relaxar; o buraco foi coberto novamente. Mas em algum lugar perto de seu coração ela ainda se sentia fria.

“Eu tenho que ligar para o James.”

Sua mãe concordou. “Mas rápido.”

Poppy manteve seus dedos cruzados enquanto discava para o apartamento de James. Por favor esteja aí, por favor *esteja* aí, ela pensou. E para variar, ele estava. Ele respondeu laconicamente, mas assim que ouviu a voz dela, ele disse, “O que tem de errado?”

“Nada – bem, tudo. Talvez.” Poppy ouviu a si mesma soltar um tipo selvagem de risada.

Não era exatamente uma risada.

“O que aconteceu?” James disse severamente. “Você brigou com o Cliff?”

“Não. O Cliff está no escritório. E eu vou para o hospital.”

“Por quê?”

“Eles acham que eu posso ter câncer.”

Era um tremendo alívio dizer isso, um tipo de liberação emocional. Poppy riu novamente.

Silêncio na outra ponta da linha.

“Alô?”

Eu estou aqui,” James disse. Então ele disse, “Eu estou indo para aí.”

“Não, não há razão. Eu tenho que ir em um minuto.” Ela esperou por ele dizer que iria e a veria no hospital, mas ele não disse.

“James, você faria uma coisa por mim? Você descobriria o quanto conseguir sobre câncer no pâncreas? Só por precaução.”

“É isso o que eles acham que você tem?”

“Eles não sabem com certeza. Eles estão fazendo alguns testes. Eu espero que eles não tenham que usar nenhum agulha.” Outra risada, mas do lado de dentro ela estava vacilando. Ela queria que James dissesse algo reconfortante.

“Eu verei o que posso descobrir na internet.” Sua voz estava sem emoção, quase sem expressão.

“E então você pode me ligar mais tarde – eles provavelmente vão te deixar me ligar do hospital.”

“É.”

“Está bem, eu tenho que ir. Minha mãe está esperando.”

“Cuide-se.”

Poppy desligou, sentindo-se vazia. Sua mãe estava parada na entrada.

“Vamos, Poppy. Vamos embora.”

James sentou-se muito quieto, olhando para o telefone sem vê-lo.

Ela estava assustada, e ele não podia ajudá-la. Ele nunca fora muito bom em bate-papos inspiracionais. Não estava, ele pensou carrancudamente, em sua natureza. Para dar conforto você tinha que ter uma visão confortante do mundo. E James tinha visto demais do mundo para ter qualquer ilusão.

Ele conseguia lidar com fatos, contudo. Empurrando para o lado uma pilha de entulhos variados, ele ligou seu laptop e conectou a Internet.

Dentro de minutos ele estava usando o Gopher para procurar no Instituto Nacional do Câncer, o CancerNet. O primeiro arquivo que ele achou estava listado como “Câncer pancreático_Paciente.” Ele o escaneou. Coisas sobre o que o pâncreas fazia, estágios da doença, tratamentos. Nada muito pavoroso.

Então ele foi para “Câncer pancreático_Médico” – um arquivo destinado à médicos. A primeira linha o deixou paralizado.

Câncer do pâncreas exócrino raramente é curável.

Seus olhos relancearam as linhas. *Taxa de sobrevivência geral... metástase... resposta fraca a quimioterapia, terapia de radiação e cirurgia... dor...*

Dor. Poppy era corajosa, mas enfrentar dor constante esmagaria qualquer um. Especialmente quando a previsão do futuro era tão desoladora.

Ele olhou para o topo do artigo novamente. Taxa de sobrevivência geral era menos que três por cento. Se o câncer tivesse se espalhado, menos que um por cento. Devia haver mais informação. James foi procurar novamente e encontrou diversos artigos de jornais e revistas médicas. Eles eram até piores do que o arquivo do INC.

A dominante maioria dos pacientes morre, e morre rapidamente, os especialistas dizem. . . . Câncer pancreático é geralmente inoperável, rápido, e debilitantemente doloroso. . . . A média de sobrevivência se o câncer tiver se espalhado pode ser de três semanas a três meses...

Três semanas a três meses.

James encarou a tela do laptop. Seu peito e garganta pareciam apertados; sua visão estava embaçada. Ele tentou controlar isso, dizendo a si mesmo que nada

estava certo ainda. Poppy estava fazendo testes; isso não significava que ela *tinha* câncer.

Mas as palavras soaram ocamente em sua mente. Ele sabia há algum tempo que havia algo errado com Poppy. Algo estava – incomodado – dentro dela. Ele tinha sentido que os ritmos do corpo dela estava ligeiramente desestabilizados; ele conseguia dizer que ela estava perdendo o sono. E a dor – ele sempre sabia quando a dor estava lá. Ele só não tinha percebido o quão séria era.

Poppy sabe, também, ele pensou. Lá no fundo, ela sabe que algo muito ruim está acontecendo, ou ela não teria pedido a ele para descobrir isso. Mas o que ela espera que eu faço, vá até lá e diga à ela que ela vai morrer em poucos meses?

E eu tenho que ficar e assistir isso?

Seus lábios recuaram ligeiramente em seus dentes. Não um sorriso bonito, mas como uma careta selvagem. Ele tinha visto muitas mortes em dezessete anos. Ele conhecia os estágios da morte, conhecia a diferença entre o momento em que a respiração parava e o momento em que o cérebro se desligava; conhecia a palidez fantasmagórica inconfundível de um cadáver fresco. O jeito como os globos oculares se aplanavam por volta de cinco minutos depois da expiração. Agora, esse é um detalhe com que a maioria das pessoas não está familiarizada. Cinco minutos depois que você morre, seus olhos se aplanam e ficam nebulosamente cinzas. E então o seu corpo começa a encolher. Você realmente fica menor.

Poppy já era tão pequena.

Ele sempre tivera medo de machucá-la. Ela parecia tão frágil, e ele conseguia machucar alguém muito mais forte se não tomasse cuidado. Essa era uma das razões pela qual ele mantinha uma certa distância entre eles.

Uma das razões. Não a principal.

A outra era algo que ele não conseguia exprimir, nem mesmo para si próprio. O deixava bem na beirada do proibido. Encarar as regras que tinham sido impregnadas neles desde o nascimento.

Nenhuma das Pessoas da Noite podia se apaixonar por um humano. A sentença por quebrar a regra era a morte.

Não importava. Ele agora sabia o que tinha que fazer. Onde tinha que ir.

Fria e precisamente, James saiu da internet. Ele ficou de pé, pegou seus óculos de sol, colocou-os no lugar. Saiu na luz cruel de junho, batendo sua porta de apartamento atrás de si.

Poppy olhou ao redor do quarto de hospital infeliz. Não havia nada tão terrível sobre ele, exceto que era frio demais, mas... era um hospital. Essa era a verdade por trás das bonitas cortinas rosas-e-azuis e a tv aberta e o cardápio de jantar decorado com personagens de desenhos animados. Era um lugar para o qual você não vinha a não ser que estivesse Realmente Muito Doente.

Ah, vamos lá, ela disse à si mesma. Anime-se um *pouquinho*. O que aconteceu com o poder do pensamento Poppytivo? Onde está Poppyanna quando você precisa dela? Onde está Mary Poppy-ins?

Deus, eu estou até *me* fazendo vomitar, ela pensou.

Mas ela se encontrou sorrindo fracamente, com um humor autodepreciativo ao menos. E as enfermeiras *eram* legais aqui, e a cama era extremamente legal. Tinha um controle remoto no lado que se curvava em cada posição imaginável.

Sua mãe entrou enquanto ela estava brincando com ele.

“Eu falei com Cliff; ele virá para cá mais tarde. Enquanto isso, eu acho que é melhor você se trocar para estar pronta para os seus testes.”

Poppy olhou o robe do hospital listrado de azul-e-branco e sentiu um doloroso espasmo que pareceu percorrer do seu estômago até suas costas. E algo nas profundezas dela disse, *Por favor, ainda não. Eu nunca estarei pronta.*

James estacionou seu Integra em uma vaga de estacionamento na Rua Ferry perto de Stoneham. Não era uma parte boa da cidade. Turistas visitando Los Angeles evitavam essa área.

O prédio estava afundando e decrepito. Diversos andares estavam vagos, com papelão colado nas janelas quebradas. Grafite cobria a tinta descascada nas paredes de bloco de cimento.

Até mesmo a poluição parecia mais espessa aqui. O próprio ar parecia amarelo e nauseante. Como uma miasma venenosa, ele escurecia o mais brilhante dos dias e fazia tudo parecer irreal e ominoso.

James andou ao redor até a parte de trás do prédio. Ali, entre as entradas de carga das lojas na frente, uma porta não estava marcada por grafite. O sinal acima dela não tinha palavras.

Somente uma figura de uma flor negra.

Uma íris negra.

James bateu. A porta se abriu cinco centímetros, e um garoto magrelo em uma camiseta amassada espiou com olhos pequenos e brilhantes.

“Sou eu, Ulf,” James disse, resistindo à tentação de chutar a porta. Lobisomens, ele pensou. Por que eles tinham que ser tão territoriais?

A porta abriu só o bastante para deixar James entrar. O garoto magrelo olhou suspeitosamente para fora antes de fechá-la de novo.

“Vá marcar um hidrante ou algo,” James sugeriu por cima do ombro.

O lugar parecia como uma cafeteria pequena. Uma sala escurecia com pequenas mesas redondas se comprimiam de lado a lado, cercadas por cadeiras de madeira. Havia algumas pessoas dispersas sentadas, todas se parecendo com adolescentes. Dois caras estavam jogando sinuca nos fundos.

James foi até uma das mesas redondas onde uma garota estava sentada. Ele tirou seus óculos de sol e se sentou.

“Oi,

Gisèle.”

A garota olhou para cima. Ela tinha cabelo escuro e olhos azuis. Olhos oblíquos e misteriosos que pareciam ter sido desenhados com delineador preto – estilo Egito antigo.

Ela parecia com uma bruxa, o que não era nenhuma coincidência.

“James. Senti sua falta.” Sua voz estava suave e rouca. “Como tem passado esses dias?”

Ela entrelaçou suas mãos ao redor da vela apagada na mesa e fez um rápido movimento como se estivesse soltando um pássaro capturado. Enquanto suas mãos se afastavam, o pavio da vela incendiou.

“Ainda lindo como sempre,” ela disse, sorrindo para ele na luz dourada dançante.

“Isso vale para você, também. Mas a verdade é que, estou aqui a negócios.”

Ela arqueou uma sobrancelha. “Você não está sempre?”

“Isso é diferente. Eu quero saber... a sua opinião profissional em algo.”

Ela estendeu suas mãos delgadas, unhas prateadas brilhando na chama da vela. Em seu dedo indicador estava um anel com uma dália negra. “Meus poderes estão a sua disposição. Há alguém que você queira amaldiçoar? Ou talvez você queira atrair boa sorte e prosperidade. Eu sei que você não deve precisar de um feitiço do amor.”

Eu quero um feitiço – para curar uma doença. Eu não sei se precisa ser específico para a doença, ou se algo mais geral iria funcionar. “Um – feitiço de saúde geral. . .”

“James.” Ela deu uma risada preguiçosa e colocou uma mão na dele, acariciando levemente. “Você está mesmo chateado, não? Eu nunca te vi desse jeito.”

Era verdade; ele estava passando por uma enorme perda de controle. Ele lutou contra ela, disciplinando-se para ficar perfeitamente quieto.

“De que doença em particular estamos falando?” Gisèle perguntou, quando ele não falou novamente.

“Câncer.”

Gisèle jogou sua cabeça para trás e riu. “Você está me dizendo que a sua espécie pode ter câncer? Eu não acredito nisso. Coma e respire o quanto quiser, mas não tente me convencer que os vampiros tem doenças humanas.”

Essa era a parte difícil. James disse silenciosamente, “A pessoa com a doença não é da minha espécie. Ela tampouco é da sua. Ela é humana.”

O sorriso de Gisèle desapareceu. Sua voz não estava mais rouca ou preguiçosa quanto ela disse, “Uma forasteira? *Gentalha*? Você está louco, James?”

“Ela não sabe nada sobre mim ou o Mundo da Noite*. Eu não quero quebrar nenhuma regra. Eu só quero ela bem.”

Os olhos azuis oblíquos estavam investigando seu rosto. “Tem certeza de que já não quebrou nenhuma regra?” E quando James pareceu determinado a não entender isso, ela acrescentou em uma voz mais baixa, “Tem certeza de que não está apaixonado por ela?”

James forçou-se a encontrar o olhar sondador diretamente. Ele falou suave e perigosamente. “Não diga isso a menos que queira brigar.” Gisèle desviou o olhar. Ela brincou com seu anel. A chama da vela definhou e morreu.

“James, eu te conheço há muito tempo,” ela disse sem olhar para cima. “Eu não quero lhe causar problemas. Eu acredito quando você diz que não quebrou

nenhuma regra – mas eu acho que é melhor que ambos esqueçamos essa conversa. Simplesmente saia agora e eu fingirei que isso nunca aconteceu.”

“E o feitiço?”

“Não há tal coisa. E se houvesse, eu não o ajudaria. Simplesmente vá.”

James foi.

Havia uma outra possibilidade em que ele conseguiu pensar. Ele dirigiu até Brentwood, para uma área que era tão diferente da última quanto um diamante é de um carvão. Ele estacionou em um estacionamento coberto ao lado de um prédio incomum de tijolo cru com uma fonte. Baganvílias vermelhas e roxas subiam pelas paredes até a telha espanhola no telhado.

Andando por uma arcada até um pátio, ele chegou à um escritório com letras douradas na porta. *Jasper R. Rasmussen, Ph.D.* Seu pai era um psicólogo.

Antes que ele pudesse alcançar a maçaneta, a porta abriu e uma mulher saiu. Ela era como a maioria dos clientes do seu pai, em torno dos quarenta, obviamente rica, usando um conjunto para caminhada de um designer e sandálias de salto alto.

Ela parecia um pouco estupefata e sonhadora, e havia dois ferimentos de furos pequenos e rapidamente curando em seu pescoço. James entrou no escritório. Havia uma sala de espera, mas sem recepcionista. Melodias de Mozart vinham do escritório interno. James bateu na porta.

“Pai?”

A porta se abriu para revelar um homem bonito com cabelo escuro. Ele estava usando um terno cinza perfeitamente cortado e uma camisa com punhos franceses. Ele tinha uma aura de poder e propósito.

Mas não de calor humano. Ele disse, “O que foi, James?” na mesma voz que usava para seus clientes: atencioso, premeditado, confiante.

“Você tem um minuto?”

Seu pai olhou para seu Rolex. “De fato, meu próximo paciente só chegará em meia hora.”

“Tem algo sobre o qual eu preciso conversar.”

Seu pai olhou para ele intensamente, então gesticulou para uma cadeira muito estofada. James relaxou nela, mas encontrou-se arrastando para sentar-se na beirada.

“O que tem em mente?”

James procurou as palavras certas. Tudo dependia se ele conseguia fazer seu pai entender. Mas quais eram as palavras certas? No final ele se decidiu por franqueza.

“Ela tem estado doente por um tempo, e agora eles acham que ela tem câncer.”

O Dr. Rasmussen pareceu surpreso. “Sinto muito em ouvir isso.” Mas não havia sofrimento algum em sua voz.

”É um tipo ruim de câncer. É incrivelmente doloroso e simplesmente cem por cento incurável.”

“É uma pena.” Novamente não havia nada além de uma branda surpresa na voz de seu pai. E de repente James soube de onde *isso* vinha. Não era surpresa por

Poppy estar doente; era surpresa por James ter feito uma viagem para lhe contar isso.

“Pai, se ela tiver esse câncer, ela está *morrendo*. Isso não significa nada para você?”

O Dr. Rasmussen fez uma torre com seus dedos e encarou o brilho vermelho de sua mesa de mogno. Ele falou lenta e firmemente. “James, nós já passamos por isso antes. Você sabe que sua mãe e eu nos preocupamos com você ficando muito próximo de Poppy. Muito... ligado... a ela.”

James sentiu uma ondulação de raiva fria. “Como eu fiquei muito ligado à senhorita Emma?”

Seu pai não pestanejou. “Algo desse tipo.”

James lutou contra as imagens que queriam se formar em sua mente. Ele não podia pensar na senhorita Emma agora; ele precisava ficar neutro. Essa era a única maneira de convencer seu pai.

”Pai, o que eu estou tentando dizer é que conheço a Poppy por praticamente a minha vida toda. Ela é útil a mim.”

“Como? Não na maneira óbvia. Você nunca se alimentou dela, se alimentou?”

James engoliu, sentindo-se nauseado. Alimentar-se de Poppy? Usá-la desse jeito? Até mesmo o pensamento disso o deixava enjoado.

“Pai, ela é minha amiga,” ele disse, abandonando qualquer pretensão de objetividade.

“Eu não posso simplesmente assistí-la sofrendo. Eu não posso. Eu tenho que fazer algo a respeito disso.”

O rosto de seu pai ficou mais claro. “Entendo.”

James sentiu-se tonto com um alívio surpreendente. “Você entende?”

James, as vezes não se pode evitar sentir um certo sentimento de... compaixão pelos humanos. No geral, eu não encorajaria isso – mas você *conhece* a Poppy há um longo tempo. Você sente pena do sofrimento dela. Se você quiser encurtar esse sofrimento, então, sim, eu entendo.”

O alívio se quebrou ao redor de James. Ele encarou seu pai por alguns segundos, então disse suavemente, “Matar por misericórdia? Eu achei que os Anciões tivessem banido as mortes nessa área.”

“Só seja razoavelmente discreto quanto a isso. Contanto que pareça ser natural, nós todos olharemos para o lado. Não haverá razão para convocar os Anciões.”

Havia um gosto metálico na boca de James. Ele ficou de pé e riu brevemente. “Obrigado, pai. Você realmente ajudou muito.”

Seu pai pareceu não ouvir o sarcasmo. “Fico feliz por ajudar, James. A propósito, como vão as coisas nos apartamentos?”

“Ótimas,” James disse vaziamente.

“E na escola?”

“A escola acabou, pai,” James disse, e saiu por conta própria.

No pátio ele se inclinou contra uma parede de tijolo cru e encarou o respingo de água na fonte.

Ele estava sem opções. Sem esperança. As regras no Mundo da Noite assim diziam. Se Poppy tivesse a doença, ela morreria dela.

Capítulo 4

POR VANESSA

Poppy estava olhando para o jantar sem apetite na bandeja com nuggets de frango e fritas quando o Dr.Franklin entrou na sala.

Os testes tinham acabado. O CAT scan tinha sido tudo bem, se claustrofóbico, mas o ERCP foi horrível. Poppy ainda podia sentir o fantasma do tubo na garganta cada vez que ela engolia.

-- Você está deixando todo este alimento grande do hospital. – Dr.Franklin disse com humor gentil. Poppy sorriu para ele controlado enquanto engolia.

Ele passou a falar sobre coisas normais. Ele não disse nada sobre o resultado dos testes, e Poppy não tinha idéia do que o fez vir para dentro. Ela suspeitava dele, no entanto. Alguma coisa sobre ele, a maneira delicada de seu pé sob o cobertor ou as sombras ao redor dos seus olhos...

Quando ele sugeriu casualmente que a mãe de Poppy poderia querer “ir para um passeio ao fundo do corredor”, as suspeitas de Poppy cristalizaram.

Ele vai lhe dizer. Ele tem o resultado, mas não quer que eu saiba.

Seu plano foi apresentado no mesmo instante.Ela bocejou e disse:

-- Vai lá, mãe, eu estou um pouco sonolenta. – então se repôs e fechou os olhos.

Tão logo eles foram embora, ela pulou da cama. Ela viu eles se distanciarem enquanto iam ao fundo do corredor e passavam por uma porta. Então, com meias nos pés, ela calmamente os seguiu.

Ela foi atrasada por vários minutos por causa dos cuidados da enfermeira.

-- Só esticando minhas pernas. – ela disse a uma enfermeira que a olhou interrogativamente, e fingiu andar aleatoriamente. Quando a enfermeira pegou uma prancheta o saiu para o quarto de um dos pacientes, Poppy correu para o fim do corredor.

A sala, no final do corredor era a sala de espera... que tinha visto mais cedo. Tinha uma cozinha completa e uma TV para que os familiares não pudessem se sentir desconfortáveis. A porta estava entreaberta e Poppy se aproximou. Ela podia ouvir o ronco baixo da voz do Dr.Franklin, mas não podia ouvir o que ele estava dizendo.

Muito cautelosamente Poppy chegou mais perto. Ela lançou um olhar em torno da porta.

Ela viu que não havia necessidade de cautela. Todo mundo naquele quarto estava completamente ocupado.

Dr.Franklin estava sentado em um dos sofás. Ao lado dele estava uma mulher afro-americana com óculos pendurados ao redor de seu pescoço. Ela estava vestindo um avental branco de médico.

No outro sofá estava o padraço de Poppy, Cliff. Seu normalmente perfeito cabelo escuro estava ligeiramente bagunçado, sua mandíbula estava trabalhando.

Ele tinha o braço em torno de sua mãe. Dr.Franklin estava conversando com os dois, sua mão sobre o ombro de sua mãe.

E sua mãe estava soluçando.

Poppy deu um salto para trás.

Oh, meu Deus. Eu tenho.

Ela nunca tinha visto sua mãe chorar antes. Nem quando sua avó tinha morrido, e não durante o divórcio dos pais de Poppy. Sua mãe era especialista em lidar com as coisas, ela foi a melhor negociante que Poppy nunca tinha conhecido.

Mas agora...

Eu tenho. Definitivamente eu tenho.

Ainda sim, talvez não fosse tão mal. Sua mãe estava chocada, ok, isso é normal. Mas isso não significa que Poppy vai morrer nem nada. Poppy tinha toda a medicina moderna ao seu lado.

Ela continuava dizendo para si mesma ficar longe da porta.

Ela não saiu rápido o suficiente, apesar de tudo. Antes que pudesse sair cautelosamente, ela ouviu a voz de sua mãe, criados em algo como angústia.

-- Meu bebê. Minha garotinha.

Poppy congelou.

E então, Cliff, alto e com raiva:

-- Você está tentando me dizer que não há nada?

Poppy não podia sentir sua própria respiração. Contra sua vontade, ela voltou para a porta.

-- Dra.Loftus é um oncologista, uma especialista neste tipo de câncer. Ela pode explicar melhor que eu. – Dr.Franklin estava dizendo.

Em seguida, veio uma nova voz... o outro médico. A princípio Poppy só podia apanhar frases dispersas que não pareciam dizer nada: adenocarcinoma, esplênica oclusão venosa, estágio três. Jargão médico. Em seguida, Dr.Loftus disse:

-- Para simplificar, o problema é que o tumor se espalhou. É a propagação do fígado e dos gânglios linfáticos ao redor do pâncreas, isso significa que é inoperável... não podemos operar.

Cliff disse:

-- Mas quimioterapia...

-- Podemos tentar uma combinação de radioterapia e quimioterapia com algo chamado 5- fluorouracilo. Tivemos alguns resultados com isso. Mas não vou enganar vocês. No melhor dos casos pode melhorar seu tempo de sobrevivência por algumas semanas. Nesse ponto, nós estamos olhando para medidas paliativas, formas de reduzir sua dor e melhorar a qualidade do tempo que lhe resta. Vocês entendem?

Poppy podia ouvir o choque passando por sua mãe, mas ela não podia se mover. Ela sentiu como se estivesse escutando algum jogo no rádio. Como se ela não tivesse nada a ver com isso.

Dr.Franklin disse:

-- Existem alguns protocolos de investigação aqui no sul da Califórnia. Eles estão experimentando com imunoterapia e cirurgia criogênica. Novamente estamos falando de uma forma de retardar a doença e não de cura.

-- Maldição! – a voz de Cliff explodiu. – Você está falando de uma menina! Como isso chegou... a fase três... sem que ninguém, percebesse? Essa garota estava dançando a noite toda a dois dias atrás.

-- Sr.Hilgard, eu sinto muito. – a Dr.Loftus disse tão baixo que Poppy mal conseguiu pegar as palavras. – Esse tipo de câncer é chamado de doença silenciosa, porque há poucos sintomas até que ele é muito avançado. É por isso que a taxa de sobrevivência é tão baixa. E tenho que lhes dizer que Poppy é apenas a segunda adolescente que eu vi com esse tipo de tumor. Dr.Franklin fez um diagnóstico extremamente agudo quando decidiu enviá-la para testes.

-- Eu devia ter percebido. – a mãe de Poppy disse numa voz espessa. – Eu devia ter trazido ela logo. Eu devia... eu devia...

Houve um som estrondoso. Poppy olhou ao redor da porta, esquecendo de ser discreta. Sua mãe estava batendo na mesa de novo e de novo. Cliff estava tentando pará-la.

Poppy voltou para trás.

Oh, meu Deus, eu tenho que sair daqui. Eu não posso ver isso. Eu não posso olhar para isso.

Ela virou-se e caminhou de volta para o fundo do corredor. Suas pernas se moviam. Tal como sempre. Incrível que elas ainda trabalhavam.

E tudo ao seu redor, tal como sempre foi. A estação da enfermagem estava decorada para o Quatro de Julho. Sua mala ainda estava sobre o assento acolchoado da janela do seu quarto. O chão de madeira ainda era sólido debaixo dela.

Tudo era o mesmo... mas como podia ser? Como podiam as paredes ainda estar de pé? Como podia a TV estar funcionando no quarto ao lado?

Eu vou morrer, Poppy pensou.

Curiosamente ela não se sentia assustada. O que ela sentia era surpresa. E a surpresa continuava vindo, mais e mais, com cada pensamento que estava sendo interrompido por aquelas três palavras.

É minha culpa porque (eu vou morrer) eu não quis ir ao médico mais cedo.

Cliff disse maldição para mim (eu vou morrer). Eu não sabia que ele gostava de mim o suficiente para jurar.

Sua mente estava competindo descontroladamente.

Algo em mim, ela pensava. Eu vou morrer por causa de algo que está dentro de mim, como o alienígena do filme. Está em mim agora mesmo. Agora.

Ela colocou suas duas mãos em seu estômago e, em seguida, puxou sua camisa para encarar seu abdome. A pele era lisa, imaculada. Ela não sentiu qualquer dor.

Mas está lá dentro e eu vou morrer por causa disso. Morrer logo. Me pergunto em quanto tempo? Eu não devia ter ouvido eles falarem sobre isso.

Eu preciso de James.

Ela chegou ao telefone com o sentimento de que sua mão foi destacada de seu corpo. Ela discou, pensando, *Por favor esteja lá.*

Mas desta vez não funcionou. O telefone tocou e tocou.

Quando a secretária atendeu, Poppy disse:

-- Me ligue no hospital. -- então ela desligou o telefone e ficou encaramdo o jarro de água com gelo do lado de sua cama.

Ele vai chegar mais tarde, ela pensava. E então ele vai me ligar. Eu só tenho que esperar.

Poppy não tinha certeza do porque ela pensava isso, mas de repente ele era seu objetivo. Esperar até que pudesse falar com James. Ela não precisava pensar em nada até então, ela só tinha que sobreviver. Uma vez que falasse com James, ela poderia por para fora tudo o que estava sentindo, o que ela supostamente devia estar fazendo agora.

Houve uma leve batida na porta. Assustada, Poppy olhou para ver sua mãe e Cliff. Por um momento tudo o que ela podia se focalizar eram os seus rostos, o que lhe deu a estranha ilusão de que estavam flutuando no ar.

Sua mãe tinha os olhos vermelhos e inchados. Cliff estava pálido, como um papel branco amassado, mandíbula dura e escura em contraste.

Oh, meu Deus, eles estão vindo me contar? Eles não podem, eles não podem me obrigar a ouvir isso.

Poppy teve o impulso selvagem de correr. Ela estava à beira do pânico.

Mas sua mãe disse:

-- Querida, alguns dos seus amigos estão aqui para te ver. Phill ligou para eles esta tarde para eles saberem que você está no hospital, e eles já de chegaram.

James, ela pensou, algo brotando livre em seu peito. Mas James não fazia parte do grupo que veio andando através do corredor. Era na maior parte garotas da escola.

Isso não importa. Ela vai ligar mais tarde. Eu não tenho que pensar agora.

Por uma questão de fato, era impossível pensar com tantos visitantes no quarto. Era incrível que Poppy podia se sentar lá e falar com elas, quando parte dela foi mais longe do que Netuno, mas falou e manteve seu cérebro desligado.

Nenhum deles tinha qualquer idéia de que algo estava errado com ela. Nem sequer Phill, que estava no seu melhor fraternal, muito simpático e atencioso. Eles falaram sobre coisas normais, sobre festas e patins e músicas e livros. Coisas da velha vida de Poppy, que de repente parecia ter sido à cem anos atrás.

Cliff falou, também, mais agradável do que tem sido desde que começou a cortejar a mãe de Poppy.

Mas finalmente os visitantes se foram, e a mãe de Poppy ficou. Tocou em Poppy frequentemente com mãos que agitaram ligeiramente. Se eu não soubesse, eu saberia, pensou Poppy. Ela não estava agindo como toda mãe.

-- Acho que vou ficar aqui esta noite. -- disse a mãe dela. Não o bastante para uma gestão de constrangimento. -- A enfermeira disse que eu posso dormir no banco sob a janela, ele é realmente um sofá para os pais. Eu estou apenas tentando decidir se eu deveria correr de volta para casa e ir buscar umas coisas.

-- Sim, vá. – não havia mais nada que ela pudesse dizer, e ainda fingir que não sabia. Além do mais, a mãe dela sem dúvida, precisava de algum tempo sozinha, longe disso.

Assim que sua mãe saiu, uma enfermeira com blusa florida e uma calça verde veio tirar a temperatura e a pressão arterial de Poppy. E então Poppy estava sozinha.

Era tarde. Ela ainda podia ouvir uma televisão, mas foi mais longe. A porta estava entreaberta, mas a parte externa do corredor não era ofuscante. A quietude parecia ter caído sobre a enfermaria.

Ela sentia-se muito sozinha, e a dor estava profunda no interior dela. Abaixo da pele suave de seu abdômen, o tumor estava tomando conhecimento.

Pior de tudo, James não tinha ligado. Como ele pôde não ligar? Será que ele não sabe que ela precisava dele?

Ela não estava certa em quanto tempo ela poderia não pensar sobre ele.

Talvez a melhor coisa seria tentar dormir. Receba inconsciente. Então ela não podia pensar.

Mas logo que ela apagou a luz e fechou os olhos, os fantasmas rodaram ao seu redor. Não imagens de garotas bonitas careca. Esqueletos. Caixões. E o pior de tudo, uma escuridão infinita.

Se eu morrer, eu não quero estar aqui. Eu estarei em qualquer lugar? Ou eu apenas Não Estarei em tudo?

Foi a coisa assustadora que ela não queria imaginar, não-Estar.

E ela estava definitivamente pensando agora, ela não podia ajudar. Ela perdeu o controle. Um medo galopante consumiu ela, fez ela tremer sob a folha áspera e os cobertores finos. Eu vou morrer, eu vou morrer, eu vou...

-- Poppy.

Seus olhos voaram aberto. Por um segundo ela não pôde identificar a silhueta negra na sala escura. Ela tinha uma idéia selvagem de que era a própria morte que veio buscá-la.

Então ela disse:

-- James?

-- Eu não tinha certeza se você estava dormindo.

Poppy chegou ao botão na cabeceira da cama para ligar a luz, mas James disse:

-- Não, deixe-o desligado. Eu passei despercebido pelas enfermeiras, e eu não quero que elas me botem para fora.

Poppy engoliu. Suas mãos apertavam uma dobra do cobertor.

-- Estou feliz que você veio. – disse ela. – Eu pensei que você não iria vir. – o que ela realmente queria era se jogar em seus braços e soluçar e gritar.

Mas ela não foi. Não foi apenas isso que ela nunca fez nada como isso com ele; havia algo sobre ele que parava ela. Algo que ela não podia colocar o dedo, mas que a fazia se sentir quase... assustada.

A forma como ele estava de pé? O fato de que ela não podia ver seu rosto? Tudo o que ela sabia é que de repente James parecia um estranho.

Ele virou-se muito lentamente ao redor e fechou a pesada porta.

Escuridão. Agora, a única luz vinha da janela. Poppy se sentia curiosamente isolada do resto do hospital, do resto do mundo.

E que deveria ser bom, estar sozinha com James, protegida de todo o resto. Se não fosse por essa sensação estranha de não reconhecer ele.

-- Você sabe os resultados. – ele disse calmamente. Não foi uma pergunta.

-- Minha mãe não sabe que eu sei. – disse Poppy. Como ela podia ser coerente quando tudo o que ela queria fazer era gritar? – Eu ouvi os médicos dizendo a ela... James, eu tenho. E... é ruim. Eles disseram que eu vou... – ela não podia colocar a última palavra para fora, ainda que fosse através de sua mente.

-- Você vai morrer. – ele ainda parecia calmo e centrado. Destacado. – Eu li sobre isso. – James prosseguiu, caminhando até a janela e olhando para fora. – Eu sei como é ruim. O artigo disse que haveria muita dor. Dor séria.

-- James. – Poppy arquejou.

-- Às vezes eles tem que fazer cirurgia apenas para tentar impedir a dor. Mas o que eles fazem não vai te salvar. Eles podem te encher de produtos químicos e irradiar você, e você ainda vai morrer. Provavelmente antes do final do verão.

-- James...

-- Vai ser o seu último verão...

-- James, pelo amor de Deus! – foi quase um grito. Poppy estava respirando com grande dificuldade, agarrada aos cobertores. – Por que você está fazendo isso comigo?

Ele virou-se e em um movimento rápido seus dedos se fecharam sobre a pulseira de plástico do hospital. – Eu quero que você entenda que eles não podem ajudá-la. – disse ele, áspero e intenso. – Você entende isso?

-- Sim, eu compreendo. – disse ela. Poppy podia ouvir a montagem histérica em sua própria voz. – Mas é isso que você veio aqui para dizer? Você quer me matar?

Seus dedos apertavam dolorosamente.

-- Não! Eu quero salva-la. – então ele deixou sair um suspiro e repetiu mais calmamente, mas não com menos intensidade. – Eu quero te salvar, Poppy.

Poppy levou alguns minutos apenas para levar ar para dentro e fora de seus pulmões. Foi difícil fazê-lo sem se dissolver em soluços.

-- Bem, você não pode. – disse ela, finalmente. – Ninguém pode.

-- Isso é onde você está errada. – lentamente, ele libertou seu punho e se apoderou do trilho da cama. – Poppy, há que eu tenho que lhe dizer. Algo sobre mim.

-- James... – Poppy podia respirar agora, mas não sabia o que dizer. Tanto quanto podia dizer, James tinha ficado louco. De certa forma, se tudo não tivesse sido tão horrível, ela poderia ter se lisonjeado. James tinha perdido sua forma fria sobre ela. Ele tinha ficado chateado o suficiente sobre sua situação para sair da linha. – Você realmente se preocupa. – ela disse suavemente, com uma respiração que era metade de um soluço. Ela colocou uma mão sobre a dele, onde ele repousava no trilho da cama.

Ele riu por sua vez. A mão dele virou para segurar a dela; então se afastou.

-- Você não tem idéia. – ele disse, em uma voz tensa, esticada. Olhando pela janela, ele acrescentou: - Você acha que sabe tudo sobre mim, mas você não sabe. Há algo muito importante que você não sabe.

Até agora Poppy se sentiu entorpecida. Ela não podia compreender porquê James falava sobre si mesmo, quando era ela que iria morrer. Mas ela tentou evocar algum tipo de doçura para ele quando ela disse:

-- Você pode me contar qualquer coisa. Você sabe disso.

-- Mas isso é algo que você não vai acreditar. Sem mencionar que ela está quebrando as leis.

-- As leis?

-- As leis. Eu tenho leis diferentes de você. Leis de humanos não significam muito para nós, mas nossas próprias são supostamente para ser inquebráveis.

-- James. – Poppy disse, em branco com o terror. Ele realmente havia perdido a cabeça.

-- Eu não sei o caminho certo para dizer isso. Me sinto como alguém em um péssimo filme de terror. – ele corou, e disse sem rodeios: - Eu sei como isso soa, mas... Poppy, eu sou um vampiro.

Poppy continuou sentada por um momento na cama. Então ela pulou selvagem da para fora da cama em direção à mesa de cabeceira. Seus dedos se fecharam em uma pilha de poucas bacias plásticas em forma de lua crescente e jogou a pilha toda nele.

-- Desgraçado! – ela gritou, e procurou algo mais para jogar nele.

Capítulo 5

POR JULIANA

James desviou enquanto Poppy tacava um livro de capa mole nele.

“Poppy—”

“Seu canalha! Seu víbora! Como você pode *fazer* isso comigo? Seu mimado, egoísta, imaturo—”

“Shhh! Eles vão te escutar—”

“Deixe-os! Aqui eu estou, e eu acabei de descobrir que vou *morrer*, e tudo no que você pode pensar é fazer uma piada comigo.

Uma piada estúpida e doentia. Eu não *acredito*. Você acha que é *engraçado*?” Ela ficou sem fôlego para se enfurecer. James, que estivera fazendo movimentos silenciosas com suas mãos, agora desistira e olhava na direção da porta.

“Aqui vem a enfermeira,” ele disse.

“Ótimo, e eu vou pedir a ela para tirar você *daqui*,” Poppy disse. Sua raiva tinha colapsado, deixando-a a beira de lágrimas. Ela nunca tinha se sentido tão completamente traída e abandonada. “Eu te odeio, sabe,” ela disse.

A porta se abriu. Era a enfermeira com a blusa florida e as calças verdes. “Há algum problema aqui?” ela disse, acendendo a luz.

Então ela viu James. “Agora, vejamos; você não parece ser da família,” ela disse. Ela estava sorrindo, mas sua voz tinha o tom de autoridade prestes a ser impingida.

“Ele não é, e eu o quero fora daqui,” Poppy disse.

A enfermeira afofou os travesseiros de Poppy, pôs uma mão gentil em sua testa.

”Somente membros da família são permitidos ficar durante a noite,” ela disse a James.

Poppy encarou a tv e esperou James ir embora. Ele não foi. Ele andou pela beira da cama para ficar ao lado da enfermeira, que olhou para ele enquanto continuava endireitando os cobertores de Poppy. Então as mãos delas ficaram lentas e pararam de se mover.

Poppy olhou para os lados dela com surpresa.

A enfermeira estava simplesmente encarando James. As mãos débeis nos cobertores, ela olhava para ele como se estivesse hipnotizada.

E James estava simplesmente encarando de volta. Com a luz acesa, Poppy conseguia ver o rosto de James – e novamente ela teve aquela estranha sensação de não o reconhecer. Ele estava muito pálido e quase com uma aparência austera, como se estivesse fazendo algo que requeriesse esforço.

Sua mandíbula estava apertada e seus olhos – seus olhos estavam da cor prata.

Prata verdadeira, brilhando na luz.

Por alguma razão, Poppy pensou em uma pantera faminta.

“Então vê que não tem nada de errado aqui,” James disse para a enfermeira, como se continuando uma conversa que eles estavam tendo.

A enfermeira pestanejou uma vez, então olhou ao redor do quarto como se estivesse acabado de acordar de um cochilo. “Não, não; tudo está bem,” ela disse. “Chame-me se...” Ela parecia ligeiramente distraída novamente, então murmurou, “Se, hm, você precisar de algo.”

Ela foi para fora. Poppy a observou, esquecendo de respirar.

Então, lentamente, movendo somente seus olhos, ela olhou para James.

“Eu sei que é um clichê,” James disse. “Uma demonstração super utilizada de poder. Mas faz o serviço.”

“Você combinou isso com ela,” Poppy disse em um baixo sussurro.

“Não.”

“Ou então é algum tipo de truque psíquico. O Incrível Seiláonome.”

“Não,” James disse, e sentou-se em uma cadeira laranja de plástico.

“Então eu estou ficando *louca*.” Pela primeira vez naquela noite Poppy não estava pensando sobre sua doença. Ela não conseguia pensar devidamente em nada; sua mente era uma mistura rodopiante e estardalhaçante de confusão. Ela se sentiu como a casa da Dorothy depois que foi pega pelo tornado.

“Você não está louca. Eu provavelmente fiz isso da maneira errada; eu disse que não sabia como explicar. Olha, eu sei o quão difícil é para você acreditar. O meu povo *arranjou* dessa maneira; eles fazem o que podem para impedir que os humanos acreditem. As vidas deles dependem disso.”

“James, eu sinto muito; eu só—” Poppy descobriu que suas mãos estavam tremendo. Ela fechou seus olhos. “Talvez seja melhor você simplesmente—”

“Poppy, *olhe para mim*. Eu estou te contando a verdade. Eu juro.”

Ela encarou o rosto dela por um momento, então exalou. “Está bem. Eu não queria fazer isso, mas...” Ele levantou-se, inclinando-se mais para perto de Poppy. Ela recusou-se a esquivar-se, mas ela pôde sentir seus olhos arregalando-se, “Agora, olhe,” ele disse, e seus lábios recuaram de seus dentes.

Uma ação simples – mas o efeito era impressionante. Transformador.

Naquele instante ele se transformou do pálido mas razoavelmente comum James de um momento atrás – para algo que Poppy nunca tinha visto antes. Uma espécie diferente de ser humano.

Seus olhos resplandeceram prata e seu rosto inteiro ficou com um aspecto predador. Mas Poppy mal notou isso; ela estava encarando seus dentes.

Não dentes. Presas. Ele tinha caninos como os de um gato. Alongados e curvados, terminando em pontas delicadas e perfuradoras.

Eles não eram nada como as presas falsas de vampiros vendidas em lojas de decoração. Eles pareciam muito fortes e muito afiados e muito reais.

Poppy gritou.

James tapou sua boca com uma mão. “Nós não queremos aquela enfermeira de volta aqui.”

Quando ele ergueu sua mão, Poppy disse, “Ai, meu Deus; ai, meu Deus...” “Todas aquelas vezes quando você disse que eu conseguia ler sua mente,”

James disse. “Lembra-se? E nas vezes quando eu ouvia coisas que você não, ou me movia mais rápido do que você podia?”

“Ai, meu Deus.”

“É verdade, Poppy.” Ele pegou a cadeira laranja e torceu uma das pernas de metal. Ele fez isso facilmente, graciosamente. “Nós somos mais fortes que os humanos,” ele disse. Ele torceu a perna de volta e colocou a cadeira no chão. “Nós enxergamos melhor no escuro. Nós fomos construídos para caçar.”

Poppy finalmente conseguiu capturar um pensamento inteiro. “Eu não me importo com *o que* você pode fazer,” ela disse estridentemente. “Você não pode ser um vampiro. Eu te conheço desde que tem cinco *anos*. E você envelheceu a cada ano, exatamente como eu. Explique *isso*.”

“Tudo que você conhece está errado.” Quando ela simplesmente encarou-o, ele suspirou novamente e disse, “Tudo o que você acha que sabe sobre vampiros, você pegou de livros ou da tv.

E é tudo escrito por humanos, eu garanto isso. Ninguém no Mundo da Noite quebraria o código de segredo.”

”O Mundo da noite. O que é o Mundo da noite?”

“Não é um lugar. É como uma sociedade secreta – para vampiros e bruxas e lobisomens. Todas as melhores pessoas. E eu explicarei sobre isso mais tarde,” James disse carrancudamente. “Por enquanto – olhe, é simples. Eu sou um vampiro porque os meus pais são vampiros. Eu nasci desse jeito. Nós somos *lâmia*.”

Tudo em que Poppy pôde pensar foi no Sr. e na Sra. Rasmussen com sua casa luxuosa no estilo de rancho e em sua Mercedes dourada. “Seus pais?”

“*Lâmia* é simplesmente uma palavra antiga para vampiros, mas para nós significa aqueles que nasceram desse jeito,” James disse, ignorando-a. “Nós nascemos e nós envelhecemos como os humanos – exceto que podemos parar de envelhecer quando quisermos. Nós respiramos. Nós andamos na luz do dia. Nós até podemos comer comida normal.”

“Seus pais,” Poppy disse novamente fracamente.

Ele olhou para ela. “É. Meus pais. Olha, por que você acha que a minha mãe faz decoração de interiores? Não porque eles precisam do dinheiro. Ela conhece um monte de pessoas desse jeito, bem como o meu pai, o psiquiatra da sociedade. Só leva alguns minutos sozinho com alguém, e o humano nunca se lembra depois.”

Poppy movimentou-se desconfortavelmente. “Então você, hm, bebe o sangue das pessoas, hein?” Mesmo depois de tudo que ela tinha visto, ela não podia dizer isso sem rir um pouco.

James olhou para o cadarço de seu Adidas. “Sim. Sim, eu bebo com certeza,” ele disse suavemente. Então ele olhou para cima e encontrou seu olhar diretamente.

Seus olhos eram prata pura.

Poppy reclinou-se contra a pilha de travesseiros em sua cama.

Talvez fosse mais fácil acreditar nele porque o inacreditável já tinha acontecido à ela mais cedo hoje. A realidade fora virada de cabeça para baixo – então, honestamente, o que importava mais uma impossibilidade?

Eu vou morrer e meu melhor amigo é um monstro chupador de sangue, ela pensou.

A discussão estava acabada, e ela estava sem energia.

Ela e James se olharam em silêncio.

”Está bem,” ela disse finalmente, e isso quis dizer tudo que ela tinha acabado de entender.

”Eu não te contei isso para tirar do meu peito,” James disse, sua voz ainda surdina. “Eu disse que podia te salvar, lembra-se?”

”Vagamente.” Poppy pestanejou lentamente, então disse mais afiadamente, “Salvar-me como?”

O olhar dele mudou para o ar vazio. “Do jeito que está pensando.”

”Jamie, eu *não consigo* mais pensar.”

Gentilmente, sem olhar para ela, ele colocou uma mão na canela dela debaixo do cobertor. Ele balançou sua perna ligeiramente, um gesto de afeição. “Eu vou te transformar numa vampira, garota.”

Poppy colocou ambos os punhos em seu rosto e começou a chorar.

”Ei.” Ele soltou a canela dela e colocou um braço desajeitado ao redor dela, puxando-a para se sentar. “Não faça isso. Está tudo bem. É melhor que a alternativa.”

”Você está... muito... louco,” Poppy soluçou. Uma vez que as lágrimas tinham começado, elas fluíam facilmente demais – ela não conseguia pará-las. Havia um conforto em chorar, e em ser segurada por James. Ele era forte e confiável e ele cheirava bem.

”Você disse que tinha que nascer como um,” ela acrescentou borradamente, entre soluços.

”Não, eu não disse. Eu disse que *eu* nasci um. Há muitos do outro tipo por aí. Vampiros transformados. Haveriam mais, mas há uma lei contra transformar qualquer imbecil de rua em um.”

”Mas eu *não posso*. Eu sou simplesmente o que eu sou; eu sou *eu*. Eu não posso ser – desse jeito.”

Ele afastou-a gentilmente para que pudesse olhar em seu rosto.

”Então você vai morrer. Você não tem outra escolha. Eu chequei – até mesmo perguntei à uma bruxa. Não há nada mais no Mundo da Noite para ajudá-la. É a isso que se resume: Você quer viver ou não?”

A mente de Poppy, que havia sido inundada por confusão novamente, de repente se fixou nessa questão. Era como um clarão de luz em um quarto escuro como piche.

Ela queria viver?

Ah, Deus, é *claro* que ela queria.

Até hoje ela tinha presumido que viver era seu *direito* incondicional. Ela não tinha nem mesmo ficada agradecida pelo privilégio. Mas agora ela sabia que

não era algo para se aceitar como corriqueiro – e ela também sabia que era algo pelo qual ela lutaria.

Acorda, Poppy! Essa é a voz da razão chamando. Ele disse que pode salvar sua vida.

“Espere um minuto. Eu tenho que pensar,” Poppy disse apertadamente para James. Suas lágrimas tinham parado. Ela o empurrou completamente e encarou ferozmente o cobertor branco do hospital.

Está bem. Está bem. Agora pense direito, garota.

Você sabia que James tinha um segredo. Então você nunca imaginou que fosse algo como isso, mas e daí? Ele ainda é o James. Ele pode ser um diabo de um demônio morto-vivo, mas ele ainda liga para você. *E não há ninguém mais para ajudá-la.*

Ela se encontrou agarrando a mão de James com força sem olhar para ele. “Como é?” ela disse através de seus dentes cerrados.

Firme e trivialmente, ele disse, “É diferente. Não é algo que eu recomendaria se houvesse outra escolha, mas... é normal. Você vai ficar doente enquanto seu corpo muda, mas depois você nunca pegará qualquer doença novamente. Você será forte e rápida – e imortal.”

“Eu viverei para sempre? Mas eu serei capaz de parar de envelhecer?” Ela teve visões de si mesma como uma velha encarquilhada imortal.

Ele fez careta. “Poppy – você pararia de envelhecer *agora*. É isso que acontece com vampiros transformados. Essencialmente, você estará *morrendo* como mortal. Você parecerá morta e ficar inconsciente por um tempo. E então... você acordará.”

“Entendo.” Meio como Julieta na tumba, Poppy pensou. E então ela pensou, Ah, Deus... Mamãe e Phil.

“Há outra coisa que você deveria saber,” James estava dizendo. “Uma certa porcentagem de pessoas não sai dessa.”

“Não sai dessa?”

“Não sobrevivem à mudança. Pessoas com mais de vinte quase nunca sobrevivem. Eles *nunca* acordam. Seus corpos não conseguem se ajustar a nova forma e extinguem-se. Adolescentes geralmente sobrevivem, mas não sempre.”

Por mais estranho que pareça, isso estava reconfortando Poppy. Uma esperança limitada parecia ser mais acreditável do que uma absoluta. Para viver, ela teria que arriscar. Ela olhou para James. “Como você faz isso?”

“Do jeito tradicional,” ele disse com o fantasma de um sorriso. Então, gravemente: “Nós trocamos sangue.”

Ah, ótimo, Poppy pensou. E eu estava com medo de um simples teste. Agora eu vou ter meu sangue drenado por presas. Ela engoliu em seco e pestanejou, encarando o nada.

“É sua escolha, Poppy. É com você.”

Houve uma pausa longa, e então ela disse, “Eu quero viver, Jamie.”

Ele assentiu. “Isso significará ir embora daqui. Deixar os seus pais. Eles não podem saber.”

“É, eu acabei de perceber isso. Meio como que ganhar uma identidade nova do FBI, hein?”

“Mais do que isso. Você viverá em um novo mundo, o Munda da Noite. E é um mundo solitário, cheio de segredos.

Mas você estará andando por ele, ao invés de estar deitada no chão.” Ele apertou a mão dela. Então ele disse muito silenciosa e seriamente, “Você quer começar agora?”

Tudo em que Poppy pôde pensar em fazer foi fechar seus olhos e abraçar-se do jeito que ela fizera com a injeção. “Estou pronta,” ela disse através de lábios rígidos.

James riu novamente – dessa vez como se não pudesse se conter.

Então ele dobrou a grade da cama e sentou-se ao lado dela. “Estou acostumado com as pessoas estarem hipnotizadas quando eu faço isso. É estranho tê-la acordada.”

“É, bem, se eu gritar você pode me hipnotizar,” Poppy disse, não abrindo seus olhos. Relaxe, ela disse à si mesma firmemente. Não importa o quanto doer, não importa quão horrível for, você pode lidar com isso. Você *tem* que. Sua vida depende disso.

Seu coração estava batendo forte o bastante para sacudir seu corpo.

“Bem aqui,” James disse, tocando a garganta dela com dedos frio como se sentindo a pulsação.

Simplesmente faça-o, Poppy pensou. Acabe logo com isso.

Ela podia sentir calor enquanto James inclinava-se sobre ela, tomando-a cuidadosamente pelos ombros. Cada terminação nervosa em sua pele estava consciente dele. Então ela sentiu um hálito fresco em sua garganta, e rapidamente, antes que ela pudesse recuar, uma picada dupla.

Aquelas presas, enterrando-se em sua pele. Fazendo dois pequenos machucados para que ele pudesse beber o sangue dela...Agora vai *realmente* doer, Poppy pensou. Ela não conseguia mais se preparar. Sua vida estava nas mãos de um caçador.

Ela era um coelho preso no enroscar de uma cobra, um rato debaixo das garras de um gato. Ela não se sentia como a melhor amiga de James, ela sentia como um *almoço...Poppy, o que está fazendo? Não lute contra isso. Dói quando você resiste.*

James estava falando com ela – mas a boca quente em sua garganta não tinha se movido. A voz estava em sua cabeça.

Eu não estou resistindo, Poppy pensou. Eu só estou pronta para isso doer, só isso. Havia uma queimação onde os dentes dele a penetravam. Ela esperou isso ficar pior – mas não ficou. Mudou.

Ah, Poppy pensou.

A sensação de calor era na verdade agradável. Uma sensação de liberação, de doação.

E de intimidade. Ela e James estavam ficando cada vez mais íntimos, como duas gotas de água movendo-se para mais perto até que se uniam.

Ela podia sentir a mente de James. Seus pensamentos – e seus sentimentos.

As emoções dele fluíram para ela, por ela.

Ternura... preocupação... carinho. Uma fúria obscura e fria para a doença que a estava ameaçando. Desespero por não haver nenhum outro jeito de ajudá-la. E desejo – desejo de dividir com ela, fazê-la feliz.

Sim, Poppy pensou.

Uma onda de doçura a deixou tonta. Ela se encontrou tateando a mão de James, seus dedos entrelaçados.

James, ela pensou com surpresa e alegria. Sua comunicação com ele um carinho tentador.

Poppy. Ela podia sentir a própria surpresa e prazer dele.

E todo o tempo o prazer sonhador estava crescendo. Fazendo Poppy tremer com sua intensidade.

Como eu pude ter sido tão *estúpida*? Poppy pensou. Ter medo disso. Não é terrível. É... certo.

Ela nunca estivera tão perto de alguém. Era como se eles fossem um ser, juntos, nem predador nem caça, mas parceiros em uma dança. Poppy-e-James.

Ela podia tocar a alma dele.

Estranhamente, *ele* estava com medo disso. Ela podia sentir isso.

Poppy, não – tantas coisas obscuras – eu não quero que você veja. . .

Obscuras, sim, Poppy pensou. Mas não obscuras e terríveis.

Obscuras e solitárias. Uma solidão tão absoluta. Uma sensação de não pertencer em nenhum dos dois mundos que ele conhecia. Não pertencer a lugar algum.

Exceto. . .

De repente Poppy estava vendo uma imagem de si mesma. Na mente dele ela era frágil e graciosa, um espírito do ar com olhos esmeralda. Uma silfa – com um coração de puro aço.

Eu não sou realmente assim, ela pensou. Eu não sou alta e bonita como Jacklyn ou Michaela...

As palavras que ela ouviu em resposta não pareciam direcionadas a ela – ela tinha a sensação de que elas eram algo que James estava pensando para si mesmo, ou lembrando de algum livro há muito esquecido.

Você não ama uma garota por causa de sua beleza. Você a ama porque ela canta uma canção que somente você consegue entender. . . .

Com o pensamento veio uma sensação forte de proteção.

Então era assim que James se sentia em relação a ela – ela soube por fim. Como se ela fosse algo precioso, algo a ser protegido a qualquer custo. . . .

A qualquer custo. Não importava o que acontecesse com ele. Poppy tentou seguir o pensamento mais profundamente em sua mente, descobrir o que ele significava. Ela recebeu uma impressão de regras – não, *leis*. . .

Poppy, é mau educado procurar na mente de alguém quando você não foi convidada. As palavras tinham um que de desespero.

Poppy puxou-se volta mentalmente. Ela não queria bisbilhotar. Ela só queria ajudar. . . .

Eu sei, o pensamento de James chegou a ela, e com ele uma onda de calor e gratitude. Poppy relaxou e simplesmente apreciou a sensação de unidade com ele.

Eu queria que isso durasse para sempre, ela pensou – e bem então parou. O calor em seu pescoço desapareceu, e James puxou-se para longe, endireitando-se, Poppy fez um som de protesto e tentou arrastá-lo de volta.

Ele não a deixou.

“Não – há outra coisa que precisamos fazer,” ele sussurrou.

Mas ele não fez mais nada. Ele simplesmente segurou-a, seus lábios contra a testa dela. Poppy sentiu-se pacífica e lânguida.

“Você não me disse que seria assim,” ela disse.

“Eu não sabia,” James disse simplesmente. “Nunca foi antes.” Eles sentaram-se juntos quietamente, com James gentilmente acariciando seu cabelo.

Tão estranho. Poppy pensou. Tudo é o mesmo – mas tudo está diferente. Era como se ela tivesse se puxado para a terra seca depois de quase se afogar no oceano. O terror que estivera golpeando dentro dela o dia todo se fora, e pela primeira vez em sua vida ela se sentiu completamente a salvo.

Depois de outro minuto ou algo assim James balançou sua cabeça, despertando-se.

“O que mais temos que fazer?” Poppy perguntou.

Para responder, James levantou seu próprio pulso até sua boca. Ele fez um movimento de solavanco rápido com sua cabeça, como se rasgando uma tira de pano presa em seus dentes.

Quando ele abaixou seu pulso, Poppy viu o sangue.

Estava correndo um pouco no seu braço. Tão vermelho que quase não parecia real.

Poppy engoliu em seco e balançou sua cabeça.

“Não é tão mau,” James disse suavemente. “E você tem que fazer isso. Sem o meu sangue em você, você não se tornará uma vampira quando morrer, você simplesmente *morrerá*.

Exatamente como qualquer outra vítima humana.”

E eu queria viver, Poppy pensou. Tudo bem, então. Fechando seus olhos, ela deixou que James guiasse sua cabeça para o pulso dele.

Não tinha gosto de sangue, ou pelo menos do sangue que ela tinha provado quando mordida sua língua ou colocava um dedo cortado em sua boca.

Tinha um gosto – estranho. Rico e potente.

Como algum elixir mágico, Poppy pensou tontamente. E novamente ela sentiu o toque de James em sua mente. Intoxicada com a proximidade, ela continuou bebendo.

Isso mesmo. Você tem que beber bastante, James disse a ela. Mas a voz mental dele estava mais fraca do que havia sido. Instantaneamente Poppy sentiu uma onda de alarme.

Mas o que isso fará a você?

“Eu vou ficar bem,” James disse em voz alta. “É com você que estou preocupado. Se você não tomar o bastante, estará em perigo.”

Bem, ele era o especialista. E Poppy estava feliz de deixar a poção estranha e embriagante continuar fluindo para dentro dela. Ela deleitou-se no brilho que parecia estar iluminando-a de dentro para fora. Ela sentia-se tão tranquila, tão calma. . . .

E então, sem aviso, a calma foi quebrada.

Uma voz rompeu-a, uma voz cheia de surpresa hostil.

“O que você está *fazendo*?” a voz disse, e Poppy olhou para cima para ver Phillip na entrada.

Capítulo 6

POR VANESSA

James se moveu rápido. Ele pegou o jarro de plástico em cima da mesa de cabeceira e entregou a Poppy. Ela compreendeu. Sentindo-se tonta e descoordenada, ela tomou um grande gole de água e lambeu seus lábios para lavar qualquer vestígio de sangue.

-- O que você está fazendo? – Phillip repetiu, entrando no quarto. Seus olhos estavam fixos em James, que foi bom, porque Poppy estava tentando se posicionar para esconder o lado de seu pescoço que James tinha mordido.

-- Não é da sua conta. – ela disse, e no mesmo instante ela sabia que era um erro. Phillip, cujo nome do meio era Estabilidade, estava olhando distintamente instável hoje à noite.

Mamãe contou para ele, Poppy pensou.

-- Quero dizer, nós não estamos fazendo nada. – ela emendou. Não ajudou. Phill estava claramente com um humor de ver tudo no mundo como ameaça à sua irmã. Poppy não podia realmente culpá-lo... ele caminhou em dois deles até os pés da cama do hospital. – James estava me confortando porque eu estava com medo. – ela disse. Ela nem sequer tentou explicar porque James tinha embalado sua cabeça em seu braço. Mas olhou de relance para o braço de James e viu que a ferida já estava fechada, a marca sumiu.

-- Tudo está bem, você sabe. – disse James, olhando fixamente seu olhar de prata para Phill. Mas Phill não estava olhando para ele. Ele estava encarando Poppy.

Não está funcionando, Poppy pensou. Talvez Phill esteja muito louco para ser hipnotizado. Ou muito teimoso.

Ela queria fazer uma pergunta a James, que ele respondeu com uma agitação de sua cabeça. Ele não sabia qual era o problema, no entanto.

Mas ambos sabiam o que significava. James tinha que sair. Poppy se sentia chateada e frustrada. Tudo o que ela queria era falar com James, e falar sobre a nova descoberta dos dois... e ela não podia. Não com Phill aqui.

-- Como é que você está aqui, afinal? – ela perguntou irritada.

-- Eu dirigi para mamãe até aqui. Você sabe que ela não gosta de dirigir à noite. E eu trouxe isso. – ele colocou uma caixa em cima da mesa de cabeceira. – E isto. – ele colocou a caixa preta do CD ao lado dela. – Todas as suas músicas favoritas.

Poppy sentiu sua raiva sendo drenada para longe.

-- Isso foi gentil. – ela disse. Ela foi tocada, especialmente porque Phill não tinha afirmado: “Toda a sua esquisita música favorita”, que era geralmente como ele se referia a ela. – Obrigada.

Phill corou, um brilho intenso disparando em James.

Pobre Phill, Poppy pensou. Seu irmão parecia acabado. E Seus olhos estavam inchados.

-- Onde está a mamãe? - ela estava começando a dizer quando sua mãe entrou.

-- Eu estou de volta, querida. – disse sua mãe com um honroso sorriso alegre. Então ela olhou surpresa. – James... que bom que você veio.

-- Sim, mas ele já está de saída. – Phill disse significativamente. – Eu vou lhe mostrar o caminho para fora.

James não gataria energia em uma luta que ele não pode ganhar. Ele virou para Poppy e disse:

-- Eu te vejo amanhã.

Houve um olhar em seus olhos cinzas, não prata agora – que eram só para ela. Um olhar que nunca tinha estado lá antes em todos os anos em que ela o conhecia.

-- Adeus, James. – ela disse suavemente. – E... obrigada. – ela sabia que ele entenderia o que ela quis dizer.

Não foi até que ele estava fora da porta, com Phillip em seu calcanhar, que um pensamento ocorreu a ela.

James tinha dito que ela estaria em perigo se ela não bebesse seu sangue o suficiente. Mas eles foram interrompidos quase imediatamente após isso. Poppy tinha bebido o suficiente? E o que aconteceria se ela não tinha?

Ela não tinha idéia, e não havia maneira de perguntar a James.

Phill ficou atrás de James durante todo o percurso para fora do hospital.

Não esta noite, pensou James. Ele só não poderia lidar com Phillip está noite. Sua paciência se foi, e sua mente estava ocupada em calcular se Poppy tinha tomado o suficiente de seu sangue para ser seguro. Ele pensou que tinha, mas quanto mais cedo ela tomasse mais, melhor.

-- Você vai “ver ela amanhã”... bem, você não vai vê-la amanhã. – disse Phill abruptamente enquanto eles caminhavam para o estacionamento.

-- Phill, me dá um tempo.

Em vez disso, ela ficou na frente dele e parou, forçando James a parar, também. Phill estava respirando rapidamente e seus olhos verdes estavam queimando.

-- Ok, amigo. – disse ele – Eu não sei o que você pensa que está fazendo com Poppy... mas isso acabou agora. A partir de agora você vai ficar longe dela. Entendeu?

Visões do pescoço de Phillip se quebrando como um lápis novo dançaram na cabeça de James. Mas Phill era irmão de Poppy, e seus olhos verdes eram surpreendentemente como os dela.

-- Eu nunca iria magoar Poppy. – ele disse cansado.

-- Me dá um tempo. Você vai ficar lá parado e me diz que não vai querer chegar perto dela?

James não pôde chegar a uma resposta imediata. Ontem ele poderia ter dito não com sinceridade, ele não chegaria perto dela. Porque isso significaria morte

certa para Poppy e ele juntos. Foi só quando Poppy recebeu sua sentença de morte por ela mesma, que ele tinha permitido olhar para os seus próprios sentimentos.

E agora... agora ele esteve bem perto de Poppy. Ele tocou sua mente e descobriu que ela era ainda mais corajosa e mais galante do que ele pensava, ainda mais compassiva e mais vulnerável.

Ele queria estar perto de Poppy assim novamente. Ele se importava com ela de uma maneira que fazia sua garganta doer. Ele pertencia a Poppy.

Ele também percebeu que isso poderia não ser suficiente.

Compartilhamento de sangue forja um poderoso vínculo entre duas pessoas. Seria errado para ele tirar proveito dessa ligação – ou da gratidão de Poppy com ele. Até que ele esteve certo que a mente de Poppy estava desobstruída e suas decisões foram suas próprias, ele manteve uma pequena distância. Foi a única coisa honrada a fazer.

-- A última coisa que eu quero fazer é machucá-la. – ele repetiu – Por que você não pode acreditar nisso? – ele fez uma hesitante tentativa para capturar Phill com o olhar quando ele disse isso. Falhou, como tinha acontecido no hospital. Phillip parecia ser um daqueles raros humanos que não poderiam ser influenciados pelo controle da mente.

-- Por que eu não posso acreditar? Porque eu conheço você. Você e suas... namoradas. - Phill conseguiu tornar a palavra com um som de maldição. – Você passa com seis ou sete namoradas por ano... e quando fica cansado delas, você as joga fora como lixo.

James foi brevemente distraído por diversão, porque Phill estava por fora. Ele precisava de seis namoradas por ano. Após dois meses o vínculo entre eles se torna perigosamente forte.

-- Poppy não é minha namorada e eu não estou indo despejar ela. – disse ele, satisfeito com sua própria inteligência. Ele evitou uma pura mentira... Poppy não era sua namorada em qualquer sentido normal. Eles fundiram suas almas, isso era tudo... eles não falaram sobre namoro nem nada.

-- Então, você está me dizendo que você não vai tentar colocar suas mãos nela. É isso? Porque é bom ter certeza. – quando ele falou, Phill fez o que provavelmente foi a coisa mais perigosa que Le fez na sua vida. Agarrou James pela frente da camisa.

Estúpido humano, pensou James. Ele considerou brevemente quebrar todos os ossos da mão de Phill. Ou levantar Phill e jogá-lo através do estacionamento no pára-brisa de alguém. Ou...

-- Você é o irmão de Poppy. – disse ele por entre os dentes – Então eu vou te dar uma chance de ir embora.

Phill olhou fixamente para o seu rosto por um momento, então se afastou, olhando-o um pouco abalado. Mas não abalado o bastante para ficar quieto.

-- Você tem que deixá-la em paz. – disse ele – Você não entende. Essa doença que ela tem... é grave. Ela não precisa de nada se metendo na vida dela agora. Ela só precisa... – ele parou e engoliu.

De repente James se sentiu cansado. Ele não podia culpar Phill por estar chateado... a mente de Phill era como cristal... imagens claras de Poppy morrendo. Geralmente James só tem imagens gerais do que os humanos estão pensando, mas Phillip estava transmitindo tão alto que o deixou aturdido.

Meias-verdades e evasivas não tinha funcionado. Estava na hora de uma pura mentira. Tudo para satisfazer Phill e levar James para longe disso.

-- Eu sei que o que Poppy tem é grave. – disse ele – Achei um artigo sobre ele na Net. É por isso que eu estava aqui, ok? Eu sinto muito por ela. Não estou interessado em Poppy exceto como amigo, mas faz ela se sentir melhor se eu fingir que gosto dela.

Phillip hesitou, lançando para ele um olhar duro e suspeito. Então ele balançou a cabeça lentamente.

-- Ter amigos é uma coisa, mas é errado misturar. No final, fingir não vai fazer ela se sentir bem. Eu não acho que fez ela se sentir melhor agora... ela parecia bem ruim lá dentro.

-- Ruim?

-- Pálida e debilitada. Você conhece Poppy, você sabe como ela fica animada sobre as coisas. Você não devia brincar com suas emoções. – ele baixou os olhos e disse: - Então talvez seja melhor você ficar longe dela por um tempo. Só para ter certeza de que ela não tenha a idéia errada.

-- Tanto faz. – disse James. Ele não estava realmente ouvindo.

-- Ok. – disse Phillip – Temos um trato. Mas eu estou de olho em você, se você quebrá-lo, estará em apuros.

James não estava escutando ele, de qualquer modo. O que era um erro.

No escuro do quarto do hospital Poppy parou e ouviu a respiração de sua mãe.

Você não está dormindo, ela pensava, e eu não estou dormindo. E você sabe que eu não estou, e eu sei que você não está...

Mas elas não podiam falar. Poppy queria desesperadamente deixar sua mãe saber que tudo iria dar certo, mas como? Ela não podia trair o segredo de James. E mesmo se pudesse, sua mãe não acreditaria nela.

Tenha que encontrar uma maneira, Poppy pensou. Eu tenho. E então uma grande onda de sonolência passou por ela. Esse tinha sido o dia mais longo de sua vida, e ela estava cheia de sangue estranho trabalhando em sua mágica nela. Ela não podia... ela só não podia... manter os olhos abertos.

Várias vezes durante à noite, uma enfermeira veio para tirar seus sinais vitais, Mas nunca Poppy realmente acordou. Pela primeira vez em semanas, nenhuma dor interrompeu seus sonhos.

Ela abriu os olhos na manhã seguinte se sentindo confusa e fraca. Pontos pretos dançavam através de sua visão quando ela se sentou.

-- Com fome? – perguntou a mãe – Eles deixaram esta bandeja do café-da-manhã para você.

O cheiro dos ovos do hospital fez Poppy sentir náuseas. Mas porque a mãe dela estava olhando ansiosamente, ela brincava com a comida na bandeja antes de ir se lavar. No espelho do banheiro ela examinou o lado de seu pescoço. Fantástico... não havia qualquer vestígio da marca.

Quando saiu do banheiro, sua mãe estava chorando.

Não cheia de lágrimas, não soluçando. Apenas enxugando os olhos em um lenço.. Mas Poppy não podia suportar isso.

-- Mãe, se você estiver preocupada em me dizer... eu sei.

A frase toda saiu antes que Poppy pudesse impedir.

A cabeça de sua mãe se levantou com horror. Ela olhou Poppy fixamente baixando o lenço.

-- Querida... você sabe...?

-- Eu sei o que tenho e sei como é ruim. – Poppy disse. Se essa era a estratégia errada, era tarde demais agora – Ouvi quando Cliff e você estavam falando com o médico.

-- Oh, meu Senhor.

O que eu posso dizer? Poppy imaginava. Está tudo bem, mãe, porque eu não vou morrer, eu vou me tornar um vampiro. Eu espero. Eu não posso ter certeza, porque às vezes você não faz a transformação. Mas com alguma sorte, eu serei uma sugadora de sangue em poucas semanas.

Agora que pensou nisso, ela não tinha perguntado a James exatamente quanto tempo seria necessário para ela mudar.

Sua mãe estava fazendo profundos exames, respirando calmamente.

-- Poppy, quero que saiba o quanto te amo. Cliff e eu vamos fazer tudo... tudo... o que pudermos para ajudá-la. Agora ele está olhando para alguns protocolos clínicos... esses são estudos experimentais onde se testa novas formas de tratar pessoas. Se pudermos apenas... arranjar tempo... até a cura...

Poppy não podia suportar isso. Ela podia sentir a dor de sua mãe. Literalmente. Veio em ondas palpáveis que pareciam fazer eco através de seu sangue, deixando ela tonta.

É esse sangue, ela pensou. Ele está fazendo alguma coisa comigo... me mudando.

Apesar do que ela pensava, ela correu para a mãe dela. Ela queria abraçá-la, e ela precisa de ajuda para se sustentar.

-- Mãe, eu não estou com medo. – disse ela, abafada contra o ombro de sua mãe – Eu não posso explicar, mas eu não estou assustada. E eu não quero que você seja infeliz por minha causa.

Sua mãe a segurava ferozmente, como se a Morte pudesse tentar tirar Poppy de seus braços naquele minuto. Ela chorava.

Poppy chorava também. Lágrimas reais, porque, mesmo que ela não fosse realmente morrer, ela estava perdendo tanto. Sua velha vida, sua família, tudo familiar. Se sentiu bem chorando, era algo que ela precisava fazer.

Mas quando foi feito, ela tentou outra vez.

-- A única coisa que eu não quero é que você esteja infeliz ou preocupada. – disse ela, e olhou para a mãe dela – Então você poderia só não tentar? Por minha causa?

Oh, deus, estou me saindo como a Beth em Little Women, ela pensou. Santa Poppy. E a verdade é que, se eu fosse realmente morrer, ela ia chutar e gritar do mesmo jeito.

Ainda sim, ela tinha conseguido confortar sua mãe, que começou a enxugar os olhos novamente mas quietamente orgulhosa.

-- Você é realmente uma coisa, querida. – foi tudo o que ela disse, mas seus lábios tremeram...

Santa Poppy olhou para longe, horrivelmente embaraçada... até que outra onda de tontura salvou ela. Ela permitiu que sua mãe a ajudasse a voltar para a cama.

E foi então que ela finalmente encontrou uma maneira de colocar a pergunta que ela precisava perguntar.

-- Mãe. – ela disse devagar – E se houvesse uma cura para mim em algum lugar... como em outro país ou algo assim... e eu pudesse ir lá e ficar melhor, mas eles nunca iriam me deixar voltar? Quero dizer, você saberia que eu estaria bem, mas você nunca mais seria capaz de me ver novamente. – ela olhou para a mãe dela atentamente – Você iria querer que eu fizesse?

Sua mãe respondeu instantaneamente.

-- Querida, eu quero vê-la curada nem que você tenha que ir a lua. Contanto que você fosse feliz. – ela parou um momento, então continuou – Mas, querida, esse lugar não existe. Eu gostaria que existisse.

-- Eu sei. – ela soltou o seu braço delicadamente – Eu só estava perguntando. Eu te amo, mãe.

Mais tarde naquela manhã o Dr.Franklin e a Dra.Loftus vieram. Enfrentar eles não foi tão difícil quanto Poppy esperava, mas ela se sentiu uma hipócrita quando eles a elogiaram sobre sua “maravilhosa atitude”. Eles falaram sobre a qualidade do tempo, e o fato de que dois casos de câncer nunca são os mesmos, e sobre as pessoas que eles conhecem que bateram as porcentagens. Santa Poppy se contraiu por dentro, mas escutou e assentiu... até que eles começaram a falar de mais testes.

-- Gostaria de fazer um angiograma e uma laparotomia. – Dra.Loftus disse – Agora um angiograma é...

-- Tubos presos em minhas veias. – Poppy disse antes que pudesse ajudar a si mesma.

Todo mundo a olhou assustado. Em seguida, a Dra.Loftus deu um sorriso triste.

-- Parece que você andou lendo sobre ele.

-- Não, eu só... acho que eu me lembro de algum lugar. – Poppy disse. Ela sabia de onde estava pegando essas imagens... da cabeça da Dra.Loftus. E ela provavelmente deveria cobrir as trilhas em vez de falar mais, mas ela estava muito angustiada. – E uma laparotomia é uma operação, não é?

Dra.Loftus e Dr.Franklin trocaram olhares.

-- Uma operação exploratória, sim. – disse Dr.Franklin.

-- Mas eu não preciso destes testes, preciso? Quero dizer, você já sabe que eu tenho. E estes testes doem.

-- Poppy. – sua mãe disse suavemente. Mas a Dra.Loftus estava respondendo lentamente.

-- Bem, às vezes nós precisamos dos testes para confirmar um diagnóstico. Mas no seu caso... não, Poppy. Nós realmente não precisamos deles. Já temos certeza.

-- Então não vejo porque tenho que fazê-los. – ela disse simplesmente. – Eu prefiro ir para casa.

Os médicos olharam entre si, e depois para a mãe de Poppy. Em seguida, sem querer tentar ser sutil sobre isso, os três adultos saíram para o corredor para deliberar.

Quando eles voltaram, Poppy sabia que tinha ganhado.

-- Você pode ir para casa Poppy. – Dr.Franklin disse calmamente – Pelo menos até que você desenvolva qualquer outro sintoma. A enfermeira dirá para sua mãe o que olhar do lado de fora.

A primeira coisa que Poppy fez foi ligar para James. Ele respondeu no primeiro toque e disse:

-- Como você se sente?

-- Tonta. Mas muito bem. – Poppy disse, sussurrando porque sua mãe estava do lado de fora conversando com a enfermeira – Eu estou indo para casa.

-- Eu irei esta tarde. – disse James – Ligue-me quando você achar que vai ter mais ou menos uma hora sozinha. E, Poppy... não diga a Phill que eu estou indo.

-- Porque não?

-- Eu explico mais tarde.

Quando ela chegou em casa, estava estranho. Cliff e Phill estavam lá. Todos foram raramente agradáveis com ela, enquanto ainda tentavam fingir que nada incomum estava acontecendo.(Poppy ouviu a enfermeira dizer a sua mãe que era bom tentar manter uma rotina normal.)

É como o meu aniversário, Poppy pensou desorientada. Como um terrivelmente importante aniversário e graduação juntos. A cada poucos minutos a campainha da porta tocava trazendo outro arranjo de flores. O quarto de Poppy parecia um jardim.

Ela se sentiu mal por Phill. Ele parecia tão atingido... e tão corajoso. Ela queria confortar ele do mesmo jeito que confortou sua mãe... mas como?

-- Vem aqui. – optando pela ação direta. E quando ele obedeceu, ela o abraçou firmemente.

-- Você vai vencer esta coisa. – ele sussurrou – Eu sei que você vai. Ninguém nunca teve tanta vontade de viver como você. E ninguém nunca, nunca foi tão teimosa.

Foi então que Poppy percebeu o quão terrivelmente ela iria sentir falta dele. Quando ela o deixou, ela se sentiu com a cabeça leve.

-- Talvez seja melhor se você se deitar. – disse Cliff suavemente. E a mãe de Poppy a ajudou a ir para o quarto.

-- O papai sabe? – ela perguntou para sua mãe enquanto ela andava pelo quarto, arrumando coisas.

-- Eu tentei pegar ele ontem, mas as pessoas na estação disseram que ele se mudou para Vermont. Eles não sabem onde.

Poppy assentiu. Era a cara do pai dela... sempre se movendo. Ele era um DJ... quando não era um artista ou um mágico estagiário. Ele se separou de sua mãe porque ele não era muito bom nessas coisas... ou pelo menos, não o bastante para receber muito pagamento.

Cliff era tudo o que o pai de Poppy não era: responsável, disciplinado, trabalhador. Ele se encaixava perfeitamente com a mãe de Poppy e Phill. Tão perfeito que às vezes Poppy se sentia como uma estranha em sua própria família.

-- Tenho saudades de Papai. – Poppy disse suavemente.

-- Eu sei. Às vezes eu tenho, também. – sua mãe disse, surpreendendo ela. Então ela disse firmemente: - Nós vamos encontrá-lo, Poppy. Tão logo ele souber, ele vai querer vir.

Poppy esperava que sim. Não supôs que não teria a oportunidade de ver ele... depois.

Não foi até mais ou menos uma hora antes do jantar, quando Phill e Cliff foram dar uma volta e sua mãe foi tirar uma soneca, que Poppy teve a chance de ligar para James.

-- Eu estou indo. – disse ele – Me espere. – Dez minutos depois ele entrou no quarto de Poppy.

Poppy se sentiu estranhamente tímida. As coisas tinham mudado entre ela e James. Eles não eram simples melhores amigos mais.

Eles nem sequer disseram “Olá” um para o outro. Logo que ele entrou, seus olhos travaram e se encontraram. E então, por um interminável momento, eles apenas se olharam.

Desta vez, quando Poppy sentiu o rápido pang no seu peito que sempre vinha quando ela via James, foi um pulsar de pura doçura. Ele se preocupava com ela. Ela podia ver isso em seus olhos.

Espere um minuto, calma aí, sua mente sussurrou. Não solte a arma aqui. Ele se importa com você, sim, mas ele nunca disse que ele amava você. Há uma diferença.

Cala a boca, Poppy falou pra seu cérebro. Em voz alta ela disse:

-- Por que você não queria que Phill soubesse que você estava aqui?

James jogou seu blusão branco sobre uma cadeira e se sentou na cama de Poppy.

-- Bom... eu só não queria ser interrompido. – ele disse com um gesto despreocupado – Como está a dor?

-- Desapareceu. – Poppy disse – Não é estranho? Eu não acordei durante toda a noite passada. E há uma outra coisa. Eu acho que eu estou começando a... bem, ler os pensamentos das pessoas.

James sorriu ligeiramente, apenas um canto de sua boca para cima.

-- Isso é bom. Eu estava preocupado... – ele parou e deu a volta para ligar o som de Poppy. O som de Bantu emergiu. – Eu estava preocupado que você talvez não tenha bebido sangue suficiente na noite passada. – James disse calmamente, retornando ao seu lugar – Você vai ter que tomar mais desta vez... e assim vai.

Poppy sentiu algo tremer dentro dela. Sua repulsa tinha desaparecido. Ela ainda estava com medo, mas isso era só por causa da consequência do que eles iam fazer. Não era apenas uma maneira de se aproximar ou de se alimentar de James. Eles estavam fazendo para mudar Poppy.

-- A única coisa que eu não entendo é porque você nunca me mordeu antes. – seu tom era leve, mas assim que disse as palavras, ela percebeu que havia uma grande questão por trás delas.

-- Quero dizer, - ela disse devagar – você fez com Michaela e Jacklyn, não fez? E com as outras meninas?

Ele parecia distante, mas respondeu com firmeza.

-- Eu não trocava sangue com elas. Mas eu me alimentei delas, sim.

-- Mas não de mim.

-- Não. Como posso explicar? – ele olhou para ela – Pegar sangue pode ser um monte de coisas diferentes... e os Anciões não querem que seja nada além de alimento. Eles dizem que tudo o que você deve sentir é a alegria da caçada. E isso é tudo o que eu tenho sentido... antes.

Poppy assentiu, tentando se sentir satisfeita com isso. Ela não perguntou quem eram os Anciões.

-- Além disso, posso ser perigoso. – disse James – Isso pode ser feito com ódio, e eu posso matar. Matar permanentemente, quero dizer.

Poppy quase se divertiu com isso.

-- Você não iria matar.

James encarou ela. No lado de fora, estava escurecendo e a luz no quarto de Poppy era pálida. Fazendo a rosto de James ficar pálido, também, e seus olhos prata.

-- Mas eu matei. – disse James. Sua voz era plana e sombria – Eu já matei sem troca de sangue suficiente, então a pessoa não voltou como um vampiro.

Capítulo 7

POR MALENA

"Então você deve ter tido uma razão," Poppy disse simplesmente. Quando ele olhou para ela, ela deu de ombros. "Eu conheço você." Ela o conhecia de um jeito que nunca havia conhecido outra pessoa.

James olhou para longe. "Eu não tive uma razão, mas houve algumas... circunstancias extenuáveis. Você poderia dizer que não foi minha culpa. Mas eu ainda tenho pesadelos."

Ele soou tão cansado, tão triste. É um mundo solitário, cheio de segredos, Poppy lembrou. E ele guardara aquele maior segredo de todos a sua volta, incluindo ela mesma.

"Deve ter sido horrível para você," ela disse, pouco consciente de que estava falando em voz alta. "Quer dizer, toda a sua vida—guardando isso. Não dizendo a ninguém. Fingindo..."

"Poppy." Ele deixou escapar um pedaço de suas emoções represadas. "Não."

"Não simpatizar com você?"

Ele chacoalhou a cabeça. "Ninguém nunca antes entendeu." Depois de uma pausa, ele disse, "Como você pode temer por mim? Com tudo isso que está passando!"

"Eu acho que é porque—eu me preocupo com você."

"E eu acho que é por isso que eu não tratei você como Michaela ou Jacklyn," ele disse.

Poppy olhou para os traços esculpidos do rosto dele, para o cabelo encaracolado caindo sobre a testa como seda... e segurou sua respiração. Diga "Eu te amo", ela ordenou mentalmente. Diga, sua macho cabeça-dura.

Mas eles não estavam conectados, e James não deu nenhum sinal de ter escutado. Em lugar, ele virou-se brusca e metodicamente. "É melhor começarmos." Ele levantou-se e fechou as cortinas da janela. "Sol diminui todos os poderes de vampiro," ele disse com um tom de voz de um recepcionista.

Poppy tomou vantagem da pausa para poder ir até o CD player. A música havia mudado para uma club song alemã, que era legal para fazer a dança de pular da Alemanha, mas não muito romântica. Ela apertou um botão e um lamento aveludado em português começou.

Então ela inclinou-se rapidamente para mais perto da cama. Quando se sentou novamente, ela e James já estavam em seu próprio pequeno mundo; incompreensível, isolado e circundado por uma névoa branca como casca de ovo.

"Estou pronta," ela disse gentilmente, e James inclinou-se para mais perto dela. Mesmo na semi-escuridão, Poppy sentiu encantada pelos olhos dele. Eles eram como janelas para algum outro lugar, algum lugar distante e mágico.

O Mundo da Noite, ela pensou, e inclinou seu queixo para trás enquanto James a tomava em seus braços.

Dessa vez, o par de perfurações em seu pescoço doeu de uma forma boa.

Mas melhor era quando a mente de James tocava a dela. O sentimento de unicidade, de inesperadamente se tornar inteira—isso se expandiu dentro de si como o brilho de uma estrela.

Mais uma vez, ela teve aquela sensação de estarem fundindo-se juntos, dissolvendo-se e absorvendo tudo que tocavam. Ela pôde sentir sua própria pulsação ecoando até ele.

Perto, mais perto... E então ela sentiu um recuo.

James? O que há de errado?

Nada, ele contou a ela, mas Poppy pôde sentir que não era uma verdade plena. Ele estava tentando enfraquecer o crescente laço entre eles... Mas por quê?

Poppy, eu só não quero forçá-la dentro de nada. O que estamos sentindo é—artificial...

Artificial? Isso era a coisa mais real que ela já havia experimentado. Mais real do que real. E no meio do divertimento, Poppy sentiu surgir um nervosismo de dor de James.

Eu não quis dizer isso, ele falou, e então havia desespero no pensamento. É só que você não pode resistir ao laço de sangue. Você não poderia resistir mesmo que me odiasse. Isso não é justo...

Poppy não ligou para justiça. Se você não pode resistir a isso, porque está tentando? Ela perguntou para ele, triunfalmente.

Ela escutou algo como uma risada mental, e então eles estavam ambos unindo-se como um emaranhado de pura emoção ao alcance deles.

O laço de sangue, Poppy pensou quando James afastou sua cabeça finalmente. Não importa que ele não diga que me ama—nós estamos entrelaçados agora. Nada poderia mudar aquilo.

E em um momento ou algo assim ela poderia selar aquele laço de sangue tomando um pouco do sangue dele. Tentar e resistir a aquilo, ela pensou, e estava assustada quando James riu docemente.

"Lendo minha mente de novo?"

"Não exatamente. Você está projetando isso para fora—e você é muito boa nisso. Você irá ser uma forte telepata."

Interessante... Mas bem agora, Poppy não se sentiu forte. Ela de repente se sentiu fraca como um gatinho. Mole como uma flor murcha. Ela precisava...

"Eu sei," James sussurrou. Ainda dando suporte a ela, ele começou escorregar um pulso para sua boca.

Poppy o parou retendo sua mão. "James? Quantas vezes teremos que fazer isso antes que eu—mude?"

"Mais uma vez, eu acho," James disse baixo. "Eu tomei bastante desta vez, e eu gostaria que fizesse o mesmo. E na próxima vez que fizermos isso..."

Eu morrerei, Poppy pensou. Bem, pelo menos eu sei quanto tempo eu terei como humana.

A boca de James repuxou-se um pouco para cima para revelar um longo e delicado par de caninos e espetou-os em seu próprio pulso. Havia algo que

lembrava cobras nesse movimento. Sangue escorreu, a cor era de syrup* em uma vasilha de conserva de cereja.

*Maple Syrup: é um 'molho doce' vindo da árvore de maple. É geralmente engarrafado com waffles e pancakes.

Quando Poppy inclinou-se para frente, lábios espaçados, houve uma batida na porta.

Poppy e James congelaram-se culposamente.

A batida veio novamente. Em seu estado debilitado e confuso, Poppy não pode fazer ela mesma se mover. O único pensamento que ecoou em sua cabeça foi Oh, por favor. Por favor, não deixe que seja...

A porta abriu.

... Phil.

Phillip já estava falando quando colocou sua cabeça para dentro do quarto. "Poppy, você já acordou? Mamãe disse—"

Ele parou abruptamente, então procurou pelo interruptor de luz na parede. De repente tudo se iluminou.

Oh, terrível. Poppy pensou frustrada. Phil estava encarando furioso a cena. Poppy encarou de volta.

"Que—está acontecendo—aqui?" ele perguntou em uma voz que lhe teria dado o papel principal em Os Dez Mandamentos. E então, antes que Poppy pudesse reunir capacidade mental para responder, ele curvou-se e agarrou bruscamente James pelo braço.

"Phil, não," Poppy disse. "Phil, seu idiota..."

"Nós tínhamos um acordo," Phil rosnou para James. "E você o quebrou."

James estava agarrando os braços de Phil, enquanto, urgentemente, Phil apertou o dele. Poppy teve o desalento sentimento de que eles iriam começar a socar um a cara do outro.

Oh, Senhor, se ela pudesse apenas pensar direito. Ela se sentiu tão estúpida.

"Você entendeu errado," James disse a Phil através dos dentes.

"Errado? Eu venho aqui e encontro os dois na cama, com todas essas cortinas fechadas, e você está me dizendo que eu entendi errado?"

"Na cama!" Poppy interferiu. Phil a ignorou.

James balançou a cabeça. Ele fez isso quase facilmente e com uma economia de movimento, mas a cabeça de Phil rompeu bruscamente e adiante. Poppy percebeu que James não estava em seu estado mais racional naquele momento. Ela se lembrou da perna da cadeira quebrada e decidiu que era hora de intervir.

"Parem com isso," ela mandou, pondo-se entre os dois garotos, e agarrou os braços deles. Nenhum deles afrouxou. "Parem, por favor!" E então, desesperadamente, "Phil, eu sei que você não entende, mas James está tentando me ajudar—"

"Ajudar você? Eu acho que não." E então para James: "Olhe para ela. Você pode ver que esse seu fingimento idiota está fazendo ela piorar? Toda a vez que a

encontro com você, ela está branca como papel. Está só fazendo as coisas ficarem piores."

"Você não sabe de nada sobre isso," James rosnou ríspidamente na cara de Phil. Mas Poppy ainda estava processando as palavras de volta.

"Idiota? Fingimento?" ela falou. Sua voz não era muito alta, mas fez tudo parar.

Ambos os garotos olharam para ela.

Todos cometeram um erro então. Depois, Poppy pode pensar que se algum deles tivesse segurado suas cabeças, o que aconteceu em seguida poderia ter sido evitado. Mas nenhum deles fez.

"Desculpe-me," Phil disse a Poppy. "Eu não queria dizer—"

"Cala a boca," James disse selvagemmente.

"Mas eu tinha que dizer. Esse—idiota—está apenas brincando com você. Ele admitiu isso para mim. Disse que sentia pena de você, e que fingir que gosta de você a fará se sentir melhor.

Ele conseguiu um ego que abasteceria o estádio dos Dodgers."

"Fingindo?" Poppy disse de novo, voltando a sentar. Sua cabeça estava confusa e uma erupção estava se formando em seu peito.

"Poppy, ele está louco," James disse. "Escute—"

Mas Poppy não estava escutando. O problema era que ela podia sentir o quão culpado Phil estava. Isso era muito mais convincente do que raiva. E Phillip, honesto, franco, confiável Phillip, quase nunca mentia.

Ele não estava mentindo agora. O que significava... que James deveria estar.

Hora da erupção.

"Você..." ela sussurrou para James. "Você..." Ela não conseguiu pensar em uma palavra ruim má o bastante. Por algum motivo, ela sentiu-se muito machucada, mais traída do que nunca havia se sentido antes. Ela pensara que conhecia James; ela havia absolutamente acreditado nele. O que significava que deslealdade era a pior coisa. "Então tudo isso era fingimento? Era isso?"

Alguma voz interna estava dizendo a ela para esperar e pensar. Que ela não estava no estado de fazer decisões cruciais. Mas ela quase não estava no estado de escutar vozes internas. A sua própria raiva a afastou de poder decidir se havia alguma boa razão para estar com raiva.

"Você só sente pena de mim?" ela sussurrou, de repente toda a fúria e mágoa que ela estava guardando durante um dia e meio, veio a tona. Ela estava cega com a dor, e nada mais importava com exceção de fazer James sofrer o tanto que a estava fazendo.

James estava respirando com dificuldade, falando rapidamente. "Poppy—isso é por que eu não queria que Phil soubesse que—"

"Nem com um milagre," Poppy disse com raiva. "Nem com um milagre você poderia dizer que me ama," ela continuou, não se importando que Phil estivesse escutando. "E nem com um milagre você iria fazer todas aquelas coisas, você nem ao menos me beijou. Bom, eu não quero a sua compaixão—"

"Que outras coisas? Todas aquelas outras coisas?" Phil gritou. "Eu vou te matar, Rasmussen!"

Ele jogou-se para cima de James e tentou socá-lo. James moveu-se bruscamente, conseguindo escapar da investida por pouco já que o punho dele fez seu cabelo se mexer. Phil socou-o mais uma e James pulou para o lado e segurou por trás com um headlock.

Poppy escutou passos correndo no corredor. "O que está havendo?" sua mãe ofegou em espanto, considerando a cena no quarto de Poppy.

No mesmo instante, Cliff apareceu atrás da mãe de Poppy. "O que é toda essa gritaria?" ele perguntou, seu maxilar enquadando.

"Você é quem a está pondo em perigo," James estava rosnando no ouvido de Phillip. "Agora mesmo." Ele pareceu feroz. Selvagem.

Inumano.

"Deixe meu irmão em paz!" Poppy gritou. Tudo de uma vez estava dançando nas lágrimas em seus olhos.

"Oh, meu Deus—querida," a mãe dela disse. Em dois passos ela postou-se ao lado da cama e abraçando Poppy. "Vocês garotos dêem o fora daqui."

A selvageria foi drenada da face de James, perdendo sua força em Phillip. "Olha, me desculpe. Eu tenho que ficar. Poppy..."

Phillip enterrou seu ombro no estômago dele.

Isso não deveria machucar James mais do que em um humano, mas Poppy viu fúria dançando em na face dele enquanto se endireitava do antigo estado de curvatura. Ele levantou Phil do chão e arremessou-o contra o armário de Poppy.

A mãe de Poppy deixou escapar um choramingo. Cliff pulou entre Phil e James.

"Já chega!" ele rosnou. Então para Phil: "Você está bem?" E para James: "O que tudo isso significa?"

Phil estava massageando sua cabeça que girava. James não disse nada. Poppy não conseguia conversar.

"Tudo bem, não importa," Cliff disse. "Acho que todo mundo está um pouco fora de si nesse momento. Mas é melhor você ir para casa, James."

James olhou para Poppy.

Poppy, pulsando inteira como um dente doendo, virou-se de costas para ele. Ela refugiou-se nos braços de sua mãe.

"Eu vou voltar," James disse baixo. Devia ter parecia com uma promessa, mas soou mais como uma ameaça.

"Por enquanto não poderá," Cliff disse em uma voz de comando militar. Virando-se nos braços de sua mãe, Poppy pode ver sangue nos cabelos louros de Phillip. "Eu acho que todos merecem um período longe. Agora, vamos, mexa-se."

Ele guiou James para fora. Poppy fungava e tremia, tentando ignorar as ondas de tontura que estava caindo sobre si e os murmúrios de todas as vozes em sua cabeça. O rádio começou a tocar uma música com batida madcore inglesa.

Nos dois dias seguintes James ligou oito vezes.

Poppy na verdade atendeu a primeira vez. Era depois da meia-noite quando sua linha privada tocou, e ela respondeu automaticamente, ainda sonolenta.

"Poppy, não desligue," James pediu.

Poppy desligou. Um momento depois, o telefone tocou novamente.

"Poppy, se você não quer morrer, tem que me escutar."

"Isso é chantagem. Você é doente," Poppy disse, apertando o gancho. Sua língua estava seca e sua cabeça doía.

"É apenas a verdade. Poppy, escute. Você não tomou sangue hoje. Eu a deixei fraca, e você não tomou nada em troca. E isso pode matar você."

Poppy escutou as palavras, mas elas não pareceram reais. Ela se encontrou ignorando ela mesma, retirando-se dentro de um estado nebuloso onde pensar era impossível. "Eu não ligo."

"Você liga sim, e se você conseguisse pensar, você veria isso. É a mudança que lhe está fazendo isso. Seu estado mental está completamente bagunçado. Você é muito paranóica e ilógica e louca para ver o quão paranóica e ilógica e louca é."

Era suspeito o que Poppy havia entendido mais cedo. Ela estava ciente, de um jeito vago, que estava atuando do mesmo modo que Marissa Schaffer após beber seis garrafas de cerveja na festa de Ano Novo do Jan Nedjar. Fazendo com que ficasse parecendo mais boba. Mas não sabia como fazer isso parar.

"Eu só quero entender uma coisa," ela disse. "É verdade todas as coisas que Phillip falou?"

Ela escutou James parar de respirar. "É verdade que eu disse aquilo tudo. Mas o que eu disse não era verdade. Era apenas para tirá-lo da jogada."

Naquela hora Poppy estava muito triste para conseguir ficar calma.

"Como posso acreditar em alguém cuja vida inteira é uma mentira?" ela perguntou, desligando de novo enquanto deixava as primeiras lágrimas transbordarem.

Pelo dia inteiro seguinte ela continuou no estado nebuloso de negação. Nada parecia real, nem a briga com James, nem o aviso de James e nem a sua doença. Especialmente sua doença. Sua mente achou uma forma de aceitar o tratamento especial que todos estavam dando sem dar importância para a razão do tratamento.

Ela nem mesmo tentou abstrair os comentários sussurrados de sua mãe para Phil sobre como ela estava decaindo tão rápido. Quão pobremente Poppy estava se tornando mais pálida, mais fraca, pior. E apenas Poppy sabia de como ela conseguia escutar as conversas perdidas pelo corredor tão claramente como se estivessem em seu próprio quarto.

Todos os seus sentidos estavam mais apurados, mesmo com sua mente entorpecida. Quando ela olhou para si mesma no espelho, ela assustou-se com o quão branca ela estava, sua pele translúcida como cera de vela. Seus olhos eram tão verdes e ferozes que queimavam.

As outras seis vezes que James ligou, a mãe de Poppy disse que ela estava descansando.

Cliff estava fixando de volta o adorno quebrado do guarda-roupa de Poppy. "Quem poderia saber que aquele garoto era tão forte?" ele comentou.

James fechou o celular e socou com o punho o painel do Integra. Era noite de quinta-feira.

Eu te amo. Era o que ele devia ter dito a Poppy. E agora era tarde demais—ela nem ao menos falava com ele.

Por que ele não falou? Sua razão pareceu idiota agora. Então ele não havia tentado tirar vantagem da inocência e gratidão de Poppy... bom, bravo. Tudo o que ele fizera era quase secar as veias e machucar seu coração.

Tudo o que ele fizera havia apenas a aproximado mais da morte.

Mas não havia tempo para ele pensar sobre isso agora. Bem agora ele tinha uma máscara para tomar conta.

Ele saiu do carro e apertou seu blusão enquanto andava em direção a próxima casa de estilo-fazenda.

Ranch-style: www.cherrymortgages.com/property/property_images/Property_Ranch_style_home_in_Salinas_County_California.jpg

Ele destrancou e abriu a porta sem anunciar a sua presença. Ele não precisava; sua mãe já devia tê-lo sentido.

Dentro, todos os tetos pareciam como de catedrais e as paredes eram elegantemente nuas. A única esquisitice era que todas as muitas clarabóias eram convertidas com elegantes cortinas feitas por encomenda. Isso fazia com que o interior parecesse espaçoso, porém obscuro. Quase—cavernoso.

"James," a mãe dele disse, vinda de trás. Ela possuía cabelo preto-azeviche com um brilho parecido com verniz, e um corpo perfeito que era mais enfatizado pela blusinha prata-e-ouro bordada. Seus olhos eram de um fresco cinza e com pesados cílios, igual aos de James. Ela beijou o ar perto da bochecha dele.

*Do original, wrap. Não é exatamente uma blusa, e sim uma espécie de sobretudo de lã. Para ver melhor, jogue no Google Imagens.

"Recebi sua mensagem," James disse. "O que quer?"

"Eu realmente acho melhor esperar seu pai voltar para casa..."

"Mãe, desculpe, mas eu estou com pressa. Eu tenho algumas coisas para fazer—eu nem ao menos me alimentei hoje."

"É o que parece," a mãe dele disse. Ela o avaliou por um momento sem ao menos piscar.

Então ela suspirou, virando em direção a sala de estar. "Pelo menos sente-se... Você vem andando um pouco agitado ultimamente, não é?"

James sentou-se no sofá de camurça pintado de carmesim. Agora seria a hora de seu teste de habilidade de atuação. Se ele conseguisse passa o proximo minuto sem que sua mãe sentisse a verdade, ele estaria livre de casa.

"Eu tenho certeza que papai lhe contou o porquê," ele disse imparcialmente.

"Sim. Pequena Poppy. Isso é muito triste, não é?" A penumbra da única lâmpada de tripé era de um profundo vermelho, e a luz cor de rubi caiu sob metade da face de sua mãe.

"Eu estava triste no primeiro momento, mas agora estou mais conformado," James disse. Ele manteve sua voz tediosa e concentrada mandando nada—nada—através de sua aura. Ele pode sentir sua mãe claramente provando as margens de sua mente. Como um inseto acariciando com a antena, ou uma cobra testando o ar com sua língua negra bifurcada.

"Estou surpresa," a mãe dele disse. "Eu pensei que gostava dela."

"Eu gostava. Mas, afinal das contas, eles não são pessoas, não é mesmo?" Ele considerou por um momento, então disse, "É parecido com perder um animal de estimação. Eu acho que devo apenas encontrar outro."

Foi uma jogada ousada, citando a linha partidária. James deliberou cada músculo para que ficasse relaxado enquanto sentia ganchos mentais apertando-se de repente, enrolando-se em volta dele, procurando por uma pequena abertura em seu escudo. Ele pensou com dificuldade—sobre Michaela Vasquez. Tentando projetar apenas o monte de afeição negligente.

Funcionou. A sonda de ganchos escorregou para longe de sua mente, e sua mãe acomodou-se de volta graciosamente e sorriu.

"Estou grata que esteja levando tudo isso muito bem. Mas se você sentir necessidade de conversar com alguém... seu pai sabe de terapias muito boas." Terapias de vampiro, ela quis dizer. Para fixar em sua cabeça sobre como os humanos eram apenas alimento.

"Eu sei que quer dissolver problemas tanto quanto eu quero," ela adicionou. "Isso vem de família, sabe."

"Claro," James disse, dando de ombros. "Tenho de ir agora. Diga a papai que eu disse oi, certo?"

Ele beijou o ar perto da bochecha dela.

"Oh, a propósito," ela disse e virou-se em direção a porta. "Seu primo Ash virá semana que vem. Eu penso que ele gostaria de ficar com você em seu apartamento—e tenho certeza que você gostaria de alguma companhia."

Por cima do meu cadáver, James pensou. Ele havia se esquecido sobre o perigo da visita de Ash. Mas agora não havia tempo para ficar nervoso. Ele caminhou para fora se sentindo como um malabarista com bolas demais no ar.

De volta ao seu carro, ele puxou o celular de novo, hesitando, e então desligou-o. Telefonar não seria muito bom. Era a hora de mudar a sua estratégia.

Tudo bem, então. Sem mais meias medidas. Uma séria ofensiva—apontando para onde seria melhor.

Ele pensou por alguns minutos, então dirigiu para McDonnell Drive, estacionando apenas a algumas casas longe da que Poppy morava.

E então ele esperou.

Ele estava preparado para sentar-se ali pelo resto da noite se necessário, mas não precisou. Perto do pôr-do-sol, a porta da garagem abriu-se e um Volkswagen Jetta branco saiu.

James viu uma cabeça loura no banco do motorista.

Olá, Phil. Muito bom ver você.

Quando o Jetta começou a andar, ele o seguiu.

Capítulo 8

POR JULIANA

Quando o Jetta virou no estacionamento 7-Eleven, James sorriu. Havia uma boa área isolada atrás da loja, e já estava escurecendo.

Ele deu a volta com o seu próprio carro, então saiu para observar a entrada da loja. Quando Phil saiu com uma sacola, ele saltou em cima dele por trás.

Phil gritou e lutou, derrubando a sacola. Não adiantou.

O Sol tinha se posto e os poderes de James estavam no poder máximo.

Ele arrastou Phil para os fundos da loja e colocou-o de cara para a parede ao lado de uma caçamba. A posição clássica de revista policial.

“Eu vou te soltar agora,” ele disse. “Não tente fugir. Isso seria um erro.”

Phil ficou tenso e imóvel ao som da voz dele.

“Eu não *quero* fugir. Eu quero esmagar o seu rosto, Rasmussen.”

“Vá em frente e tente.” James ia acrescentar, *Divirta a minha noite*, mas ele reconsiderou. Ele soltou Phil, que se virou e observou-o com completo ódio.

“Qual o problema? Ficou sem garotas em quem se atirar?” ele disse, respirando com dificuldade.

James cerrou seus dentes. Trocar insultos não iria fazer bem algum, mas ele já conseguia dizer que ia ser difícil controlar seu temperamento. Phil tinha esse efeito nele. “Eu não te trouxe aqui para brigar. Eu te trouxe aqui para perguntar uma coisa. Você gosta da Poppy?”

Phil disse, “Eu quero perguntas estúpidas valendo quinhentos, Alex,” e relaxou seu ombro como se estivesse se preparando para um soco.

“Porque se você gosta, você fará com que ela me telefone. Foi você que a convenceu a não me ver, e agora você tem que convencê-la que ela *tem* que me ver.”

Phil olhou ao redor do estacionamento, como se chamando alguém para testemunhar essa insanidade.

James falou lenta e claramente, enunciando cada palavra.

“Há algo que eu posso fazer para ajudá-la.”

“Porque você é o Don Juan, certo? Você vai curá-la com seu amor.” As palavras foram irreverentes, mas a voz de Phil estava trêmula de puro ódio. Não só ódio por James, mas por um universo que daria câncer a Poppy.

“Não. Você entendeu completamente errado. Olha, você acha que eu estava dando uns amassos nela, ou me divertindo com suas afeições ou que seja. Não é isso mesmo que está acontecendo. Eu deixei você pensar isso porque estava cansado de ser investigado por você – e porque eu não queria que você soubesse o que *estávamos* fazendo.”

“Claro, claro,” Phil disse em uma voz cheia com medidas iguais de sarcasmo e desprezo. “Então o que vocês *estavam* fazendo? Tomando drogas?”

“Isso.”

James tinha aprendido algo com seu primeiro encontro com Poppy no hospital. Mostrar e contar deviam ser feitos nessa ordem. Dessa vez ele não disse nada; ele apenas agarrou Phil pelos cabelos e sacolejou sua cabeça para trás.

Havia apenas uma única luz atrás da loja, mas foi o suficiente para dar para Phil uma boa visão de suas presas expostas pairando sobre ele. E foi mais do que o suficiente para James, com sua visão noturna, ver os olhos verdes de Phillip se dilatarem a medida em que ele encarava.

Phillip gritou, então ficou frouxo.

Não de medo, James sabia. Ele não era um covarde. Do choque da descrença virando crença.

Phillip xingou. “Você é um...”

“Correto.” James soltou-o.

Phillip quase perdeu seu equilíbrio. Ele agarrou a caçamba para se apoiar. “Eu não acredito nisso.”

“Sim, você acredita,” James disse. Ele não tinha retraído suas presas, e ele sabia que seus olhos estavam um prata brilhante. Phil *tinha* que acreditar nisso com James de pé bem na frente dele.

Phil aparentemente teve a mesma idéia. Ele estava encarando James como se quisesse desviar o olhar, mas não conseguisse. A cor tinha sido drenada de seu rosto, e ele ficava engolindo como se fosse ficar doente.

“Deus,” ele disse por fim. “Eu sabia que havia algo errado com você. Errado e esquisito. Eu nunca consegui descobrir porque você me dava arrepios. Então é isso.”

Eu o enojo, James percebeu. Não é mais somente ódio.

Ele acha que eu sou menos que um humano.

Isso não augurou bem para o resto do plano de James.

“Agora você entende como eu posso ajudar a Poppy?” Phil balançou sua cabeça lentamente. Ele estava inclinado contra a parede, uma mão ainda na caçamba.

James sentiu a impaciência crescer em seu peito. “Poppy tem uma doença. Vampiros não ficam doentes. Você precisa de um mapa?”

A expressão de Phillip dizia que ele precisava.

“Se,” James disse com os dentes cerrados, “eu trocar sangue o suficiente com Poppy para transformá-la numa vampira, ela não terá mais câncer. Cada célula no corpo dela irá mudar e ela terminará como um espécime perfeito: perfeito, livre de doenças. Ela terá poderes com que os humanos nem sonham. E, incidentalmente, ela será imortal.”

Houve um longo, longo silêncio enquanto James assistia isso ser assentido por Phillip. Os pensamentos de Phil estavam muito bagunçados e caleidoscópicos para James entendê-los, mas os olhos de Phil ficaram mais largos e seu rosto ficou mais pálido.

Por fim Phil disse, “Você não pode fazer isso com ela.”

Foi o *jeito* como ele disse. Não como se ele estivesse protestando a idéia porque era muito radical, muito nova. Não a reação exagerada automática que Poppy tinha tido.

Ele disse isso com convicção absoluta e extremo horror. Como se James estivesse ameaçando roubar a alma de Poppy.

“É a única maneira de salvar a *vida* dela,” James disse.

Phil balançou sua cabeça lentamente de novo, os olhos enormes e em transe.

“Não. Não. Ela não iria querer. Não a esse preço.”

“Que custo?” James estava mais do que impaciente agora, ele estava na defensiva e exasperado. Se ele tivesse percebido que isso ia virar um debate filosófico, ele teria escolhido um lugar menos público. Como estava, ele tinha que manter todos os seus sentidos alertas para possíveis intrusos.

Phil soltou a caçamba e ficou de pé sozinho.

Havia medo misturado com o horror em seus olhos, mas ele encarava James diretamente.

“É só que – há coisas que os humanos julgam mais importantes do que ficar vivo,” ele disse. “Você descobrirá isso.”

Eu não acredito nisso, James pensou. Ele soa como um capitão espacial júnior falando com os invasores alienígenas em um filme B. *Você não descobrirá que as pessoas da Terra são tão ingênuos quanto você imagina.*

Em voz alta, ele disse, “Você está louco? Olha, Phil, eu nasci em São Francisco. Eu não sou um mostro de olho arregalado de Alfa-Centauro. Eu comi Wheaties no café-da-manhã.”

“E o que você come no lanchinho da meia noite?” Phil perguntou, seus olhos verder sombrios e quase infantis. “Ou as presas são só para decoração?”

Se jogou na fogueira, o cérebro de James disse a ele.

Ele desviou o olhar. “Está bem. Touché. Há algumas diferenças.

Eu nunca disse que era humano. Mas eu não sou algum tipo de–”

“Se você não é um monstro, então eu não sei o que é.”

Não mate-o, James aconselhou-se freneticamente. Você tem que convencê-lo. “Phil, não somos o que você ve nos filmes. Não somos todos-poderosos. Não podemos nos desmaterializar pelas paredes ou viajar no tempo, e não precisamos matar para nos alimentar. Não somos malvados, pelo menos não todos nós. Nós não estamos amaldiçoados.”

“Você não é natural,” Phillip disse suavemente, e James podia sentir que isso vinha do coração. “Você está errado. Você não deveria existir.”

“Porque estamos mais acima na cadeia alimentar do que vocês?”

“Porque as pessoas não deveriam... se alimentar... de outras pessoas.”

James não disse que as pessoas dele não achavam que as pessoas de Phillip eram pessoas. Ele disse, “Nós só fazemos o que precisamos para sobreviver. E Poppy já concordou.”

Phillip congelou. “Não. Ela não iria querer se tornar você.”

“Ela quer ficar viva – ou pelo menos, ela queria, antes de ficar brava comigo. Agora ela só está irracional porque ela não tem o suficiente do meu

sangue nela para terminar de transformá-la. Graças a você.” Ele parou, então disse deliberadamente, “Você já viu um cadáver de três semanas, Phil? Porque *é isso* que ela vai virar se eu não for até ela.”

O rosto de Phil se contorceu. Ele rodopiou e meteu o punho no lado de metal da caçamba. “*Não acha que eu sei disso?* Eu estou convivendo com isso desde domingo a noite.”

James ficou parado de pé, seu coração golpeando. Sentindo a angústia que Phil estava passando e a dor da mão machucada de Phil. Passaram-se diversos segundos antes que ele fosse capaz de dizer calmamente, “E você acha que isso é melhor do que eu posso dar a ela?”

“É uma porcaria. É podre. Mas, sim, é melhor do que virar algo que caça pessoas. Que usa as pessoas. Esse é o motivo de todas as namoradas, não é?”

Novamente, James não conseguia responder diretamente. O problema de Phil, ele estava percebendo, era que Phil era esperto demais para seu próprio bem. Ele pensava demais. “É. É esse o motivo de todas as namoradas,” ele disse por fim, cansadamente. Tentando não ver isso do ponto de vista do Phil.

“Só me diga uma coisa, Rasmussen.” Phillip se endireitou e olhou ele duramente nos olhos. “Você” – ele parou e engoliu em seco – “já se alimentou da Poppy – antes dela ficar doente?”

“Não.”

Phil soltou sua respiração. “Isso é bom. Porque se *tivesse*, eu teria te matado.”

James acreditou nele. Ele era muito mais forte do que Phil, muito mais rápido, e ele nunca tivera medo de um humano antes. Mas bem nesse momento ele não tinha dúvida de que Phil iria de algum jeito encontrar uma maneira de fazer isso.

“Olha, tem algo que você não entende,” ele disse.

“Poppy *quis* isso, e é algo que nós já começamos. Ela só está começando a se transformar; se ela morrer agora, ela não se tornará uma vampira. Mas ela pode não morrer afinal, também. Ela pode acabar como um cadáver ambulante. Um zumbi, sabe? Sem mente. Corpo apodrecente, mas imortal.”

A boca de Phil tiritou com repulsa. “Você só está dizendo isso para me assustar.”

James desviou o olhar. “Já vi acontecer.”

“Não acredito em você.”

“Eu vi isso *pessoalmente!*” Obscuramente, James percebeu que estava gritando e que tinha agarrado Phil pela frente da camisa. Ele estava fora de controle – e ele não ligava. “Eu vi isso acontecer com alguém que *eu gostava*, ta bom?”

E então, porque Phil ainda estava balançando sua cabeça: “Eu só tinha quatro anos e tinha uma babá. Todas as crianças ricas em São Francisco tem babás. Ela era humana.”

“Deixa para lá,” Phil murmurou, puxando o pulso de James. Ele estava respirando arduamente – ele não queria ouvir isso.

“Eu era louco por ela. Ela me deu tudo que minha mãe não deu. Amor, atenção – ela nunca estava ocupada demais. Eu a chamava de Senhorita Emma.”

“Deixa para lá.”

Mas meus pais acharam que eu estava apegado demais a ela. Então eles me levaram numa pequena excursão – e eles não me deixaram me alimentar. Não por três dias. Quando eles me trouxeram de volta, eu estava faminto. Então eles mandaram a Senhorita Emma para me colocar na cama.”

Phil tinha parado de lutar agora. Ele estava de pé com sua cabeça curvada e virada para um lado para que não precisasse olhar para James. James jogou suas palavras no rosto desviado.

“Eu só tinha quatro anos. Eu não conseguia me conter. E o negócio é que, eu queria. Se você me perguntasse quem eu preferia que morresse, eu ou a Senhorita Emma, eu teria dito eu.

Mas quando você está faminto, você perde o controle. Então eu me alimentei dela, e o tempo todo eu chorei e tentei parar. E quando eu finalmente consegui parar, soube que era tarde demais.”

Houve uma pausa. James de repente percebeu que seus dedos estavam presos em uma cãimbra agonizante. Ele soltou a camisa do Phil lentamente. Phil não disse nada.

“Ela estava simplesmente deitada lá no chão. Eu pensei, espera, se eu der meu próprio sangue para ela ela se tornará uma vampira, e tudo ficará bem.” Ele não estava mais gritando. Ele nem ao menos estava falando com Phillip, mas encarando o estacionamento escuro.

“Então eu me cortei e deixei o sangue correr para dentro da boca dela. Ela engoliu um pouco antes que os meus pais chegassem e me parassem. Mas não o suficiente.”

Uma pausa mais longa – e James se lembrou porque ele estava contando a história. Ele olhou para Phillip.

“Ela morreu naquela noite – mas não até o fim. Os dois tipos diferentes de sangue estavam brigando dentro dela. Então de manhã ela estava andando por aí – mas ela não era mais a Senhorita Emma.

Ela babava e sua pele era cinza e seus olhos estavam planos como os de um cadáver. E quando ela começou a – apodrecer - meu pai levou a Inverness e a enterrou. Ele a matou primeiro.” Bile subiu na garganta de James e ele acrescentou em quase um sussurro, “Eu espero que ele a tenha matado primeiro.”

Phil lentamente virou-se para olhar para ele. Pela primeira vez naquela noite, havia algo além de horror e medo em seu rosto. Algo como pena, James pensou.

James tomou um longo fôlego. Depois de treze anos de silêncio ele finalmente contou a história – para Phillip North, justo ele. Mas não era bom ficar se perguntando sobre o absurdo. Ele tinha um objetivo a chegar.

“Então pegue meu conselho. Se você não convencer Poppy a me ver, tenha certeza de não fazerem uma autópsia nela. Você não a quer andando por aí sem

seus órgãos internos. E tenha uma estaca de madeira para a hora que você não suportar mais olhar para ela."

A pena sumiu dos olhos de Phil. Sua boca era uma linha dura e trêmula.

"Nós não a deixaremos virar... algum tipo de abominação parcialmente viva," ele disse. "Ou um vampiro, tampouco. Sinto muito sobre o que aconteceu com a sua Senhorita Emma, mas não muda nada."

"*Poppy* deveria decidir—"

Mas Phillip tinha chegado ao seu limite, e agora ele estava simplesmente balançando sua cabeça. "Só fique longe da minha irmã," ele disse.

"É tudo o que eu quero. Se você ficar, eu te deixarei em paz. E se você não ficar—"

"O quê?"

"Eu vou contar a todos em El Camino o que você é. Eu vou chamar a polícia e o prefeito e eu vou ficar no meio da rua e gritar isso."

James sentiu suas mãos ficarem geladas. O que Phil não tinha percebido é que ele havia acabado de fazer a responsabilidade de James matá-lo. Não era só que qualquer humano que tropeçasse nos segredos do Mundo da Noite tinha que morrer, mas que um que ativamente ameaçasse contar sobre o Mundo da Noite tinha que morrer imediatamente, sem perguntas, sem misericórdia.

De repente James estava tão cansado que não conseguia enxergar direito.

"Saia daqui, Phil," ele disse em uma voz drenada de ambas emoção e vitalidade. "Agora. E se você realmente quiser proteger a *Poppy*, você não contará nada. Porque eles irão rastrear e descobrir que a *Poppy* sabe dos segredos, também. E então eles irão matá-la – depois de questioná-la. Não será divertido."

"Quem são 'eles'? Seus pais?"

"O Povo da Noite. Estamos ao seu redor, Phil. Qualquer um que você conhece pode ser um – incluindo o prefeito. Então fique de boca fechada."

Phillip olhou para ele através de olhos estreitos. Então ele se virou e andou até a frente da loja.

James não conseguia se lembrar de quando se sentira tão vazio. Tudo que ele tinha feito tinha dado errado. *Poppy* estava agora em mais formas de perigo do que ele conseguia contar.

E Phillip North achava que ele não era natural e era malvado. O que Phil não sabia era que na maioria do tempo James pensava a mesma coisa.

Phillip foi até a metade do caminho até a casa antes que ele se lembrasse que tinha derrubado a sacola com o suco de amora e picolé de cereja selvagem da *Poppy*. *Poppy* mal tinha comido nos últimos dois dias, e quando ela ficava com fome, era por algo estranho.

Não – algo *vermelho*, ele percebeu enquanto pagava pela segunda vez no 7-Eleven. Ele sentiu uma guinada em seu estômago. Tudo que ela queria ultimamente era vermelho e pelo menos semi-líquido.

A própria *Poppy* percebia isso?

Ele a estudou quando foi no quarto dela para lhe dar o picolé. Poppy passava a maior parte do tempo na cama agora.

E ela estava tão pálida e quieta. Seus olhos verdes eram a única coisa viva nela. Eles dominavam seu rosto, brilhando com uma consciência quase selvagem.

Cliff e a mãe de Phil estavam falando sobre conseguir enfermeiras ininterruptamente para ficar com ela.

“Não gostou do picolé?” Phil perguntou, arrastando uma cadeira para se sentar ao lado de sua cama.

Poppy estava olhando a coisa com nojo. Ela deu uma lambidinha e sorriu. Phillip a observou.

Outra lambida. Então ela colocou o picolé num copo plástico na sua cabeceira. “Eu não sei... eu simplesmente não me sinto faminta,” ela disse, inclinando-se contra os travesseiros. “Desculpa você ter saído por nada.”

“Sem problema.” Deus, ela parece doente, Phil pensou. “Tem mais alguma coisa que eu posso fazer por você?”

De olhos fechados. Poppy balançou sua cabeça. Um movimento muito pequeno.

“Você é um bom irmão,” ela disse distantemente.

Ela costumava ser tão viva, Phil pensou. Papai a chamava de quilowatt ou Eveready*. Ela costumava *radiar* energia.

*marca de bateria

Sem ao menos querer, ele se encontrou dizendo, “Eu vi James Rasmussen hoje.”

Poppy endureceu. Suas mãos na coberta não formaram punhos, mas garras. “É melhor ele ficar longe daqui!”

Havia algo sutilmente errado na reação dela.

Algo não-Poppy. Poppy podia ficar feroz, claro, mas Phil nunca tinha escutado aquele tom animal em sua voz antes.

Uma imagem relampejou na mente de Phil. Uma criatura de *A Noite dos Mortos Vivos*, andando apesar de seu intestino estar para fora. Um cadáver como a Senhorita Emma de James.

Era isso mesmo que ia acontecer se Poppy morresse agora? Ela já estava tão transformada?

“Eu vou arranhar os olhos dele se ele vier aqui,” Poppy disse, seus dedos trabalhando na colcha como um gato massageando.

“Poppy – ele me disse a verdade sobre o que ele realmente é.”

Estranhamente, Poppy não teve reação. “Ele é a escória,” ela disse. “Ele é um réptil.”

Algo no jeito da sua voz fez a carne de Phillip se arrepiar. “E eu disse a ele que você nunca iria se tornar algo assim.”

“Eu não iria,” Poppy disse curtamente. “Não se significasse ficar com *ele* pela eternidade. Eu nunca mais quero vê-lo.”

Phil encarou-a por um longo instante. Então ele se reclinou e fechou seus olhos, um dedão apertado contra sua têmpora onde a dor estava pior.

Não só sutilmente errado. Ele não queria acreditar, mas Poppy estava *estranha*. Irracional. E agora que ele estava pensando sobre isso, ela estava ficando cada vez mais estranha desde que James fora expulso.

Então talvez ela estivesse em algum misterioso estado intermediário. Nem humana e nem vampira. E não capaz de pensar claramente. Exatamente como James tinha dito.

Poppy deveria decidir.

Havia algo que ele tinha que perguntar a ela.

“Poppy?” Ele esperou até que ela olhasse para ele, seus olhos verdes grandes e sem piscar. “Quando nós falamos, James disse que você tinha concordado em deixá-lo – mudá-la. Antes de você ficar brava com ele. É isso mesmo?”

As sobrancelhas de Poppy se levantaram. “Eu estou brava com ele,” ela confirmou, como se essa tivesse sido a única parte da questão que ela tinha processado.

“E você sabe por que eu gosto de você? Porque você sempre o odiou. Agora ambos odiamos ele.”

Phil pensou por um momento, então falou cuidadosamente. “Está bem. Mas quando você não estava brava com ele, naquela época, você queria se transformar – no que ele é?”

De repente um brilho de racionalidade mostrou-se nos olhos de Poppy.

“Eu só não queria *morrer*,” ela disse. “Eu estava tão assustada – e eu queria viver. Se os médicos pudessem fazer alguma coisa para mim, eu tentaria. Mas eles não podem.” Ela estava se sentando agora, encarando o espaço como se visse algo terrível nele. “Você não sabe como é saber que você vai morrer,” ela sussurrou.

Ondas geladas lavaram Phillip. Não, ele não sabia disso, mas ele sabia – ele de repente podia imaginar vividamente – como seria para *ele* depois que Poppy morresse. Quão vazio o mundo iria ser sem ela.

Por um longo tempo ambos ficaram sentados em silêncio.

Então Poppy recaiu nos travesseiros de novo. Phillip podia ver manchas azul pastel debaixo dos olhos, como se a conversa tivesse a exaustado. “Eu não acho que importa,” ela disse numa voz fraca mas assustadoramente alegre. “Eu não vou morrer de qualquer jeito. Os médicos não sabem de tudo.”

Então é assim que ela está lidando com isso, Phillip pensou. Negação total.

Ele tinha todas as informações de que precisava, contudo. Ele tinha uma clara visão da situação. E ele sabia o que tinha que fazer agora.

“Eu vou embora para você descansar um pouco,” ele disse a Poppy, e deu um tapinha na sua mão. Ela estava muito fria e frágil, cheia de pequeninos ossos como os da asa de um pássaro. “Te vejo mais tarde.”

Ele saiu de casa sem dizer a ninguém onde estava indo. Uma vez na estrada, ele dirigiu muito rápido. Só levou dez minutos para alcançar o prédio do apartamento.

Ele nunca esteve no apartamento de James antes.

James respondeu a porta com um frio, “O que você está fazendo aqui?”

“Posso entrar? Eu tenho algo a dizer.”

James recuou sem expressão para deixá-lo entrar.

O lugar era amplo e nu. Havia uma única cadeira ao lado de uma mesa muito bagunçada, uma escrivaninha igualmente bagunçada, e um sofá quadrado manchado. Caixas de papelão cheias de livros e cds estavam empilhadas nos cantos. Uma porta conduzia a um quarto espartano.

“O que você quer?”

“Primeiro de tudo, eu tem que explicar algo. Eu sei que você não pode evitar ser o que você é – mas eu não posso evitar o que eu sinto sobre isso, tampouco. Você não pode mudar, e nem eu. Eu preciso que você entenda isso do começo.”

James cruzou seus braços por cima do peito, cauteloso e desafiante.

“Pode pular o sermão.”

“Só preciso ter certeza de que você entende, está bem?”

“O que você *quer*, Phil??”

Phil engoliu em seco. Levou duas ou três tentativas antes que ele conseguisse passar as palavras pelo bloqueio de seu próprio orgulho.

“Eu quero que você ajude a minha irmã.”

Capítulo 9

POR VANESSA

Poppy se deslocou para sua cama.

Ela estava infeliz. Era uma quente, inquieta infelicidade que queimava abaixo de sua pele. Vinda de seu corpo em vez de sua mente. Se ela não estivesse tão fraca, ela se levantaria e colocaria esse sentimento para correr. Mas seus músculos estavam doloridos e ela não conseguiria.

Sua mente estava simplesmente nublada. Ela não tentava pensar muito mais. Ela era mais feliz quando estava dormindo.

Mas hoje ela não conseguia dormir. Ela ainda podia sentir o gosto selvagem do picolé nos cantos de sua boca. Ela teria tentado levar o gosto embora, mas só o pensamento da água fez ela se sentir vagamente nauseada. Água não é bom. Não é o que eu preciso.

Poppy se virou e pressionou seu rosto no travesseiro. Ela não sabia do que precisava, mas ela sabia que não estava recebendo.

Um som suave veio do corredor. Passos. Passos de pelo menos duas pessoas. Não eram sons como de sua mãe e Cliff, e mesmo assim eles tinham ido para cama.

Houve uma leve batida na porta, então um fio de luz se abriu no chão quando a porta se abriu. Phill sussurrou:

-- Poppy, você está dormindo? Posso entrar?

Indignação estava subindo lentamente por Poppy, ele estava entrando, sem esperar por uma resposta. E alguém estava com ele.

Não apenas alguém. O alguém. O alguém que tinha machucado Poppy pior do que qualquer um. O traidor. James.

Raiva deu forças para Poppy se sentar.

-- Vai embora! Eu vou odeio você! – o mais primitivo e básico dos avisos... fora das mensagens. Uma reação animal.

-- Poppy, por favor, me deixe falar com você. – disse James. E depois algo incrível aconteceu. Mesmo Poppy, em seu estado, reconheceu que era incrível.

Phill disse:

-- Por favor, faça isso, Poppy. Apenas ouça ele.

Phill ajudando James?

Poppy estava muito confusa para protestar quando James se aproximou e se sentou na sua cama.

-- Poppy, eu sei que você está chateada. E é por minha culpa, eu cometi um engano. Eu não queria que Phill soubesse o que realmente estava acontecendo e eu disse a ele que só estava fingindo me importar com você. Mas não era verdade.

Poppy amarrou a cara.

-- Se você procurar por seus sentimentos, você saberá que não é verdade. Você está se tornando uma telepata, e eu acho que você já tem o suficiente para poder me ler.

Atrás de James, Phill se mecheu desconfortavelmente ao mencionarem telepatia.

-- Posso dizer a vocês que não é verdade. – disse ele, causando tanto a Poppy quanto a James um olhar de surpresa para ele – Essa é uma coisa que eu descobri ao falar com você. - ele acrescentou, falando para James sem olhar para ele – Você pode ser algum tipo de monstro, mas você realmente se preocupa com Poppy. Você não está tentando machucá-la.

-- Agora que você finalmente entendeu? Depois de causar tudo isto...? – James parou e balançou a cabeça, se voltando para Poppy – Poppy, concentre-se. Sinta o que estou sentindo. Encontre a verdade por você mesma.

Não vou e você não pode me obrigar, ela pensou. Mas a parte de que ela queria saber a verdade foi mais forte do que a parte irracional, a parte irritada. Timidamente ela se aproximou de James... não com sua mão, mas com sua mente. Ela não poderia ter descrito para ninguém como ela fez. Ela só fez isso.

E ela encontrou a mente de James, diamante... brilhando e queimando com intensidade. Não era o mesmo que sendo um com ele, a forma que tinha sido quando eles compartilharam sangue. Foi como olhar para ele de fora, sentindo suas emoções de longe. Mas foi o suficiente. O calor e a saudade e a proteção que ele tinha para ela todos eram claras. Então foi a angústia: a dor que Le sentiu em saber que ela estava machucada... e que ela odiava ele.

Os olhos de Poppy se encheram.

-- Você realmente se importa. – ela sussurrou.

Os olhos cinzentos de James se encontraram com os dela, e havia um olhar neles que Poppy não se lembrava de ter visto antes.

-- No Mundo da Noite há duas regras principais. – ele disse firmemente – Um deles é não dizer aos humanos que ele existe. O outro é para nunca se apaixonar por um humano. Eu quebrei os dois.

Poppy sabia, vagamente, que Phillip estava andando para o lado de fora do quarto. O fio de luz diminuiu quando ele fechou a porta atrás dele. O rosto de James estava parcialmente nas sombras.

-- Eu nunca poderia te contar como eu me sentia sobre você. – disse James – Eu não podia admitir isso nem para mim mesmo. Porque isso colocaria você em grande perigo. Você nem pode imaginar que tipo de perigo.

-- E você, também. – Poppy disse. Foi a primeira vez que ela realmente pensou sobre isso. Agora, a idéia surgiu de sua confusa consciência como uma bolha em uma panela fervente – Quero dizer, - disse ela lentamente, colocando para fora – se é contra as regras dizer a um humano ou amar um humano, e você quebra as regras, então deve haver alguma punição para você... – no momento em que disse isso, ela sentiu que punição era.

Mais do rosto de James foi para a sombra.

-- Não se preocupe sobre isso. – disse ele em sua antiga voz, sua voz de cara legal.

Poppy nunca tomou conselho, nem mesmo de James. Uma onda de raiva e irritação passou por ela... uma raiva animal, uma agitação febril. Ela podia sentir seus olhos estreitarem e as garras em seus dedos.

-- Não me diga com o que devo me preocupar!

Ele amarrou a cara.

-- Não me diga para não te dizer... – ele começou e então parou – O que estou fazendo? Você ainda está doente com a mudança e eu estou sentado aqui. – ele enrolou para cima a manga de sua blusa e passou a unha ao longo de seu pulso. Onde as unhas cortaram, o sangue jorrou.

Parecia preto na escuridão. Mas Poppy encontrou seus olhos fixados no líquido com fascínio. Seus lábios se abriram e sua respiração veio mais rápido.

-- Vamos. – disse James, e colocou seu punho na frente dela. No segundo seguinte Poppy o pegou e o colocou em sua boca como se ela estivesse tentando salvá-lo de uma picada de cobra.

Era tão natural, tão fácil. Isto é o que ela precisava quando despachava Phill para pegar picolés e suco de morango. Este doce material foi a coisa real e nada mais foi como isso. Ela sugava avidamente.

Foi tudo bom: a proximidade, os riscos, o gosto do sangue-escuro, a força e a vitalidade que inundaram através dela, aquecendo ela até a ponta de seus dedos. Mas o melhor, melhor do que qualquer mera sensação, foi o toque na mente de James.

Como ela podia algum dia ter desconfiado dele? Parecia ridículo agora que ela podia sentir, diretamente, como ele se sentia sobre ela. Ela nunca conheceu ninguém da forma como ela conhece James.

“Sinto muito”, ela pensou para ele, e sentiu seu pensamento aceito, perdoado, amado. Realizada gentilmente pelo embalar da mente de James.

“Não foi sua culpa”, ele disse para ela.

A mente de Poppy parecia estar clareando a cada segundo que passava. Era como despertar de um profundo e desconfortável sono. “Eu não quero que isto termine”, ela pensava, não realmente direcionando para James, só pensando nisso.

Mas ela sentiu uma reação nele... e então sentiu ele enterrar essa reação rapidamente. Não rápido o suficiente. Poppy tinha sentido.

“Vampiros não fazem isso entre eles.”

Poppy estava chocada. Eles não teriam essa glória novamente depois que ela mudasse? Ela não queria acreditar nisso, ela se recusou. Deve haver uma maneira...

Novamente, ela sentiu o início de uma reação em James, mas como ela o estava perseguindo, ele puxou suavemente seu punho para trás.

-- É melhor você não tomar mais esta noite. – ele disse, e sua voz do mundo real soou estranha aos ouvidos de Poppy. Não foi muito como a voz mental de James, e agora ela não podia realmente sentir ele corretamente. Eram dois seres separados. O isolamento foi horrível.

Como ela poderia sobreviver se ela nunca mais pudesse tocar sua mente novamente? Se tivesse que usar palavras, que de repente pareceria tão desajeitado quanto sinais de fumaça para uma comunicação? Se ela nunca pudesse senti-lo inteiro, todo o seu ser aberto para ela?

Foi cruel e injusto e todos os vampiros deviam ser idiotas por estabelecerem qualquer coisa a menos.

Antes que ela pudesse abrir a boca para começar o desastroso processo verbal de explicar isso a James, a porta se abriu. Phillip olhou em torno dela.

-- Pode entrar. – disse James – Temos muito o que falar.

Phill estava encarando Poppy.

-- Você está... – ele parou e engoliu antes de terminar em um sussurro rouco – Melhor?

Ela não precisou de telepatia para sentir seu desgosto. Ele olhou de relance para sua boca, e então se afastou depressa. Poppy percebeu o que ele devia estar vendo. Uma mancha como se ela tivesse comido jujubas. Ela esfregou seus lábios com as costas de sua mão.

O que ela quis dizer foi, não é nojento. Faz parte da Natureza. É uma maneira de dar vida, vida pura. É secreto e bonito. Isto tudo é certo.

O que ela disse foi:

-- Não bata até que você tenha tentado isso.

O rosto de Phill se contorceu em horror. E a coisa estranha era que James estava de acordo com ele sobre esse assunto. Poppy podia sentir – James pensava que compartilhar sangue era escuro e do mal, também. Ele estava cheio de culpa. Poppy deu um longo, exasperado suspiro, e acrescentou:

-- Garotos.

-- Você está melhor. – disse Phill, mostrando um fraco sorriso.

-- Eu acho que estava quase bizarra antes. – disse Poppy – Desculpe.

-- Quase não é a palavra.

-- Não foi culpa dela – disse James brevemente para Phill – Ela estava morrendo... e alucinando. Sem sangue suficiente no cérebro.

Poppy balançou a cabeça dela.

-- Eu não entendi. Você não tomou muito sangue de mim da última vez. Como eu posso não ter sangue suficiente no cérebro?

-- Não é isso. – disse James – Os dois tipos de sangue reagem um contra o outro... eles lutam entre si. Olha, se você quiser uma explicação científica, é algo como isso. Sangue de vampiro destrói as hemoglobinas... os glóbulos vermelhos... no sangue humano. Uma vez que se destrói o suficiente das células vermelhas, você para de pegar o oxigênio que você precisa para pensar. E quando destrói mais, você não tem o que precisa de oxigênio para sobreviver.

-- Então sangue de vampiro é como veneno. – disse Phill, no tom de alguém que já sabia de tudo há muito tempo.

James corou. Ele não estava olhando para Poppy ou Phill.

-- Em algumas maneiras. Mas em outras maneiras é como uma cura universal. Ele faz feridas sarar rápido, fazendo a carne se regenerar. Vampiros

podem viver com muito pouco oxigênio porque suas células são muito resistentes. Sangue de vampiro faz tudo... menos transportar oxigênio.

Uma luz brilhou no cérebro de Poppy. A aurora da revelação... o mistério do conde Drácula explicado.

-- Espere um minuto. – ela disse – É por isso que você precisa de sangue humano?

-- Essa é uma das razões. – disse James – Existem mais... mais algumas coisas místicas que o sangue humano faz para nós, mas nos manter vivos é uma das coisas básicas. Tomamos um pouco e ele carrega o oxigênio através de nosso sistema até que nosso próprio sangue o destrua. Então tomamos um pouco mais.

Poppy se voltou.

-- Então é isso. E isso é natural...

-- Nada sobre isso é natural. – disse Phill, seu desgosto surgindo novamente.

-- Sim, isso é. É como você chama na classe de biologia. Simbiose...

-- Não importa como é. – disse James – Nós não podemos nos sentar aqui e falar sobre isso. Nós temos que fazer planos.

Houve um abrupto silêncio quando Poppy percebeu de que tipo de planos ele estava falando. Ela podia dizer que Phill estava percebendo também.

-- Você não está fora de perigo ainda. – disse James suavemente, seus olhos pressionando Poppy. – Vai haver mais uma troca de sangue, e você deve fazê-lo o mais rápido possível. De outro modo, você pode ter uma recaída novamente. Mas vamos ter de planejar a próxima troca cuidadosamente.

-- Porquê? – Phill disse, em sua maioria deliberadamente obstruído.

-- Porque ele vai me matar. – Poppy disse plenamente antes que James pudesse responder. E quando Phill vacilou, ela continuou impiedosamente – É o que tudo isso se significa, Phill. Não se trata de algum joguinho que James e eu estamos jogando. Temos de encarar a realidade, e a realidade é que de uma forma ou de outra eu vou morrer em breve. E eu prefiro morrer e despertar como um vampiro do que morrer e não despertar nunca mais.

Houve um outro silêncio, durante o qual James pôs sua mão sobre a dela. Foi só então que Poppy percebeu que ela estava tremendo.

Phill olhou para cima. Poppy podia ver que seu rosto estava indecifrável, seus olhos escuros.

-- Somos gêmeos. Então como você pode parecer tão mais velha que eu? – disse ele em uma voz muda.

Um pouco de silêncio e, em seguida, James disse:

-- Acho que amanhã à noite seria um bom momento para fazer isso. É sexta-feira... você acha que pode fazer sua mãe e Cliff saírem de casa durante à noite?

Phill piscou.

-- Eu acho... se Poppy parece melhor, eles podem sair um pouco. Se eu disser que ficarei com ela.

-- Tente convencê-los de que precisam de um tempo. Eu não quero eles por perto.

-- Você não pode fazer eles não notarem nada? Como você fez com a enfermeira no hospital? – Poppy disse.

-- Não se eu vou estar concentrado em você. – disse James – E há certas pessoas que não podem ser influenciadas pelo controle da mente... seu irmão, aqui, é um deles. Sua mão pode ser outro.

-- Tudo bem, eu vou convencê-los a sair. – disse Phillip. Ele engoliu, obviamente desconfortável e tentando escondê-lo – E uma vez que eles se forem... então o quê?

James olhou para ele.

-- Então Poppy e eu faremos o que temos que fazer. E então você e eu vamos ver TV.

-- Ver TV. – Phill repetiu, som entorpecido.

-- Eu tenho que estar aqui quando o médico chegar... e as pessoas da casa funerária.

Phill olhou absolutamente horrorizado com a menção da casa funerária. Com esse assunto, Poppy não se sentia muito feliz sobre si mesma. Se não fosse por esse rico, estranho sangue percorrendo dentro dela, acalmando ela...

-- Por quê? - Phillip exigiu de James.

James balançou a cabeça, muito ligeiramente. Seu rosto era inexpressivo.

-- Eu simplesmente tenho. – disse ele – Você vai entender mais tarde. Por agora, apenas confie em mim.

Poppy decidiu não o perseguir.

-- Então vocês vão ter que fazer até amanhã. – ela disse – Na frente de mamãe e Cliff. Senão vai ser muito estranho para vocês saírem juntos.

-- Vai ser muito estranho não importa o que aconteça. – disse Phill sob sua respiração – Venha amanhã à tarde e nós faremos. E eu vou convencê-los a nos deixar com Poppy.

James acenou.

-- Seria melhor eu ir agora. – ele parou. Phill deu um passo para trás para deixá-lo sair pela porta, mas James hesitou por Poppy.

-- Você vai ficar bem? – ele perguntou em uma voz baixa.

Poppy acenou firme.

-- Amanhã, então. – ele tocou sua bochecha com seus dedos. Um breve contato, mas fez o coração de Poppy pular e transformar suas palavras em verdade. Ela ia ficar bem.

Eles se olharam por um momento e, em seguida, James se afastou.

Amanhã, Poppy pensou, olhando a porta se fechar atrás dele. Amanhã é o dia em que morrerei.

Uma coisa sobre isso, pensou Poppy – Nem todas as pessoas eram privilegiadas em saber exatamente quando vão morrer. Assim, muitas pessoas não tiveram a chance de dizer adeus da forma como planejaram.

Não importa que ela não estava realmente morrendo. Quando uma lagarta muda para uma borboleta, a lagarta perde sua vida. Não mais subindo em galhos, não mais comendo folhas.

Não mais El Camino High School, pensou Poppy. Não mais dormir nesta cama.

Ela estava indo ter que deixar tudo para trás. Sua família, sua cidade natal. Toda a sua vida humana. Ela estava começando um novo futuro estranho com nenhuma idéia do que estava à sua frente. Tudo o que ela podia fazer era confiar em James... e confiar em sua própria capacidade de se adaptar.

Era como olhar para uma pálida e curvada estrada à frente dela, e não sendo capaz de ver aonde ela ia, uma vez que desapareceu na escuridão.

Não mais andar de patins na calçada de Venice Beach, pensou Poppy. Não mais bater os pés molhados no concreto na piscina pública de Tamashaw. Não mais compras no Village.

Para dizer adeus, ela olhou para todos os cantos de seu quarto. Adeus penteadeira branca. Adeus mesa onde tinha se sentado escrevendo centenas de cartas... como provado pelas manchas aonde tinha deixado cair a cera do selo na madeira. Adeus cama, adeus cortinas brancas da cama que a fizeram se sentir como uma princesa Arábia em um conto de fadas. Adeus estêreo.

Ouch, ela pensava. Meu estêreo. E meus CDs. Não posso deixar eles, não posso...

Mas é claro que ela podia. Ela tinha que poder.

Era provavelmente justo também que teve que lidar com o estêreo antes que andar fora de seu quarto. Construiu o começo de como ela iria lidar com a perda das pessoas.

-- Olá, mãe. – ela disse na cozinha.

-- Poppy! Eu não sabia que você estava de pé.

Ela abraçou sua mãe firme, ciente de muitas sensações pequenas: o azulejo da cozinha sob seus pés descalços, o cheiro fraco de coco do shampoo de seu cabelo. Os braços de sua mãe ao redor dela, e o calor do corpo de sua mãe.

-- Você está com fome, querida? Você parece muito melhor.

Poppy não podia suportar o olhar ansioso de esperança no rosto de sua mãe, e o pensamento em comida fez ela ter náuseas. Ela cavou seu rosto de volta no ombro de mãe.

-- Segure-me um minuto. – ela disse.

Então lhe ocorreu que ela não seria capaz de dizer adeus a tudo no final das contas. Não poderia amarrar todos os fios soltos de sua vida em uma tarde. Ela podia ser privilegiada por saber que esse era seu último dia aqui, mas ela estava se asindo como todo mundo... despreparada.

-- Basta lembrar que eu te amo. – ela murmurou de encontro ao ombro de sua mãe, piscando para trás.

Ela deixou sua mãe a pôr na cama. Passou o resto do dia fazendo telefonemas. Tentando aprender um pouco da vida que estava prestes a sair, as

pessoas que supostamente sabem. Tentando apreciar tudo, rápido, antes que tivesse que abandoná-la.

-- Então, Elaine, eu sinto saudades. – disse ela no telefone, os olhos fixos no sol que vinha da janela.

-- Então, Brady, como vai?

-- Então, Laura, obrigada pelas flores.

-- Poppy, você está bem? – eles disseram – Quando é que vamos ver você de novo?

Poppy não conseguia responder. Ela desejou poder chamar o seu pai, mas ninguém sabia onde ele estava.

Desejou também que tivesse realmente lido o jogo *Our Town* quando teve a chance no ano passado, em vez de usar as notas de Cliff e pensar rápido para falsificá-lo. Tudo o que ela podia se lembrar agora era que falava sobre uma garota morta que tem a chance de olhar para um dia normal de sua vida e realmente apreciar isso. Isso poderia ter ajudado a resolver os seus próprios problemas agora... mas era muito tarde.

Eu desperdicei muito da escola, percebeu ela. Eu usei o meu cérebro para levar a melhor sobre os professores... e isso não era muito esperto em tudo.

Ela descobriu em si mesma um novo respeito por Phill, que efetivamente usou se cérebro para aprender coisas. Talvez seu irmão não tenha sido um coitado puritano triturável afinal. Talvez... oh, Deus... ele tenha sido legal o tempo todo.

Estou mudando muito, Poppy pensou, ela tremeu.

Se era o estranho sangue alienígena ou o seu próprio câncer ou apenas uma parte do crescimento, ela não sabia. Mas ela estava mudando.

A campainha tocou e Poppy sabia quem era sem sair do quarto. Ela podia sentir James.

Ele está aqui para começar a jogar, Poppy pensou, e olhou para seu relógio. Incrível. Já eram quase quatro horas.

O tempo pareceu literalmente voar.

Não entre em pânico. Você ainda tem horas, ela disse para si mesma e pegou o telefone novamente. Mas pareceu apenas alguns minutos depois quando sua mãe veio bater à porta de seu quarto.

-- Querida, Phill acha que devemos sair... e James chegou... mas eu disse a ele que eu acho que você não vai querer vê-lo... e eu realmente não quero te deixar à noite... – a mãe dela foi incaracteristicamente afobada.

-- Não, estou feliz em ver James. Realmente. E eu acho que você precisa de um tempo. Sério.

-- Bem... eu estou feliz que você e James fizeram as pazes. Mas eu ainda não sei...

Levou tempo para convencer ela, para persuadi-la de que Poppy estava melhor, que Poppy tinha semanas ou meses à frente dela para viver. Que não havia razões para ficar por perto nesta especial sexta-feira à noite.

Mas no final a mãe de Poppy a beijou e concordou. E então não havia mais nada a fazer mas dizer adeus a Cliff. Poppy lhe deu um abraço e finalmente o perdoou por não ser seu pai.

Você fez o seu melhor, ela pensou quando soltou seu terno escuro e olhou para sua mandíbula quadrada. E você vai ser o único que vai tomar conta da mamãe... depois disso. Então eu te perdoou. Você está certo, afinal.

E então Cliff e sua mãe andaram até a porta, e era a última vez, o último momento de dizer adeus. Poppy os chamou logo depois e eles se viraram e sorriram.

Quando foram embora, James e Phill entraram no quarto de Poppy. Poppy olhou para James. Seus olhos cinzas estavam opacos, não revelando nada de seus sentimentos.

-- Agora? – disse ela e sua voz tremeu ligeiramente.

-- Agora.

Capítulo 10

POR JULIANA

“As coisas tem que estarem certas,” Poppy disse. “As coisas tem que estarem certas para isso. Pegue algumas velas, Phil.”

Phil parecia pálido e cansado. “Velas?”

“Quantas puder achar. E alguns travesseiros. Eu preciso de muitos travesseiros.” Ela se ajoelhou perto do som para examinar uma pilha aleatória de cds. Phil encarou-a brevemente, então continuou.

“*Estruturas do Silêncio...* não. Muito repetitivo,” Poppy disse, inspecionando a pilha.

Floresta Profunda – não. Muito alardeante. Eu preciso de algo ambiente.”

“Que tal esse?” James pegou um cd. Poppy olhou para a embalagem.

Música para se Desaparecer.

É claro. Era perfeito. Poppy pegou o cd e encontrou o olhar de James. Geralmente ele se referia a assombrosa melodia suave da música ambiente como “sentimentalismo de New Age.”

“Você entende,” ela disse silenciosamente.

“Sim. Mas você não está morrendo, Poppy. Essa não é uma cena de crime que você está montando.”

“Mas eu vou embora. Eu estou mudando.” Poppy não conseguia explicar exatamente, mas algo nela dizia que ela estava fazendo a coisa certa. Ela estava morrendo a sua vida velha. Era uma ocasião solene, uma Passagem.

E é claro, apesar de nenhum deles mencionar isso, ambos sabia que ela *podia* morrer de vez. James tinha sido muito franco quanto a isso – algumas pessoas não sobreviviam à transição.

Phil voltou com velas, velas de Natal, velas de emergência, velas votivas perfumadas. Poppy o direcionou para colocá-las ao redor da sala e acendê-las. Ela própria foi ao banheiro para se trocar em sua melhor camisola. Era de flanela, com um padrão de moranguinhos.

Imagine, ela pensou enquanto deixava o banheiro. Essa é a última vez que eu andarei nesse corredor, a última vez que eu abrirei a porta do meu quarto.

O quarto era lindo. O brilho suave da luz de velas dava-lhe uma aura de santidade, de mistério. A música era sobrenatural e doce, e Poppy sentia que podia mergulhar nela para sempre, do jeito que ela mergulhava em seus sonhos.

Poppy abriu o armário e usou um cabide para bater em um leão de pelúcia marrom-amarelado e um frouxo Bisonho* cinza da prateleira de cima.

* também conhecido como Ió, é o burrinho das histórias do Ursinho Pooh.

Ela os levou para sua cama e os colocou ao lado do amontoado de travesseiros. Talvez fosse estupidez, talvez fosse criancise, mas ela os queria com ela.

Ela se sentou na cama e olhou para James e Phillip.

Ambos olhavam-na. Phil estava claramente chateado, tocando sua boca para parar sua tremedeira. James estava chateado, também, apesar de que somente alguém que o conhecesse tão bem quanto Poppy o conhecia seria capaz de saber disso.

“Está tudo bem,” Poppy disse a eles. “Não veem? Eu estou bem, então não há desculpa para vocês não estarem.”

E o estranho era que era verdade. Ela estava bem. Ela se sentia calma e tranquila agora, como se tudo tivesse se tornado muito simples. Ela viu a estrada a frente dela, e tudo que ela tinha que fazer era segui-la, passo a passo.

Phil veio para perto para apertar sua mão. “Como isso – como isso funciona?” ele perguntou a James roucamente.

“Primeiramente trocaremos sangue,” James disse – falando com Poppy. Olhando somente para ela. “Não tem que ser muito; você já está a beira da transformação. Então os dois tipos de sangue brigarão - meio como a última batalha, se me entende.” Ele sorriu fraco e dolorosamente, e Poppy acenou.

“Enquanto isso estiver acontecendo você se sentirá cada vez mais fraco. E então você simplesmente – irá dormir. A mudança acontecerá enquanto você estiver dormindo.”

“E quando eu acordar?” Poppy perguntou.

“Eu te darei um tipo de sugestão pós-hipnótica quanto a isso. Direi para você acordar quando eu chegar para te levar. Não se preocupe com isso; eu tenho todos os detalhes planejados. Tudo que você precisa fazer é descansar.”

Phil estava correndo mãos nervosas pelo seu cabelo, como se ele só estivesse agora pensando no tipo de detalhes que ele e James iriam ter que lidar.

“Espere um minuto,” ele disse em quase um grasnado. “Quando – quando você diz ‘dormir’ – ela vai parecer...”

“Morta,” Poppy supriu, quando a voz dele se dissipou.

James lançou um olhar gélido para Phil. “Sim. Nós falamos sobre isso.” “E então – nós realmente vamos – o que vai *acontecer* com ela?”

James olhou furiosamente.

“Está tudo bem,” Poppy disse suavemente. “Conte a ele.”

“Você sabe o que vai acontecer,” James disse pelos dentes cerrados para Phillip. “Ela não pode simplesmente desaparecer. A polícia *e* as Pessoas da Noite iriam atrás de nós, procurando-na. Não, tem que parecer que ela morreu do câncer, e isso significa que tudo tem que acontecer exatamente do jeito que aconteceria se ela *tivesse* morrido.”

A expressão doente de Phil dizia que ele não estava em sua forma mais racional.

“Tem certeza de que não há outra maneira?”

“Não,” James disse.

Phil molhou seus lábios. “Ai, Deus.”

A própria Poppy não queria concentrar-se muito nisso. Ela disse ferozmente, “Se vira, Phil. Você tem que ir. E lembre-se, se não acontecer agora irá acontecer em algumas semanas – de verdade.”

Phil estava segurando tão firmemente uma das pernas de cama de latão que seus nós dos dedos estavam pálidos. Mas ele tinha entendido a ideia, e não havia ninguém melhor que Phil em se fortificar. “Você está certa,” ele disse tenuamente, com o fantasma de suas maneiras antigas eficientes.

“Está bem, eu vou me virar com isso.”

“Então vamos começar,” Poppy disse, deixando sua voz calma e firme. Como se ela mesma estivesse lidando com tudo sem esforço.

James disse para phil, “Você não quer ver essa parte. Saia e veja tv por alguns minutos.”

Phil hesitou, então acenou e foi embora.

“Uma coisa,” Poppy disse para James enquanto movia-se para o meio da cama. Ela ainda estava tentando desesperadamente soar casual. “Depois do funeral – bem, eu estarei dormindo, não? Eu não acordarei... sabe. No meu caixãozinho bacana.” Ela olhou para ele. “É só que eu sou claustrofóbica, um tantinho.”

“Você não acordará lá,” James disse. “Poppy, eu não deixarei isso acontecer com você. Confie em mim; eu pensei em tudo.”

Poppy acenou. Eu confio em você, ela pensou.

Então ela esticou seus braços para ele.

Ele tocou o pescoço dela, então ela inclinou seu queixo para trás. Enquanto o sangue era drenado dela, ela sentiu sua mente ser puxada na dele.

Não se preocupe, Poppy. Não tenha medo. Todos os pensamentos dele eram ferozmente protetivos. E mesmo que isso só confirmasse que havia algo do que se *ter* medo, que isso podia dar errado, Poppy se sentiu tranquila. A sensação evidente do amor dele a fez se acalmar, a encheu de luz.

Ela de repente se sentiu distante e acima e nas profundezas – na amplitude. Como se seus horizontes tivessem se expandido quase ao infinito por um instante. Como se ela houvesse descoberto uma nova dimensão.

Como se não houvesse limites ou obstáculos para o que ela e James pudessem fazer juntos.

Ela se sentia... livre.

Eu estou ficando zozona, ela percebeu. Ela podia se sentir ficando frouxa nos braços de James. Desmaiando como uma flor definhando.

Eu já tomei o bastante, James disse na mente dela. A boca quente de animal em sua garganta recuou. “Agora é a sua vez.”

Dessa vez, contudo, ele não cortou seu pulso. Ele tirou sua camiseta e, com um gesto rápido e impulsivo, correu uma incha pela base de sua garganta.

Ah, Poppy pensou. Lenta, quase respeitosamente, ela se inclinou para frente. A mão de James apoiava a parte de trás da cabeça dela. Poppy colocou seus braços ao redor dele, sentindo a pele nua dele debaixo da flanela de sua camisola.

Era melhor desse jeito. Mas se James estivesse certo, era outra última vez. Ela e James nunca poderiam trocar sangue novamente.

Eu não posso aceitar isso, Poppy pensou, mas ela não conseguia se concentrar em nada por muito tempo. Dessa vez, ao invés de clarear seu cérebro, o

selvagem e intoxicante sangue vampírico estava fazendo-a ficar mais confusa. Mais pesada e sonolenta.

James?

Está tudo bem. É o começo da mudança.

Pesada... sonolenta... quente. Marulhada em ondas salgadas de oceano.

Ela quase podia imaginar o sangue vampírico escorrendo em suas veias, conquistando tudo em seu caminho. Era um sangue antigo, primitivo. Estava transformando-na em algo velho, algo que estava aqui desde o começo dos tempos. Algo primitivo e básico.

Cada molécula de seu corpo, mudando... *Poppy, consegue me ouvir?* James estava balançando-a ligeiramente.

Poppy ficara tão absorta nas sensações que ela nem percebera que não estava mais bebendo. James estava balançando-a como um bebê.

“Poppy.”

Foi um esforço para abrir os olhos dela. “Eu estou bem. Só... sonolenta.”

Seus braços se apertaram ao redor dela, então ele deitou-a gentilmente na pilha de travesseiros. “Você pode descansar agora. Eu vou chamar o Phil.”

Mas antes que ele fosse, ele a beijou na testa.

Meu primeiro beijo. Poppy pensou, seus olhos fechando-se novamente.

E eu estou em estado de coma. Ótimo.

Ela sentiu sua cama ceder por causa do peso e olhou para cima para ver Phil. Phil parecia muito nervosa, sentado cuidadosamente, encarando Poppy. “Então o que está acontecendo agora?” ele perguntou.

“O sangue vampírico está tomando conta,” James disse.

Poppy disse, “Eu realmente estou com sono.”

Não havia dor. Só uma sensação de querer deslizar.

Seu corpo agora estava quente e entorpecido, como se ela estivesse isolada por uma aura suave e grossa.

“Phil? Eu esqueci de dizer – obrigada. Por ajudar. E tudo mais. Você é um bom irmão, Phil.”

“Você não precisa dizer isso agora,” Phil disse sucintamente. “Você pode dizer mais tarde. Eu ainda vou estar aqui mais tarde, sabe.”

Mas eu posso não estar. Poppy pensou. Isso tudo é uma aposta. E eu nunca a faria, exceto que a única alternativa era desistir sem nem tentar lutar.

Eu lutei, não foi? Pelo menos eu lutei.

“Sim, você lutou,” Phil disse, sua voz tremendo. Poppy não ficara ciente de que estava falando em voz alta. “Você sempre foi uma lutadora,” Phil disse. “Eu aprendi tanto com você.”

O que era engraçado, porque ela tinha aprendido tanto com *ele*, mesmo que a maioria nas últimas vinte e quatro horas. Ele queria dizer-lhe isso, mas havia tanto a se dizer, e ela estava tão cansada.

Sua língua parecia grossa; seu corpo todo fraco e lânguido.

“Só... segure a minha mão,” ela disse, e ela conseguia ouvir que sua voz não era mais alto que um sussurro. Phillip pegou uma de suas mãos e James a outra.

Isso era bom. Esse era o jeito de se fazer isso, com Bisonho e seu leão nos travesseiros ao lado dela e Phil e James segurando suas mãos, mantendo-na a salvo e ancorada.

Uma das velas tinha cheiro de baunilha, um cheiro quente e caseiro. Um cheiro que a lembrava de quando era criança. Biscoitos recheados Nilla* e hora da soneca. Era assim que era. Só uma soneca no jardim de infância da Senhorita Spurgeon, com o Sol inclinando-se sobre o chão e James num colchão ao lado dela.

* marca de biscoitos da companhia Nabisco.

Tão seguro, tão sereno...“Ah, Poppy,” Phil sussurrou.

James disse, “Está indo bem, menina. Tudo está certinho.”

Isso era o que Poppy precisava ouvir. Ela se deixou mergulhar na música, e *era* como mergulhar num sonho, sem medo. Era como ser uma gota de chuva mergulhando no oceano que tinha te começado.

No último momento ela pensou, não estou pronta. Mas ela já sabia a resposta para isso. Ninguém nunca estava pronto.

Mas ela tinha sido tão estúpida – ela tinha esquecido a coisa mais importante. Ela nunca tinha dito a James que o amava. Nem mesmo quando ele tinha dito que a amava.

Ela tentou conseguir ar suficiente, força o bastante para dizer isso. Mas era tarde demais. O mundo de fora tinha ido embora e ela não conseguia mais sentir seu corpo. Ela estava flutuando na escuridão e na música, e tudo que podia fazer agora era dormir.

“Durma,” James disse, inclinando-se para mais perto de Poppy. “Não acorde até que eu te chame. Só durma.”

Cada músculo no corpo de Phil ficou rígido. Poppy parecia tão tranquila – pálida, com seu cabelo espalhado em cachos cúpricos no travesseiro, e seus cílios pretos em seus bochechas e seus lábios separados enquanto ela respirava gentilmente. Ela parecia uma boneca de porcelana. Mas quanto mais tranquila ela ficava, mais assustado Phil se sentia.

Eu posso lidar com isso, ele disse a si mesmo. Eu *tenho* que.

Poppy soltou uma exalação suave, e então de repente estava se movendo. Seu peito se levantou uma, duas vezes. Sua mão se apertou na de Phil e seus olhos se abriram com tudo – mas ela não parecia estara vendo nada. Ela só parecia surpresa.

“Poppy!” Phil agarrou-a, pegando um punhado da camisola de flanela. Ela era tão pequena e frágil por dentro. “Poppy!”

As arfadas de elevação pararam. Por um momento Poppy ficou suspensa no ar, então seus olhos se fecharam e ela caiu de volta nos travesseiros. Sua mão ficou frouxa na de Phil.

Phil perdeu toda a racionalidade.

“Poppy,” ele disse, ouvindo o tom perigoso e desequilibrado em sua própria voz. “Poppy, vamos lá. Poppy, acorde!” – numa nota crescente. Suas mãos tremiam violentamente, arranhando os ombros de Poppy.

Outras mãos empurraram as suas. “Que diabos está fazendo?” James disse silenciosamente.

“Poppy? Poppy?” Phil continuava encarando-na. O peito dela não estava se movendo. Seu rosto tinha um aspecto de – soltura inocente. O tipo de renovação que só se vê em bebês.

E estava – transformando. Tomando uma aparência branca, transparente. Era sinistra, fantasmagórica, e mesmo Phil nunca tendo visto um cadáver, ele sabia instintivamente que essa era a palidez da morte.

A essência de Poppy havia deixado-a. Seu corpo estava duro e sem tom, não mais inflado pelo espírito vital. Sua mão na de Phil estava frouxa, não como a mão de uma pessoa adormecida. Sua pele tinha perdido seu brilho, como se alguém tivesse assoprado-o suavemente.

Phil jogou sua cabeça para trás e soltou um som animal. Não era humana. Era um rosnado.

“Você a matou!” Ele caiu da cama e marchou na direção de James. “Você disse que ela só ia dormir, mas você matou ela! Ele está morta!”

James não recuou do ataque. Ao invés, ele agarrou Phil e o arrastou para fora no corredor.

“Audição é o último sentido a ir embora,” ele rosnou na orelha de Phillip. “Ela pode ser capaz de *ouvir* você.”

Phil se soltou com violência e correu na direção da sala de estar. Ele não sabia o que estava fazendo, ele só sabia que precisava destruir coisas. Poppy estava morta. Ela se fora. Ele agarrou o sofá e o virou, então chutou a mesinha de centro, também. Ele apanhou uma luminária, puxou com força seu fio para fora da tomada, e a jogou na direção da lareira.

“Pare com isso!” James gritou por sobre a destruição. Phil viu-no e correu até ele. A pura força de sua agressão golpeou James de costas para a parede. Eles caíram no chão juntos numa pilha.

“Você – a matou!” Phil arfou, tentando colocar suas mãos ao redor da garganta de James.

Prata. Os olhos de James queimaram como metal derretido. Ele agarrou os pulsos de Phil com um aperto doloroso.

“Pare com isso *agora*, Phillip,” ele sibilou.

Algo no jeito como ele disse isso fez Phil parar. Quase choramingando, ele lutou para que entrasse ar em seus pulmões.

“Eu matarei *você* se tiver que, para manter Poppy a salvo,” James disse, sua voz ainda selvagem e ameaçadora. “E ela só estará a salvo se você parar com isso e fizer exatamente o que eu peço que faça. *Exatamente* o que eu peço. Entendeu?” Ele chacoalhou Phil fortemente, quase batendo a cabeça de Phil na parede.

Curiosamente, era a coisa certa a se dizer. James estava dizendo que ele se importava com Poppy. E por mais estranho que isso pudesse soar, Phil confiava que James diria a verdade.

A extrema insanidade no cérebro de Phil tinha morrido. Ele tomou um longo fôlego.

“Está bem. Eu entendo,” ele disse roucamente. Ele estava acostumado a estar no controle – tanto dele mesmo quanto das outras pessoas. Ele não gostava de James dando-lhe ordens. Mas dessa vez não havia como evitar. “Mas – ela está morta, não está?”

“Depende da sua definição,” James disse, soltando-o e lentamente levantando do chão. Ele escaneou a sala de estar, sua boca amarga. “Nada deu errado, Phil. Tudo aconteceu exatamente do jeito que deveria – exceto por isso. Eu ia deixar seus pais voltarem e acharem-na, mas não temos essa opção agora. Não há maneira de explicar essa bagunça, exceto pela verdade.”

“A verdade sendo?”

“Que você entrou lá e a achou morta e pirou. E então eu chamei os seus pais – você sabe em que restaurante eles estão, não?”

“No Valentino. Minha mãe disse que eles tiveram sorte em entrar.”

“Está bem. Isso vai funcionar. Mas primeiro nós temos que limpar o quarto.

Tirar todas as velas e as outras coisas. Tem que parecer como se ela só tivesse ido dormir, como em qualquer outra noite.

Phil olhou para a porta de vidro deslizante. Estava ficando escuro. Mas também, Poppy tinha dormido muito nesses últimos dias.

“Nós diremos que ela ficou cansada e nos disse para irmos assistir tv,” ele disse lentamente, tentando conquistar sua sensação de deslumbramento e ficar lúcido.

“E então eu entrei depois de um tempo e fui dar uma olhada nela.”

“Certo,” James disse, com um sorriso fraco que não atingia seus olhos.

Não demorou muito para limpar o quarto. A coisa mais difícil era que Phil tinha que ficar olhando para Poppy, e toda vez que ele olhava, seu coração cambaleava. Ela parecia tão pequenina, com membros tão delicados.

Um anjo de Natal em junho.

Ele odiava tirar os animais de pelúcia de perto dela.

“Ela vai acordar, não vai?” ele disse, sem olhar para James.

“Deus, eu espero que sim,” James disse, e sua voz estava muito cansada.

Soava mais como uma oração do que um pedido. “Se ela não acordar você não terá que vir atrás de mim com uma estaca, Phil. Eu lidarei comigo mesmo.”

Phil estava chocado – e com raiva. “Não seja estúpido,” ele disse brutalmente. “Se Poppy significou alguma coisa – se ela *significa* alguma coisa – é vida. Jogar sua vida fora seria dar um tapa na cara dela. Além do mais, se algo der errado, você fez o seu melhor.

Culpar-se é simples estupidez.”

James olhou para ele vaziamente, e Phil percebeu que eles conseguiram surpreender um ao outro. Então James acenou lentamente.

“Obrigado.”

Era um marco, a primeira vez que eles já estiveram precisamente no mesmo lugar. Phillip sentiu uma conexão estranha entre eles.

Ele desviou o olhar e disse ligeiramente, “Está na hora de ligar para o restaurante?”

James olhou para seu relógio. “Daqui há alguns minutos.”

“Se nós esperarmos muito eles terão saído na hora que ligarmos.”

“Isso não importa. O que importa é não termos nenhum paramédico tentando ressuscitá-la, ou levá-la ao hospital. O que significa que ela tem que estar fria na hora que todos chegarem aqui.”

Phil sentiu uma onda tonteante de horror. “Você é uma cobra de sangue-frio afinal.”

“Eu sou só prático,” James disse desgastadamente, como se falando com uma criança. Ele tocou uma das mãos brancas como mármore de Poppy onde estava na colcha. “Tudo bem. Está na hora. Eu vou ligar. Você pode pirar novamente se quiser.”

Phil balançou sua cabeça. Ele não tinha mais energia.

Mas ele queria chorar, o que era quase tão bom. Chorar e chorar como uma criança que estava perdida e machucada.

“Chame minha mãe,” ele disse grossamente.

Ele se ajoelhou no chão ao lado da cama de Poppy e esperou.

A música de Poppy estava desligada e ele conseguia ouvir a tv na sala da família. Ele não teve noção da hora passando até que escutou um carro na entrada.

Então ele inclinou sua testa contra o colchão de Poppy.

Suas lágrimas eram absolutamente genuínas. Naquele momento ele tinha certeza de que tinha perdido-na para sempre.

“Prepare-se,” James disse atrás dele. “Eles estão aqui.”

Capítulo 11

POR VANESSA

As próximas horas foram as piores na vida de Phill.

Primeiro e acima de tudo foi a mãe dele. Assim que ela entrou, as prioridades de Phill mudaram de querer conforto dela para querer confortá-la. E é claro que não havia nenhum conforto. Tudo o que podia fazer era se segurar para ela.

Isto é muito cruel, ele pensou palidamente. Deve haver uma maneira de lhe dizer. Mas ela nunca iria acreditar, e mesmo que acreditasse, ela estaria em perigo também...

Eventualmente os paramédicos chegaram, mas só depois que o Dr. Franklin já tinha chegado.

-- Eu liguei para ele. -- disse James para Phill durante um dos interlúdios quando a mãe de Phill estava chorando sobre Cliff.

-- Por quê?

-- Para manter as coisas simples. Neste estado, os médicos podem emitir uma certidão de óbito se o virem nos últimos vinte dias e eles sabem a causa da morte. Nós não queremos nenhum hospital ou funerárias.

Phill balançou a cabeça.

-- Por quê? Qual é o seu problema com hospitais?

-- O meu problema -- disse Phill em uma cortada, distinta voz -- é que nos hospitais eles fazem autópsias.

Phill congelou. Ele abriu a boca, mas nenhum som saiu.

-- E na casa funerária fazem embalsamentos. Esse é o porque eu preciso estar perto quando eles vierem pegar o corpo. Eu preciso influenciar suas mentes para não embalsamar ela, ou costurar os lábios dela fechados, ou...

Phill estava aparafusado para o banheiro e estava doente. Ele odiava James novamente.

Mas ninguém levou Poppy para o hospital, e Dr. Franklin não mencionou uma autópsia. Ele acabou pegando a mão da mãe de Phill e falou calmamente sobre as formas como estas coisas podem acontecer de repente, e como, pelo menos, Poppy tinha sido poupada de qualquer dor.

-- Mas ela estava muito melhor hoje. -- sussurrou a mãe de Phill através das lágrimas. -- Oh, minha querida, minha querida. Ela estava ficando pior, mas hoje ela estava melhor.

-- É como acontecem as coisas, às vezes. -- disse o Dr. Franklin -- É quase como se fosse uma última explosão de vida.

-- Mas eu não estava lá para ela. -- disse a mãe de Phill, e agora não há nenhuma lágrima, apenas o terrível som da culpa. -- Ela estava sozinha quando ela morreu.

Phill disse:

-- Ela foi dormir. Ela só foi dormir e nunca mais acordou. Se você olhar para ela você pode ver o quão pacífico ela estava.

Ele continuou dizendo essas coisas, e assim fez Cliff e assim fez o médico, e eventualmente os paramédicos foram embora. E algum tempo depois disso, enquanto sua mãe estava sentada na cama de Poppy e estava acariciando o cabelo dela, o pessoal da casa funerária veio.

-- Me de apenas alguns minutos. – disse a mãe de Phill, com os olhos secos e pálida. – Preciso de uns minutos a sós com ela.

Os homens da funerária se sentaram na sala da família, e James encarou eles. Phill sabia o que estava acontecendo. James estava fixando em suas mentes o fato de que não precisavam de embalsamento.

-- Motivos religiosos, é isso? – um dos homens disse a Cliff, quebrando um longo silêncio.

Cliff encarou eles, as sobrancelhas juntas.

-- Do que você está falando?

O homem acenou.

-- Eu entendo. Não há problema.

Phill entendeu, também. O que quer que seja que o homem tenha ouvido, não era Cliff quem estava dizendo.

-- A única coisa é, vocês vão ter uma visão afastada, - o outro homem disse a Cliff – ou então um caixão fechado.

-- Sim, foi inesperado. – disse Cliff, seu rosto endireitando – Tem sido uma doença muito curta.

Então agora ele não estava ouvindo o que os homens disseram. Phill olhou para James e viu seu rosto banhado em suor. Claramente era uma luta para controlar três mentes de uma só vez.

No final Cliff entrou e pegou a mãe de Phill. Conduziu ela ao quarto principal para mantê-la longe de ver o que aconteceria em seguida.

O que aconteceu foi que os dois homens entraram no quarto de Poppy com um saco e uma maca. Quando eles saíram, houve uma pequena, delicada sacudida no saco.

Phill sentiu-se perder a razão novamente. Ele queria bater nas coisas. Ele queria correr uma maratona para chegar longe.

Em vez disso, seus joelhos começaram a enfraquecer e sua visão ficou cinza. Braços fortes ajudaram ele, o levando até uma cadeira.

-- Aguenta. – James disse – Só mais alguns minutos. Já está quase acabando.

Certo, então Phill quase poderia perdoar ele por ser um monstro sugador de sangue.

Era muito tarde naquela noite, quando finalmente todos foram para a cama. Para cama, não dormir. Phill era um ache contínuo da miséria de sua garganta para baixo até a ponta de seus pés, e ele ficou acordado até que a luz do sol apareceu.

A casa funerária era como uma mansão vitoriana, e a sala de Poppy estava cheia de flores e pessoas. A própria Poppy estava em um caixão branco com detalhes em ouro, e de longe ela parecia como se estivesse dormindo.

Phill não gostava de olhar para ela. Olhou preferivelmente para os visitantes que se mantiveram próximos e encheram a visão do quarto e as dúzias de pews de madeira. Ele nunca percebeu quantas pessoas amavam Poppy.

-- Ela era tão cheia de vida. – disse seu professor de inglês.

-- Eu não posso acreditar que ela se foi. – um cara do time de futebol de Phill disse.

-- Eu nunca vou esquecê-la. – uma de suas amigas disse, chorando.

Phill usava um terno escuro e ficou com a mãe e Cliff. Foi como uma linha de recepção para um casamento. Sua mãe se manteve dizendo, “Obrigado por terem vindo”, e abraçava as pessoas. As pessoas se aproximavam e tocavam o caixão gentilmente e choravam.

E no processo de agradecer a muitos, algo estranho aconteceu. Phill começa a extrair tudo. A realidade da morte de Poppy era tão real que todas as coisas sobre vampiros começaram a parecer um sonho. Pouco a pouco, ele começou a acreditar na história que ele estava fingindo atuar.

Afinal, todo mundo estava certo. Poppy tinha pegado câncer, e agora ela estava morta. Os vampiros eram apenas superstição.

James não veio para a visualização.

Poppy estava sonhando.

Ela estava caminhando pelo oceano com James. Era quente e ela podia cheirar sal e os pés estavam molhados e com areia. Ela vestia um maiô novo, do tipo que muda de cor quando molha. Esperou que James notasse o fato, mas ele não disse nada sobre isso.

Então ela percebeu que ele estava usando uma máscara. Isso era estranho, porque ele ia pegar um bronzado muito estranho com a maior parte de seu rosto coberto.

-- Não devia tirar isso? – ela disse, pensando que ele poderia precisar de ajuda.

-- Eu a coloquei para minha saúde. – disse James... só que não com a voz de James.

Poppy estava chocada. Ela se aproximou e puxou a máscara.

Não era James. Era um menino com cabelos loiros acinzentados, até mais claros que os de Phill. Porque ela não tinha notado o seu cabelo antes? Os olhos dele eram verdes... e logo em seguida eram azuis.

-- Quem é você? – Poppy exigiu. Ela estava com medo.

-- O que eu estava tentando te dizer. – ele sorriu. Seus olhos eram violeta. Então ele levantou a mão, e ela viu que ele estava segurando uma papoula*. Pelo menos, foi moldada como uma papoula, mas essa era preta. Ele acariciou sua bochecha com a flor. (<http://livro-dos-dias.fotoflog.com.br/1152720948.jpg>)

-- Apenas lembre-se. – ele disse, ainda sorrindo – Mágicas ruins acontecem.

-- O que?

-- Mágicas ruins acontecem. – ele disse e se virou e caminhou para longe.

Ela se encontrou segurando a papoula. Ele não deixou nenhuma pegada na areia.

Poppy estava sozinha e o oceano estava rugindo. As nuvens estavam se recolhendo no céu. Ela queria acordar agora, mas ela não podia, e Lea estava sozinha e assustada. Deixou a flor cair enquanto a angustia surgia através dela.

-- James!

Phill se sentou na cama, o coração batendo.

Deus, o que tinha sido isto? Algo como um grito - com a voz de Poppy.

Estou tendo alucinações.

O que não era uma surpresa. Era segunda-feira, o dia do funeral de Poppy.

Em – Phill olhou de relance para o relógio – cerca de quatro horas ele tinha que estar na igreja. Não se admira que ele estava sonhando com ela.

Mas ela tinha soado tão assustada...

Phill arrancou o pensamento para fora de sua mente. O que não foi difícil. Ele tinha se convencido de que Poppy estava morta, e as pessoas mortas não gritam.

No enterro, porém, Phill teve um choque. Seu pai estava lá. Ele estava mesmo vestindo algo parecido com um terno, embora o casaco não combinasse com a calça e a gravata estava torta.

-- Eu vim assim que eu ouvi...

-- Bem, onde você estava? – a mãe de Phill disse, as linhas finas de tensão aparecendo ao redor de seus olhos, do jeito que ela sempre faz quando tem que lidar com o pai de Phill.

-- Nas Montanhas do Cume Azul. Na próxima vez, eu juro, que vou deixar um endereço. Vou verificar minhas mensagens... – ele começou a chorar. A mãe de Phill não disse mais nada. Ela apenas se aproximou dele, e o coração de Phill torceu-se com a forma como eles se uniram um ao outro.

Ele sabia que seu pai era um irresponsável e irremediavelmente uma criança impossível e esquisita e um fracasso. Mas ninguém havia amado mais a Poppy. Certo, então, Phill não poderia reprová-lo, nem mesmo com Cliff ali para compará-lo.

O choque veio quando ele virou-se para Phill antes do serviço.

-- Sabe, ela veio a mim na noite passada. – disse ele em uma voz baixa – Seu espírito, quero dizer. Ela me visitou.

Phill olhou para ele. Este era o tipo de indicação estranha que tinha levado ao divórcio. Seu pai sempre falava sobre peculiares sonhos e vendo coisas que não estavam lá. Sem mencionar a coleção de artigos sobre astrologia, numerologia e discos voadores.

-- Eu não a vi, mas eu ouvi ela chamando. Eu apenas queria que ela não tivesse soado tão assustada. Não conte à sua mãe, mas tenho a sensação de que ela não está em repouso. – ele colocou suas mãos sobre o seu rosto.

Phill sentiu todos os cabelos na parte de trás de seu pescoço se arrepiarem.

Mas o sentimento assustador se afogou quase imediatamente na pura tristeza do funeral. Ao ouvir coisas como “Poppy vai viver para sempre em nossos corações e em nossas memórias.” Um carro fúnebre prata mostrou o caminho para o cemitério Parque Florestal, e todos se situavam sob o sol de junho como disse o ministro durante algumas últimas palavras sobre o caixão de Poppy. Pelo tempo em que ele tinha que colocar uma rosa sobre o caixão, ele estava agitado.

Foi um momento terrível. Duas das amigas de Poppy desmoronaram em quase – histéricos soluços. A mãe de Phill ficou pior e teve que ser levada para longe do caixão. Não houve tempo para pensar – então ou no pote da sorte na casa de Phill mais tarde.

Mas foi na casa que os dois mundos de Phill colidiram. No meio de toda a confusão, ele viu James.

Ele não sabia o que fazer. James não se encaixava no que estava acontecendo aqui. Phill tinha metade da mente para ultrapassar e ir lhe dizer para dar o fora, que a piada da doença tinha acabado.

Antes que ele pudesse fazer alguma coisa, James caminhou e disse sob sua respiração:

-- Esteja pronto às onze horas hoje à noite.

Phill foi sacudido.

-- Para quê?

-- Basta estar pronto, ok? E leve algumas roupas de Poppy com você. De qualquer jeito não fará falta. – Phill não disse nada, e James lhe lançou um exasperado olhar lateral. – Temos que pegar ela, imbecil. Ou você quer deixar ela lá?

Crash. Esse foi o som dos dois mundos colidindo. Por um instante Phill estava girando no espaço com seus pés sem chão de apoio.

Então com o mundo normal em cacos em volta dele, ele se inclinou sobre uma parede e sussurrou:

-- Eu não posso. Eu não posso fazer isso. Você está louco.

-- Você é o único que está louco. Você está agindo como se nunca tivesse acontecido. E você tem que ajudar, porque eu não posso fazer isso sozinho. Ela vai estar desorientada no início, como uma sonâmbula. Ela vai precisar de você.

Isso enfraqueceu Phill. Ele empurrou a parede para se manter em pé e sussurrou:

-- Você ouviu ela na noite passada?

James olhou para longe.

-- Ela não estava acordada. Ela estava apenas sonhando.

-- Como poderíamos ouvi-la de tão longe? Até o meu pai ouviu. Escute. – agarrou James pela lapela da jaqueta – Tem certeza de que ela está bem?

-- A um minuto atrás você estava convencido de que ela estava morta e tinha ido embora. Agora você quer garantias de que ela está bem. Bem, eu não posso te dar isso. – ele encarou Phill com olhos tão frios como gelo cinza – Eu nunca fiz isso antes, certo? Eu estou seguindo o livro. E há sempre coisas que podem dar errado. Mas – ele disse rapidamente quando Phill abriu a boca – a única coisa que eu realmente sei é que se a deixarmos onde ela está, ela vai ter um despertar muito desagradável. Entendeu?

A mão de Phill relaxou lentamente e soltou a jaqueta.

-- Sim. Sinto muito. Eu só não consigo acreditar em nada disto aqui. – ele levantou os olhos para ver que a expressão que James tinha suavizou um pouco – Mas se ela estava gritando ontem à noite, então ela está mesmo viva, certo?

-- E forte. – disse James – Eu nunca tinha conhecido um telepata forte. Ela realmente vai ser alguma coisa.

Phill tentava não imaginar o quê. Claro, James era um vampiro, e ele parecia normal – na maior parte do tempo. Mas a mente de Phill continuava mostrando Poppy como um monstro de Hollywood. Olhos vermelhos, pele pálida e dentes sobressalentes.

Se ela saísse desse jeito, ele tentaria amá-la. Mas parte de sua mente gostaria de pegar uma estaca.

O cemitério Parque Florestal era completamente diferente à noite. A escuridão parecia muito densa. Havia um aviso sobre o portão de ferro que dizia: “Nada de visitantes após o pôr-do-sol”, mas o próprio portão estava aberto.

Eu não queria estar aqui, Phill pensou.

James dirigiu através da única via que circulava ao redor do cemitério e estacionou sob uma antiga árvore.

-- E se alguém nos vê? Não tem um guarda ou coisa parecida?

-- Eles têm um vigia noturno. Ele está dormindo. Eu cuidei dele antes de te pegar. – James saiu e começou a descarregar uma espantosa quantidade de equipamentos da traseira do Integra*.

(http://www.f2usa.com/images/2001_Acura_Integra.jpg)

Duas pesadas lanternas. Um pé-de-cabra. Algumas placas antigas. Um par de lonas. E duas pás – de última marca.

-- Ajude-me a levar essas coisas.

-- Para quê tudo isso? – mas Phill ajudou. O cascalho fazia barulho sob seus pés enquanto ele seguia James sobre uma das poucas pistas sinuosas. Eles subiram em uma escada antiga de madeira e pararam do outro lado e então estavam na Terra dos Brinquedos.

Isso foi o que alguém tinha dito no funeral de Poppy. Phill tinha ouvido dois amigos do trabalho de Cliff falarem sobre isso. Esta era uma seção do cemitério onde principalmente as crianças eram enterradas. Você poderia dizer, sem mesmo olhar para as lápides porque havia ursos Teddy* e outras coisas sobre as sepulturas.

*http://www.indiaflowerdeliveries.com/Combos/teddy_hyd.jpg

O túmulo de Poppy estava sobre a borda da Terra dos Brinquedos. Não tinha uma lápide ainda, é claro. Havia apenas um plástico verde marcando.

James despejou suas coisas na grama, e então se ajoelhou para analisar o solo com a lanterna.

Phill estava em silêncio, olhando ao redor do cemitério. Ele ainda estava assustado, em parte com o habitual medo de que eles fossem apanhados antes de terem acabado, e em parte com o medo sobrenatural. Os únicos sons eram dos grilos e do tráfego à distancia. As árvores e os arbustos se moviam com gentileza no vento.

-- Ok. – disse James – Primeiro temos que tirar esse sod*. http://blog.mlive.com/chronicle/2007/09/large_Sod.jpg

-- Hein? – Phill nem sequer tinha pensado por que já havia grama no novo túmulo. Mas é claro que era sod. James tinha achado uma borda e estava puxando como se fosse um tapete.

Phill encontrou outra borda. As tiras eram cerca de seis pés de comprimento por um e meio de largura. Eles eram pesados, mas não foi difícil rolá-los para cima e tirá-los do pé da cova.

-- Deixe eles lá. Temos que colocá-los de novo depois. - James grunhiu – Nós não queremos que esse lugar pareça que foi perturbado.

Uma luz correu sobre Phill.

-- Este é o porque das lonas e das outras coisas.

-- Sim, um pouco de bagunça não será suspeito. Mas se deixarmos sujeira dispersas por toda parte, alguém vai perguntar. – James colocou as placas ao redor do perímetro da sepultura, então colocou as lonas em ambos os lados. Phill ajudou ele a endireitá-los.

O que foi deixado onde estava o sod era fresco, um solo argiloso. Phill posicionou uma lanterna e pegou uma pá.

Eu não acredito que estou fazendo isso, ele pensou.

Mas ele estava fazendo isso. E contanto que tudo em que ele pensasse fosse o trabalho físico, o esforço de cavar um buraco no chão, ele estaria bem. Ele se concentrou nisso e pressionou o pé sobre a pá.

Ela foi direto para a terra, sem nenhuma resistência. Foi fácil levantar a pá cheia de terra e jogar tudo sobre a lona. Mas na trigésima pá, ele estava ficando cansado.

-- Isso é loucura. Precisamos de uma cavadeira. – disse ele, esfregando sua frente.

-- Você pode descansar, se quiser. – disse James friamente.

Phill entendeu. James era a cavadeira. Ele era mais forte do que qualquer pessoa que Phill já tenha visto. Ele levantava pá após pá cheia de terra, mesmo sem esforço. Ele fazia parecer divertido.

-- Por que não o temos em nenhuma das equipes da escola? – disse Phill, fortemente inclinado sobre a pá.

-- Eu prefiro os esportes individuais. Como wrestling*. – disse James e sorriu, apenas por um momento, para Phill. Era o tipo de olhar que não poderia ser mal interpretado entre homens. Ele quis dizer wrestling, por exemplo, com Jacklyn e Michaela.

E, somente nesse particular momento, ele não poderia sorrir de volta. Não poderia chamar de nenhuma virtuosa desaprovação.

Mesmo com James, levou um longo tempo para cavar o buraco. Ele era mais largo do que Phill pensaria ser necessário. Quando sua pá finalmente bateu em algo duro, ele descobriu o porquê.

-- É o cofre. – disse James.

-- Que cofre?

-- O cofre de enterro. Eles colocaram o caixão em seu interior para não ser esmagado caso o terreno entre em colapso. Sai daqui e me passa o pé-de-cabra.

Phill saiu do buraco e lhe passa o pé-de-cabra. Ele podia ver o cofre agora. Era feito de concreto inacabado e ele adivinhou que era apenas uma caixa retangular com uma tampa. James estava tirando a tampa com o pé-de-cabra.

-- Lá. – disse James, com um grunhido quando ele levantou a tampa e viu, por graus, por trás da caixa de concreto. Esse era o porquê do buraco ser tão largo, para acomodar a tampa de um lado e James do outro.

E agora olhando direto para baixo no buraco, Phill podia ver o caixão. Um enorme buquê de rosas ligeiramente esmagados estava por cima.

James estava respirando com dificuldade, mas Phill pensou que não era por causa do exercício. Seus próprios pulmões sentiram como se estivessem sendo espremidos, e as batidas de seus coração eram duras o suficiente para agitar o corpo dele.

-- Oh, meu Deus. – disse ele calmamente e sem ênfase especial.

James olhou para cima.

-- Sim. É isso. – ele empurrou as rosas para baixo em direção ao pé do caixão. Então, no que parecia um movimento lento para Phill, ele começou a destrancar os fechos do lado do caixão.

Quando eles foram destrancados, ele parou por apenas um instante, ambas as mãos pousadas sobre a superfície lisa do caixão. Então ele levantou a parte superior do caixão e Phillip podia ver o que estava dentro.

Capítulo 12

POR VANESSA

Poppy estava encontrando-se lá no forro branco de veludo, os olhos fechados. Ela parecia pálida e estranhamente bonita... mas estava morta?

-- Acorde. – disse James. Ele colocou sua mão sobre a dela. Phillip tinha a sensação de que ele chamava ela tanto com a sua mente quanto com sua voz.

Houve um agonizante longo minuto onde nada aconteceu. James colocou sua outra mão embaixo do pescoço de Poppy, levantando ela só um pouquinho.

-- Poppy, está na hora. Acorde. Acorde.

Os olhos de Poppy tremeram.

Algo rangeu violentamente em Phillip. Ele queria dar um grito da vitória e um soco na grama. Ele também queria correr para longe. Finalmente ele apenas desmoronou pelo lado grave, seus joelhos dando o fora completamente.

-- Vamos, Poppy. Levante-se. Nós temos que ir. – James estava falando gentilmente, numa voz insistente, como se ele estivesse falando com alguém saindo da anestesia.

Que era exatamente como Poppy parecia. Enquanto Phill olhava com fascínio e reverência e temor, ela piscou e mexeu um pouco sua cabeça, então abriu os olhos. Mas ela os fechou quase imediatamente, mas James passou a falar com ela, e na próxima vez que ela abriu eles permaneceram abertos.

Então, com James incitando ela delicadamente, ela se sentou.

-- Poppy. – disse Phill. Uma explosão involuntária. Seu peito estava inchado, queimando.

Poppy olhou para cima, então piscou e se virou imediatamente para longe da luz da lanterna. Ela parecia chateada.

-- Vamos. – disse James, ajudando ela a sair pela metade do caixão aberto. Não foi difícil, Poppy era pequena. Com James segurando seu braço, ela estava na metade do caixão fechado, e Phill chegou ao buraco e a puxou.

Então, com algo como uma convulsão, ele a abraçou.

Quando ele voltou para trás, ela piscou para ele. Uma ligeira carranca enrugava sua testa. Ela lambeu seu dedo indicador e passou o dedo molhado por toda a sua bochecha.

-- Você está sujo. – ela disse.

Ela podia falar. Ela não tinha olhos vermelhos e um rosto pálido. Ela realmente estava viva.

Fraco com o alívio, ele abraçou ela de novo.

-- Oh, Deus, Poppy, você está bem. Você está bem.

Ele quase não notou que ela não o estava abraçando de volta.

James escalou para fora do buraco.

-- Como você se sente, Poppy? – disse ele. Não por cortesia. Uma pergunta quieta, sondando.

Poppy olhou para ele, e então para Phillip.

-- Eu me sinto... bem.

-- Isso é bom. – disse James, ainda olhando para ela como se ela fosse um gorila esquizofrênico de seiscentas libras.

-- Eu sinto... fome. – Poppy disse, na mesma agradável e musical voz que tinha usado antes.

Phill piscou.

-- Porque você não vem aqui, Phill? – disse James, fazendo um gesto por detrás dele.

Phill estava começando a se sentir muito desconfortável. Poppy estava... poderia ela estar cheirando ele? Não ruidosamente, um farejar molhado, mas um pequeno e delicado farejar de um gato. Ela estava cheirando em torno de seu ombro.

-- Phill, eu acho que você deveria voltar para cá. – disse James, com mais ênfase. Mas o que aconteceu a seguir aconteceu muito rápido para Phill sequer começar a se mover.

Delicadas mãos o prenderam como aço em torno de seus bíceps. Poppy sorriu para ele com muitos dentes afiados, então partiu como uma impressionante cobre para sua garganta.

Eu vou morrer, Phill pensou com uma curiosa calma. Ele não podia lutar contra ela. Mas sua primeira batida falhou. Os dentes afiados cravaram em sua garganta como dois pontos ardentes.

-- Não, você não vai. – disse James. Ele passou um braço ao redor da cintura de Poppy, a levando para longe de Phill.

Poppy deu um lamento decepcionado. Enquanto Phill se recuperava a seus pés, ela observava ele da mesma forma que um gato olhava para um interessante inseto. Nunca tirando os olhos de cima dele, nem mesmo quando James falou com ela.

-- Esse é o seu irmão, Phill. Seu irmão gêmeo. Se lembra?

Poppy apenas encarou Phill com grandes pupilas dilatadas. Phill percebeu que ela não apenas olhava para ele pálida e bela mas irritada e faminta.

-- O meu irmão? Um da nossa espécie? – Poppy disse, soando perplexa. Suas narinas arquearam e seus lábios se partiram. – Ele não cheira como um.

-- Não, ele não é um de nosso tipo, mas ele não é para morder, também. Vai ter que esperar um pouco para se alimentar. – Para Phillip, ele disse: - Vamos encher esse buraco, rápido.

Phillip não conseguiu se mover no início. Poppy ainda estava olhando para ele daquela estranha mas intensa forma. Ela ficou lá nas trevas no seu melhor vestido branco, como um lírio, com seus cabelos caindo ao redor de seu rosto. E ela olhava para ele com olhos de gato selvagem.

Ela não era mais humana. Ela era outra coisa. Ela havia dito que ela e James eram de um tipo e que Phil era algo diferente. Ela pertencia ao Mundo da Noite agora.

Oh, Deus, talvez devêssemos simplesmente ter deixado ela morrer, Phill pensou, e pegou uma pá com mãos frouxas e tremulas. James já tinha começado a puxar a tampa do caixão de volta no buraco. Phill jogou sujeira sobre ela sem olhar onde aterrissou. Sua cabeça balançou como se sua garganta fosse um tubo de limpeza.

-- Não seja um idiota. – disse uma voz, e duros dedos se fecharam brevemente no punho de Phill. Através de um borrão, Phill viu James. – Ela não estaria melhor se estivesse viva. Ela só está um pouco confusa agora. Isto é temporário, tudo bem?

As palavras foram bruscas, mas Phill sentiu um pouco de conforto. Talvez James estivesse certo. A vida era boa, independente de sua forma. E Poppy tinha escolhido esta.

Ainda sim, ela tinha mudado, e só o tempo poderia dizer o quanto.

Uma coisa – Phill tinha cometido o erro de pensar que os vampiros eram como os seres humanos. Ele começou tão confortável com James que ele quase esqueceu suas diferenças.

Ele não cometeria esse erro novamente.

Poppy se sentia maravilhosa – em quase todos os sentidos.

Ela se sentia forte e secreta. Ela se sentia poética e cheia de possibilidades. Ela se sentia como se estivesse fora de seu velho corpo como uma cobra trocando de pele, revelando um novo corpo fresco embaixo.

E ela sabia, sem saber exatamente como ela sabia, que ela não tinha mais câncer.

Tinha ido embora, a coisa terrível que ficava se remexia selvagem dentro dela. Seu novo corpo tinha matado ele e o absorveu de alguma forma. Ou talvez seja apenas que todas as células que compunham Poppy North, cada molécula, tenham mudado.

Seja lá o que foi, ela se sentia vibrante e saudável. Não apenas melhor que antes quando ela tinha câncer, mas melhor do que ela jamais podia se lembrar ter se sentido em sua vida. Ela estava estranhamente consciente de seu próprio corpo, e seus músculos e articulações todos pareciam estar trabalhando de uma forma que era doce e quase mágica.

O único problema era que ela estava faminta. Ela estava tomando toda a sua força de vontade para não pular no garoto loiro do buraco. Phillip. Seu irmão.

Ela sabia que ele era seu irmão, mas ele também era humano e ela podia sentir a coisa rica, exuberante com a vida, que estava correndo dentro de suas veias. A eletricidade do fluido que ela precisava para sobreviver.

Então pulando nele, parte de sua mente sussurrou. Poppy fechou a cara e tentou afastar para longe o pensamento. Ela sentiu algo em sua boca pressionando seu lábio inferior, e colocou seu polegar nele instintivamente.

Era um dente. Um delicado dente curvado. Ambos os seus dentes caninos era longos pontiagudos e muito sensíveis.

Que estranho. Ela friccionou os novos dentes delicadamente, então cautelosamente explorou eles com a língua. Ela pressionou eles contra o seu lábio.

Após um momento eles voltaram ao tamanho normal. Se ela pensasse nos humanos cheios de sangue como amoras, eles cresciam novamente.

Ei, olha o que eu posso fazer!

Mas ela não incomodou os dois garotos encardidos que estavam enchendo o buraco. Ela olhou de relance ao redor e tentou se distrair.

Estranho – não pareceu ser realmente dia ou noite. Talvez houvesse um eclipse. Não estava muito claro para ser dia, mas também não estava muito escuro para ser noite. Ela podia ver as folhas nas bordas das árvores e o musgo cinza pendurado no tronco do carvalho. Algumas mariposas estavam voando ao redor do musgo, e ela podia ver suas pálidas asas.

Quando ela olhou para o céu, ela teve um choque. Havia algo flutuando ali, uma coisa redonda gigante vibrada com luzes prateadas. Poppy pensou em naves espaciais, de mundos extraterrestres, antes de perceber a verdade.

Era a lua. Uma simples lua cheia. E a razão de que a lua parecia tão grande e vibrada com luzes era que ela tinha visão noturna. Era por isso que ela podia ver as mariposas, também.

Todos os seus sentidos estavam afiados. Deliciosos odores passavam por ela, o cheiro de pequenas corujas e pássaros saborosos voando.

E ela podia ouvir coisas. Uma vez que balançou sua cabeça ao redor enquanto um cachorro latia bem do seu lado. Então ela percebeu que ele estava longe, fora do cemitério. Apenas o som estava perto.

Eu aposto que posso correr muito, também, ela pensava. Suas pernas se sentiam ágeis. Ela queria ir correr para fora na encantadora, gloriosa noite, para ser como ela. Ela era parte dela agora.

“James”, disse ela. E o curioso foi que ela disse isso sem dizer em voz alta. Foi uma coisa que ela sabia como fazer sem pensar.

James olhou para cima de sua pá. “Espere”, ele disse da mesma forma. “Estamos quase acabando aqui, pequena.”

“Então você vai me ensinar a caçar?”

Ele assentiu, apenas ligeiramente. Seu cabelo estava caindo sobre sua fronte e ele olhou adoravelmente acanhado. Poppy sentiu como se ela nunca tivesse visto ele antes – porque agora ela estava vendo ele com novos sentidos. James não era só cabelos castanhos sedosos e olhos cinzas enigmáticos e um corpo musculoso. Ele era o cheiro da chuva de inverno e o som dos batimentos cardíacos de seus predadores e a áurea prateada de poder que ela podia sentir ao seu redor. Ela podia sentir sua mente, magra e feroz – resistente, mas de alguma maneira gentil e quase ansioso ao mesmo tempo.

“Estamos caçando parceiros agora”, ela disse a ele com entusiasmo, e ele sorriu em reconhecimento. Mas por baixo ela sentiu que ele estava preocupado. Ele estava triste ou ansioso com alguma coisa, algo que ele estava mantendo dela.

Ela não podia pensar nisso. Ela não sentiu mais fome... ela se sentiu estranha. Como se ela estivesse tendo dificuldades de conseguir ar suficiente.

James e Phillip estavam sacudindo as lonas, recolocando as tiras de sod para cobrir o túmulo. Seu túmulo. Engraçado que ela realmente não tinha pensado sobre isso antes. Ela estava deitada em uma sepultura – ela devia sentir repulsa ou medo.

Mas não sentia. Ela não se lembrava de estar ali afinal – não se lembrava de nada a partir do momento em que ela adormeceu em seu quarto até que ela acordou com James chamando por ela.

Com exceção de um sonho...

-- Ok. – James disse. Ele estava dobrando a lona – Nós podemos ir. Como você está se sentindo?

-- Hmm... um pouco estranha. Eu não consigo respirar profundamente.

-- Nem eu. – disse Phill. Ele estava respirando com dificuldade e limpando sua testa – Eu não sabia que cavar um túmulo era um trabalho tão duro.

James deu a Poppy um olhar pesquisador.

-- Você acha que consegue se manter até chegar no meu apartamento?

-- Hmm? Acho que sim. – Poppy realmente não sabia do que ele estava falando. Se manter como? E porque deveria ir para o seu apartamento ajudá-la a respirar?

-- Eu tenho um par de doadores seguros lá no prédio - James disse – Eu realmente não quero você nas ruas e eu penso que você fará lá a sua aprovação.

Poppy não perguntou o que ele quis dizer. Ela estava tendo problemas em pensar claramente.

James queria que ela se escondesse no banco de trás de seu carro. Poppy se recusou. Ela precisava se sentar na frente e sentir o ar da noite em seu rosto.

-- Ok. – disse James finalmente – Mas pelo menos tape o seu rosto com o seu braço. Eu irei dirigir em estradas secundárias. Você não pode ser vista, Poppy.

Não havia ninguém na rua para ver ela. O ar que batia em suas bochechas era legal e bom, mas não a ajudou a respirar. Não importa o quanto ela tentasse, ela parecia não conseguir pegar um fôlego apropriado.

Estou hiperventilando, ela pensava. Seu coração estava acelerado, seus lábios e língua pareciam – pergaminho seco. E ainda tinha a sensação de estar faminta.

O que está acontecendo comigo?

Então a dor começou.

Agonizantes crises em seus músculos – como as câimbras que ela tinha quando ela saía para a pista na escola. Vagamente, através da dor, ela lembrou de algo que seu professor tinha dito. “As cólicas vêm quando os músculos não recebem sangue suficiente. A dor muscular é um amontoar de músculos morrendo de fome.”

Oh, isso dói. Isso dói. Ela não podia chamar nem mesmo James para ajudá-la, agora; tudo o que ela podia fazer era se pendurar na porta do carro e tentar respirar. Ela estava assuada e ofegante, mas não de um jeito bom.

Câimbras em todo lugar - e agora ela estava tão tonta que ela viu o mundo através de luzes cintilantes.

Ela estava morrendo. Algo tinha dado terrivelmente errado. Ela sentia como se estivesse submersa, tentando desesperadamente agarrar o caminho para o seu oxigênio - só que não havia oxigênio.

E então ela viu o caminho.

Ou cheirou ele, na verdade. O carro estava parado em luz vermelha. A cabeça e os ombros de Poppy estavam para fora da janela até agora - mas então ela capturou uma lufada de vida.

Vida. O que ela precisava. Ela não pensou, ela simplesmente agiu. Com um movimento ela abriu a porta do carro e caiu fora.

Ela ouviu Phill gritar atrás dela e James gritar em sua mente. Ela ignorou os dois. Nada importava, com exceção de parar a dor.

Ela agarrou o homem em cima da calçada, da forma como uma vítima agarra o seu salvador. Instintivamente. Ele era alto e forte para um humano. Ele estava usando um terno escuro e uma jaqueta de bombardeiro. Seu rosto estava coberto e sua pele não era exatamente limpa, mas isso não era importante. Ela não estava interessada no corpo, apenas na bonita coisa vermelha pegajosa dentro dele.

Desta vez seu ataque foi perfeitamente exato. Com seus maravilhosos dentes alongados como garras e afundou na garganta do homem. Furando ele como uma daquelas coisas antigas - abridor de garrafas da moda. Ele lutou um pouco e então relaxou.

E então ela estava bebendo, sua garganta encharcada com o doce sabor. A pura fome animal foi embora enquanto batia em suas veias. O líquido que preencheu sua boca era selvagem e cru e primitivo e cada gole lhe deu vida nova.

Ela bebeu e bebeu, e sentiu a dor desaparecer. Em seu lugar ficou uma leve euforia. Quando ela parou para respirar, ela sentiu seus pulmões se incharem com o legal, abençoado ar.

Ela se curvou para beber de novo, para chupar, envolver, beber. O homem tinha um riacho borbulhando livremente dentro dele, e ela queria tudo.

Foi quando James puxou sua cabeça para trás. Ele falou os dois alto e em sua mente e em sua voz ele estava calmo mas intenso.

-- Poppy, eu sinto muito. Eu sinto muito. Foi minha culpa. Eu não devia ter feito você esperar tanto tempo. Mas você tem que parar agora. Você pode parar.

Ah... confusão. Poppy estava consciente de Phillip perifericamente, seu irmão Phillip, olhando horrorizado. James disse que ela podia parar, mas isso não significava que ela queria. Ela não queria. O homem não estava lutando agora. Ele parecia estar inconsciente.

Ela se curvou para baixo novamente. James puxou ela de volta para cima quase bruscamente.

-- Escute. – disse ele. Seus olhos eram uniformes, mas sua voz era dura – Este é o momento em que você pode escolher, Poppy. Você realmente quer matar?

As palavras jogaram ela de volta à consciência. Matar... esta era a maneira de conseguir poder, ela sabia. O sangue era poder e vida e energia e alimento e bebida. Se ela drenasse esse homem como uma laranja espremida, ela teria o poder de sua essência. Quem sabe o que ela poderia ser capaz de fazer então?

Mas... ele era um homem, não uma laranja. Um ser humano. Ela já tinha sido como ele uma vez.

Lentamente, com relutância, ele se levantou para longe do homem, e James deixou escapar um longo suspiro. Ele bateu de leve em seu ombro e se sentou na calçada, como se estivesse muito cansado para levantar a mão direita.

Phill estava caído contra a parede do edifício mais próximo.

Ele estava horrorizado, e Poppy podia sentir isso. Ela poderia até mesmo escolher as palavras que ele estava pensando – palavras como medonho e imoral. Toda uma frase que era mais ou menos como “Será que valeu a pena salvar a vida dela quando ela perdeu sua alma?”

James se voltou para olhar para ele, e Poppy podia sentir o olhar de prata crescendo de sua raiva.

-- Você simplesmente não entendeu, não é? – ele disse furioso – Ela poderia ter atacado você a qualquer hora, mas ela não atacou, mesmo quando ela estava morrendo. Você não sabe como a falta de sangue te faz se sentir. Não é como estar com sede – é mais como estar sufocando. Suas células começam a morrer com a falta de oxigênio, porque o seu próprio sangue não pode transportar oxigênio para o corpo. É a pior dor que existe, mas ela não foi atrás de você para fazer parar.

Phill olhou atordoado. Ele encarou Poppy, e então esticou uma mão com certa incerteza.

-- Eu sinto muito...

-- Esqueça isso. – James disse brevemente. Ele virou suas costas para Phill e examinou o homem. Poppy podia sentir ele estender sua mente. – Eu estou dizendo a ele para esquecer isso. – ele disse para Poppy – Tudo do que ele precisa é de algum descanso, e ele pode muito bem fazer isso aqui. Veja, as feridas já estão curadas.

Ela viu, mas ela não podia se sentir feliz. Ela sabia que Phill ainda reprovava ela. Não apenas para algo que ela tinha feito, mas para como ela estava.

“O que aconteceu comigo?” ela perguntou a James, se jogando em seus braços “Será que eu me tornei uma coisa horrível?”

Ele segurou ela ferozmente. “Você é apenas diferente. E não horrível. Phill é um idiota.”

Ela quis rir dessa. Mas ela podia sentir um tremor de tristeza por trás de seu protetor amor. Era o mesmo ansioso sentimento que ela sentiu nele anteriormente. James não gosta de ser um predador, e agora ele transformou Poppy em uma, também. Seu plano tinha sucedido brilhantemente – e Poppy nunca mais seria a velha Poppy North novamente.

E embora ela pudesse ouvir seus pensamentos, não era exatamente como a total imersão de quando eles trocaram sangue. Eles nunca mais poderiam ter aquilo juntos novamente.

-- Não havia outra escolha. – disse Poppy corajosamente, e ela disse em voz alta – Nós fizemos o que tínhamos que fazer. Agora temos que fazer o melhor dele.

“Você é uma menina corajosa. Eu nunca te disse isso?”

“Não. E se você disse não me importo de ouvir novamente.”

Mas eles dirigiram até o prédio do apartamento de James em silêncio, com a depressão de Phill que pesava no banco traseiro.

-- Olha você pode pegar o carro para voltar para sua casa. – James disse enquanto ele descarregava os equipamentos e as roupas de Poppy da parte traseira – Eu não quero levar Poppy a qualquer lugar perto de lá, e eu não quero deixar ela sozinha.

Phill olhou de relance no escuro para os dois andares do edifício, como se algo tivesse acabado de atingir ele. Em seguida, ele limpou sua garganta. Poppy sabia o porquê – o apartamentos de James era um famoso lugar, e ela nunca teve autorização de visitá-lo à noite. Aparentemente Phill ainda tinha alguma preocupação por sua irmã vampira.

-- Você, uh, não pode simplesmente levá-la para a casa de seus pais?

-- Quantas vezes eu vou ter que explicar? Não, eu não posso levar ela até os meus pais, porque meus pais não sabem que ela é uma vampira. No exato momento ela é uma vampira ilegal, uma renegada, o que significa que ela tem que ser mantida em segredo até que eu possa arrumar as coisas, de alguma maneira.

-- Como... – Phill parou e balançou a cabeça – Certo. Hoje à noite não. Iremos falar sobre isso mais tarde.

-- Não, ‘nós’ não vamos. – disse James duramente – Você não é uma parte disso mais. Isto é sobre Poppy e eu. Tudo o que você precisa fazer é voltar e viver a sua vida normal e manter a sua boca fechada.

Phill começou a dizer alguma coisa mais, então calou a si mesmo. Ele pegou as chaves de James. Então ele olhou para Poppy.

-- Estou feliz que você está viva. Eu te amo. – ele disse.

Poppy sabia que ele queria abraçá-la, mas algo mantinha os dois para trás. Havia um vazio no peito de Poppy.

-- Adeus, Phill. – disse ela, então ele entrou no carro e se foi.

Capítulo 13

POR VANESSA

-- Ele não entende. – Poppy disse suavemente enquanto James destrancava a porta de seu apartamento – Ele só não tem percebido que você tem arriscado a sua vida, também.

O apartamento era muito nu e utilitário. Tetos altos e quartos grandes anunciavam que era caro, mas não havia muitos móveis. Na sala havia um pequeno, quadrado sofá, uma mesa com um computador, e um casal de Orientais – olhando fotos na parede. E livros. Caixas de papelão com livros empilhados nos cantos.

Poppy se virou para encarar James diretamente.

-- Jamie... eu entendo.

James sorriu para ela. Ele estava sujo e suado e cansado – olhando. Mas sua expressão disse a Poppy que fez tudo valer a pena.

-- Não culpo Phill. – disse James com um gesto de despedida – Ele está atualmente lidando com as coisas muito bem. Eu nunca quebrei o disfarce para um humano antes, mas eu acho que a maioria deles iria sair gritando e nunca mais voltar. Ele está tentando lidar com isso, pelo menos.

Poppy acenou e encerrou o assunto. James estava cansado, o que significa que eles deveriam ir dormir. Ela pegou a trouxa onde Phill tinha embalado suas roupas e foi para o banheiro.

Ela não trocou de uma vez, apesar de tudo. Ela estava muito fascinada pelo seu reflexo no espelho. Então era assim que a Poppy vampira parecia.

Ela era bonita, ela observava com ausente satisfação. As quatro sardas em seu nariz tinham desaparecido. Sua pele era de um creme pálido, como um anúncio de creme facial. Seus olhos eram verdes como jóias. Seu cabelo estava soprado com o vento em cachos desordenados, cobre metálico.

Eu não pareço alguém que se senta em botões-de-ouro mais, ela pensava. Eu pareço selvagem e perigosa e exótica. Como uma modelo. Como uma estrela de rock. Como James.

Ela se inclinou para frente para examinar seus dentes, cutucando eles para fazê-los crescer. Então ela empurrou para trás, arquejando.

Os olhos dela. Ela não havia percebido. Oh, Deus, não admira que Phill ficou tão assustado. Quando ela faz isso, quando seus dentes crescem, os olhos dela ficam verde-prateado, sinistro. Como os olhos de um gato caçando.

Ela foi vencida de uma vez só pelo terror. Ela teve que se agarrar na pia para poder ficar de pé.

Eu não quero isso, eu não quero isso...

Oh, *lide* com isso, garota. Pare de choramingar. Como você esperava se parecer, Shirley Temple*? Você é uma caçadora agora. E seus olhos são prateados e gosta de sangue como cerejas em conservas. E isso é tudo o que existe para isso, e a outra escolha era descansar em paz. Então *lide*.

*<http://www.classicmoviekids.com/images/t/temple/temple310.jpg>)

Gradualmente sua respiração abrandou. Nos próximos minutos algo aconteceu dentro dela, que fez ela lidar. Ela encontrou... aceitação. Parecia uma coisa dando forma em seu estômago e em sua garganta. Ela não estava estranho e sonhando agora, como ela estava quando ela acordou no cemitério; ela podia pensar claramente em sua situação. E ela podia aceitar.

E eu fiz isso sem correr para James, ela pensava, de repente, paralizada. Eu não preciso dele para me confortar e para me dizer que está tudo bem. Eu posso fazer ficar tudo bem, eu mesma.

Talvez seja isso o que acontece quando você enfrenta a pior coisa do mundo. Ela perdeu sua família e sua velha vida e até mesmo sua infância, mas ela iria se encontrar. E ela podia fazer isso.

Ela puxou seu vestido branco pela cabeça dela e mudou para uma camisa e uma calça. Então ela saiu para James, cabeça erguida.

Ele estava no quarto, deitado em uma cama gigante com leões marrom claro. Ele ainda estava vestindo suas roupas sujas, e ele tinha um braço torto sobre seus olhos. Quando Poppy entrou, ele se mexeu.

-- Eu vou dormir no sofá. – ele disse.

-- Não, você não irá. – disse Poppy firme. Ela se jogou sobre a cama ao lado dele – Você está morto de cansaço. E eu sei que estou segura com você.

James sorriu ironicamente sem mover seu braço.

-- Por que eu estou morto de cansaço?

-- Porque eu estou sempre segura com você. – ela sabia disso. Mesmo quando ela tinha sido um humano e seu sangue devia ter tentado ele, ela estava segura.

Ela olhou para ele ali naquela postura, seu cabelo castanho, corpo relaxado, tênis desamarrado e duro com a sujeira. Ela achou seus cotovelos encantadores.

-- Eu esqueci de mencionar uma coisa antes. – disse ela – Eu só percebi que eu havia esquecido quando eu estava... indo dormir. Esqueci de mencionar que eu te amo.

James se sentou.

-- Você só se esqueceu de dizer com palavras.

Poppy sentiu um sorriso se formando em seus lábios. Essa era a coisa espantosa, a única coisa puramente boa sobre o que tinha acontecido com ela. Ela e James tinham ficado juntos. Seu relacionamento tinha mudado – mas ele ainda tinha valorizado tudo de seu antigo relacionamento. A compreensão, a camaradagem. Agora no topo disso estava o excitamento de descobrir um no outro muito mais do que melhores amigos.

E ela tinha encontrado a parte dele que ela nunca tinha sido capaz de chegar antes. Ela sabia seus segredos, o conhecia de dentro para fora. Os seres humanos nunca poderiam se conhecer dessa forma. Nunca poseriam entrar diretamente em suas mentes. Todas as palavras do mundo não poderia sequer provar que você e a outra pessoa tinham visto a mesma cor vermelha.

E se ela e James nunca se fundiriam como duas gotas de água novamente, ela seria sempre capaz de tocar sua mente.

Um pouco tímida, ela se inclinou sobre ele, se apoiando em seu ombro. Em todos os momentos eles eram fechados, eles nunca se beijaram ou foram românticos. Por agora, apenas sentada aqui como estava foi suficiente, apenas sentindo a respiração de James, ouvindo seu coração e absorvendo seu calor. E seu braço ao redor de seus ombros era quase muito mais, quase intenso demais para suportar, mas ao mesmo tempo era seguro e pacífico.

Era como uma canção, uma dessas doces canções eletrônicas que fazem os cabelos de seus braços se arrepiarem. Isso faz você querer se deitar no chão e só gritar. Ou cair para trás e se entregar à música por completo. Uma *dessas* músicas.

James pegou sua mão, levou até seus lábios e beijou sua palma.

“Eu te disse. Você não ama alguém por causa de sua aparência ou suas roupas ou seu carro. Você o ama porque ele pode cantar uma canção que ninguém, mas você pode entender.”

O coração de Poppy inchou até se machucar.

Em voz alta ela disse:

-- Nós sempre entendemos a mesma canção, mesmo quando éramos pequenos.

-- No Mundo da Noite existe essa idéia que se chama o princípio da alma gêmea. Ela afirma que cada pessoa tem uma alma gêmea lá fora, apenas uma. E essa pessoa é perfeita para você e seu destino. O problema é que quase ninguém encontra sua alma gêmea, só por causa da distância. Então a maioria das pessoas passam toda a sua vida se sentindo incompletos.

-- Eu acho que é verdade. Eu *sempre* soube que você era perfeito para mim.

-- Nem *sempre*.

-- Oh, sim. Dês de quando eu tinha cinco anos. Eu sabia.

-- Eu saberia que você era perfeita para mim... se excluísse tudo aquilo em que eu fui ensinado para não ter esperanças. – ele limpou sua garganta e acrescentou – É por isso que eu saía com Michaela e as outras meninas, você sabe. Não me importava com elas. Eu poderia me aproximar delas sem quebrar a lei.

-- Eu sei. – disse Poppy – Quero dizer, eu acho que eu sempre soube que era algo como isso, por baixo. – e acrescentou – James? O que eu sou agora? – algumas coisas que ela podia dizer instintivamente, ela podia sentir em seu sangue. Mas ela queria saber mais, e ela sabia que James entendia o porquê. Esta era sua vida agora. Ela tinha que aprender as regras.

-- Bem – ele se encostou novamente contra a cabeceira da cama, cabeça inclinada como se ela estivesse tranquila sob seu queixo. – Você se parece muito comigo. Exceto que você não tem a natureza de envelhecer ou ter famílias, fazer vampiros é basicamente como os lâmia. - ele mudou de posição – Vamos ver. Você já conhece as habilidades de poder ver e ouvir melhor que os seres humanos. E você é um gênio em ler mentes.

-- Nem todas as mentes.

-- Nenhum vampiro poder ler toads as mentes. Muitas vezes eu pego apenas uma parte dos sentimentos que a pessoa está pensando. A única forma clara de fazer a conexão é... – James abriu sua boca e apertou seu dente. Poppy arfou enquanto o som viajava através de seu crânio.

-- E o quão frequentemente eu tenho que... – ela apertou seu próprio dente.

-- Se alimentar. – ela sentiu James ficar mais sério – Cerca de uma vez por dia em média. Senão você vai ficar com falta de sangue. Você pode comer comida humana o quanto você quiser, mas não há necessidade de se alimentar disso. Sangue é tudo para nós.

-- E quanto mais sangue, mais poder.

-- Basicamente, sim.

-- Me fale sobre poder. Nós podemos... bem, o que nós podemos fazer?

-- Nós temos mais controle sobre os nossos corpos do que os seres humanos. Nós podemos nos curar de qualquer tipo de ferimento... com excessão de um ferimento causado por madeira. A madeira pode nos machucar, até mesmo nos matar. – ele inspirou – Então tem uma coisa que os filmes tem razão... um pedaço de madeira através do coração irá, de fato, matar um vampiro. Então vai queimar.

-- Podemos nos transformar em animais?

-- Eu nunca conheci nenhum vampiro com esse poder. Mas teoricamente é possível para nós, alteradores de forma e lobisomens fazem isso o tempo todo.

-- Se transforma em mistos?

-- Eu nunca conheci um alterador de forma que pudesse fazer isso.

Poppy bateu na cama com seu calcanhar.

-- E obviamente nós não temos que dormir em caixões.

-- Não, e nós não precisamos dormir no chão, também. Eu mesmo prefiro um Sealy Posturepedic*, mas se você gosta de um pouco de sujeira...

*<http://www.mymattresscowboy.com/images/pept.jpg>

Poppy deu uma cotovelada nele.

-- Ei, nós podemos atravessar água corrente?

-- Claro. E nós podemos entrar na casa dos outros mesmo sem ser convidados. E rolamos em alho se nós não queremos perder amigos. Mais alguma coisa?

-- Sim. Conte-me sobre o Mundo da Noite. – esta era sua casa agora.

-- eu já te falei sobre os clubes? Nós temos clubes em todas as grandes cidades. E muitos nas pequenas, também.

-- Que tipo de clubes?

-- Bem alguns são como mergulhos, alguns são como cafés, e alguns são como as casas noturnas, e alguns são como alojamentos... em sua maioria para os adultos. Eu conheço um para crianças que é só que é só um velho armazém com rampas de skates dentro. Você pode sair e andar de skate. E há algumas batidas de poesia toda semana no Black Iris.

Black Iris, pensou Poppy. Ela lembrou de algo. Algo desagradável...

O que ela disse foi:

-- Esse é um nome engraçado.

-- Todos os clubes têm nomes de flores. Flores negras são os símbolos do Povo da Noite. – ele rodou seu pulso para mostrar seu relógio. Um relógio analógico, com uma Black Iris no centro da face. – Viu?

-- Sim. Você sabe, eu notei a coisa preta, mas eu nunca realmente olhei para ele. Eu acho que eu presumi que fosse o Mickey Mouse.

Ele bateu ligeiramente sobre o seu nariz em sinal de reprovação.

-- Isto é um negócio sério, pequena. Uma dessas irá identificá-la para os outros do Povo da Noite... mesmo se eles forem tão estúpidos quanto um lobisomem.

-- Você não gosta de lobisomens?

-- Eles são ótimos, se você gosta de um QI de dois dígitos.

-- Mas vocês deixam eles entrarem nos clubes.

-- Alguns clubes. Pessoas da Noite não podem casar fora de sua espécie, mas todos eles têm um mix: lâmia, feito vampiros, lobisomens, ambos os tipos de bruxas...

Poppy, que estava brincando com a interligação de seus dedos de diferentes maneiras, mudou curiosamente.

-- O que é os dois tipos de bruxas?

-- Oh... são do tipo que sabem sobre sua linhagem e que foram treinados, e do tipo que não. Este segundo tipo são os que os humanos chamam de psíquicos. As vezes eles só têm poderes latentes, e alguns deles nem sequer são psíquicos o suficiente para encontrar o Mundo da Noite, então eles não fazem parte.

Poppy acenou.

-- Certo. Entendi. Mas e se um humano passeia por dentro desses clubes?

-- Ninguém iria deixá-los entrar. Os clubes não são o que você chamaria de notável, e eles são protegidos.

-- Mas e se eles fossem...

James encolheu os ombros. Sua voz era sombria de repente.

-- Eles seriam mortos. A menos que alguém pegasse eles como brinquedo ou peão. Basicamente isso significa que um humano levaria uma lavagem cerebral... quem vive com vampiros não sabe por causa do controle da mente. Como uma espécie de zumbi. Eu tinha uma babá uma vez... – sua voz falhou, e Poppy podia sentir sua angústia.

-- Você pode me dizer sobre isso mais tarde. – ela não queria que ele se machucasse de novo nunca mais.

-- M'm – ele parecia sonolento. Poppy se sentou mais confortável perto dele.

Era surpreendente, considerando a última experiência em que foi dormir, que ela pudesse até mesmo fechar seus olhos. Ela estava com sua alma gêmea, então o que poderia dar errado? Nada poderia machucá-la aqui.

Phill estava tendo dificuldades em fechar os olhos.

Toda vez que ele tentava, ele via Poppy. Poppy dormindo no caixão. Poppy olhando para ele com olhos de gato faminto. Poppy levantando a cabeça da

garganta daquele cara para mostrar uma boca manchada como se ela tivesse comido amoras.

Ela não era mais humana.

E só porque ele sabia de tudo ao longo daquilo não tornava mais fácil de aceitar.

Ele não poderia – não *poderia* – perdoar saltos em pessoas e morder suas gargantas para o jantar. E ele não estava certo de que era melhor atrair as pessoas, morde-las e então hipnotizá-las para fazê-las esquecerem. Todo o sistema foi assustador em vários níveis.

Talvez James estivesse certo – os humanos simplesmente não podiam aceitar que havia alguém mais alto na cadeia alimentar. Eles perderam contato com seus ancestrais das cavernas, que sabiam como era ser caçado. Eles pensavam que todas as coisas primatas estavam atrás deles.

Phill poderia lhes dizer uma coisa ou duas.

No fundo a questão era que Phill não poderia aceitar, e Poppy não poderia mudar. E a única coisa que o fez suportável era que de alguma forma ele realmente a amava.

Poppy acordou no obscuro, cobrindo o quarto no dia seguinte para descobrir a outra metade da cama vazia. Ela não estava alarmada, no entanto. Instintivamente ela saiu com sua mente e... lá. James estava na cozinha.

Poppy sentiu... energia. Como um cachorrinho tenso sendo solto em um campo. Mas enquanto ela caminhava para a sala, ela sentiu que seus poderes estavam mais fracos. E os olhos dela doíam. Ela seguiu em direção ao doloroso brilho de uma janela.

-- É o sol. Inibe todos os poderes vampiros, lembra? – ele foi até a janela e fechou as cortinas; elas eram do tipo grossas e escuras, como as que estavam no quarto. A luz do sol foi cortada. – Isso deve ajudar um pouco... mas seria melhor você ficar dentro de casa hoje até anoitecer. Vampiros novos são mais sencíveis.

Poppy percebeu algo por trás de suas palavras.

-- Você vai sair?

-- Eu preciso. – ele estremeceu – Há algo que eu esqueci... meu primo Ash supostamente iria aparecer essa semana. Eu tenho que pegar meus pais para mantê-lo fora.

-- Eu não sabia que você tinha um primo.

Ele estremeceu novamente.

-- Eu tenho muitos, na verdade. Eles vêm de uma cidade segura... uma cidade inteira controlado pelo Mundo da Noite. A maioria deles são legais, mas não Ash.

-- O que há de errado com ele?

-- Ele é louco. E também de sangue frio, implacável...

-- Você soa como Phill descreve você.

-- Não, Ash é a coisa real. O último vampiro. Ele não se importa com ninguém mas ele mesmo, e ele adora causar problemas.

Poppy estava preparada para amar todos os primos de James para o seu bem, mas ela teve que concordar que Ash pareceu perigoso.

-- Eu não confio em ninguém para saber sobre você neste momento, – James disse – e Ash está fora de questão. Eu vou dizer aos meus pais que ele não pode vir aqui, só isso.

E então o que vamos fazer? Poppy pensou. Ela não podia ficar escondida para sempre. Ela pertencia ao Mundo da Noite, mas o Mundo da Noite não aceita ela.

Tinha que haver uma solução – e ela só podia esperar que ela e James a encontrassem.

-- Não demore muito. – disse ela, e ele beijou sua testa, o que era bom. Como se fosse chegar a ser um hábito.

Quando ele tinha ido embora, ela tomou uma ducha e colocou roupas limpas. Bom e velho Phill – ele troxe seu jeans favorito. Então ela fez um tur ao redor do apartamento, porque ela não queria se sentar e *pensar*. Ninguém deveria ter que pensar no dia seguinte ao seu enterro.

O telefone estava depositado em uma mesa ao lado do sofá e menosprezava ela. Ela se encontrou resistindo ao impulso de pegá-lo tantas vezes que seu braço doía.

Mas para quem La ligaria? Ninguém. Nem mesmo Phill, porque e se alguém além dele ouvir? E se a mãe dela atendesse?

Não, não, não pense em sua mãe, sua idiota.

Mas ers tarde demais. Ela foi esmagada, de repente, por uma desesperada *necessidade* de ouvir a voz de sua mãe. Apenas ouvir um “Olá”. Ela sabia que não poderia dizer nada. Ela só precisava se certificar de que sua mãe ainda existia.

Ela discou o número do telefone sem se dar tempo paa pensar. Ela contou os toques. Um, dois, três...

-- Olá.

Era a voz de sua mãe. E isto já estava acabando e não era suficiente. Poppy se sentou tentando respirar, com lágrimas correndo pela sua face. Ela continuou lá, torcendo o cabo do telefone, escutando o fraco zumbido na outra extremidade. Como um prisioneiro no tribunal à espera de sua sentença.

-- Olá? Olá. – a voz de sua mãe era plana e cansada. Não amargo. Atender telefonemas não era grande coisa quando você simplesmente perdeu sua filha.

Então um clique sinalizou a desconexão.

Poppy apoiou o telefone em seu peito e chorou, se balançando um pouco. E finalmente ela o colocou de volta no gancho.

Bem, ela não faria isso novamente. Foi pior do que não ser capaz de ouvir sua mãe depois de tudo. E isso não ajudou ela com a realidade, também. Deu a ela um estranho sentimento crepuscular para pensar que sua mãe está em sua casa, e todo mundo estava em sua casa, e *Poppy não estava lá*. A vida estava continuava naquela casa, e Poppy não fazia mais parte dela. Ela não podia simplesmente

caminhar para dentro, não mais do que ela podia caminhar para dentro de casas de famílias.

Você realmente gosta de se punir, não é mesmo? Por que você não para de pensar nisso e vai fazer alguma coisa para se distrair?

Ela foi bisbilhotar através dos arquivos de James quando a porta do apartamento foi aberta.

Porque ela ouviu o tinido metálico da chave, ela assumiu que fosse James. Mas depois, mesmo antes de se virar, ela sabia que não era James. Não era a mente de James.

Ela se virou e viu um rapaz com cabelos loiros acinzentados.

Ele era muito bonito, parecido com James, mas um pouco mais alto e talvez um ano mais velho. Seu cabelo era longo. Sua face tinha uma forma agradável, características limpas, e um olhar ligeiramente cruel.

Mas não era por isso que ela estava encarando ele.

Ele deu a ela um sorriso brilhante.

-- Eu sou Ash. – ele disse – Olá.

Poppy ainda estava encarando.

-- Você estava no meu sonho. – ela disse – Você disse "Mágicas ruins acontecem."

-- Então você é uma vidente?

-- O quê?

-- Seus sonhos se tornam realidade?

-- Normalmente não. – Poppy de repente se sentiu apreensiva – Escuta... hum... eu não sei como foi que você entrou...

Ele jogou um chaveiro para ela.

-- Tia Maddy me deu estas. James te disse para me manter fora, eu aposto.

Poppy decidiu que a melhor defesa é um bom ataque.

-- Agora, por que ele iria me dizer isso? – ela disse e dobrou os seus braços ao na frente de seu peito.

Ele lhe deu um cruel sorriso de relance. Seus olhos cor de avelã olhando nessa luz, parecia quase dourado.

-- Eu sou mau. – ele disse simplesmente.

Poppy tentou colocar um olhar de virtuosa desaprovação – como Phill fazia – em seu rosto. Não funcionou muito bem.

-- O James sabe que você está aqui? Onde *está* ele?

-- Eu não tenho idéia. Tia Maddy me deu as chaves na hora do almoço, e então saiu para algum trabalho de decoração. Sobre o que era o seu sonho?

Poppy só balançou a cabeça dela. Ela estava tentando pensar. Presumivelmente, James estava vagando por aí em busca de sua mãe agora mesmo. Uma vez que descobrisse que Ash está aqui, ele então voltaria depressa. O que significava... bem, Poppy supôs que ela deveria manter Ash ocupado até James chegar.

Mas como? Poppy realmente nunca praticou ser insinuante e adorável com rapazes. E ela estava preocupada sobre falar demais. Ela tinha o poder de conceder a si mesma como um novo vampiro.

Oh, bem. Quando em dúvida, feche os olhos e pule para dentro.

-- Sabe alguma piada boa de lobisomens? – ela disse.

Ele riu. Ele tinha uma bela gargalhada, e seus olhos não eram cor de avelã depois de tudo. Eles eram cinza, como os de James.

-- Você ainda não me disse o seu nome, pequena sonhadora. – ele disse.

-- Poppy. – Poppy disse e imediatamente desejou não ter dito. E se a Sra. Rasmussen tiver dito que um dos poucos amigos de James se chamava Poppy e tinha acabado de morrer? Para esconder seu nervosismo, ela se levantou para fechar a porta.

-- Bom nome lâmia. – ele disse – Eu não gosto dessa coisa de nomes humanos, e você? Eu tenho três irmãs, e todas elas têm nomes relativamente antiquadas. Rowan, Kestrel e Jade. Meu pai iria estourar um vaso sanguíneo se de repente uma delas resolvesse querer ser chamada de “Susan”.

-- Ou “Maddy”. – Poppy perguntou, intrigada, e respeito de si mesma.

-- Huh? Isso é uma abreviação de Madder.

Poppy não sabia exatamente o que madder era. Uma planta, ela pensou.

-- Claro que eu não estou dizendo nada contra James. – Ash disse, e estava perfeitamente claro a partir de sua voz que ele tinha alguma coisa contra James. – As coisas são um pouco diferente para vocês aqui na Califórnia. Vocês têm que se misturar mais com humanos, vocês tem que ser mais cuidadosos. Portanto se você tem um nome de um verme se torna mais fácil... – ele deu de ombros.

-- Oh, sim, eles são todos vermes, certo. – Poppy disse aleatoriamente. Ela estava pensando: Ele está brincando comigo. Ele não está brincando comigo?

Ela tinha a sensação de que ele sabia de tudo. Agitação fez ela precisar se mover. Se dirigiu para o som estéreo de James.

-- Então você gosta de alguma música de verme? – disse ela – Techno? Acid jazz? Trip-hop? Jungle? – ela agitou um disco de vinil para ele – Esta é uma série jump-up Jungle. – ele piscou – Ah, e esse é um ótimo berulho industrial. E este é um vibrador realmente bom de acid house com uma espécie de madcore nas bordas dela...

Ela tinha ele na defensiva agora. Ninguém podia parar Poppy quando ela gosta de coisas assim. Ela ampliou seus olhos para ele, o olhando como louco como ela sabia fazer.

-- E eu digo que o estilo livre está de volta. Completamente subterrânea, até agora, mas em ascensão. Agora, a dança européia, por outro lado...

Ash estava sentado no sofá, suas longas pernas esticadas à sua frente. Seus olhos eram um azul profundo e ligeiramente vidrados.

-- Querida. – ele disse finalmente – Eu odeio te interromper. Mas você e eu precisamos conversar.

Poppy era muito inteligente para perguntar a ele sobre o que.

-- ... estas espécies de teclas eternamente vazias e sons de trolls gemendo que faz você querer perguntar, “Tem alguém aí?” – ela terminou e, em seguida, ela tinha que respirar. Ash saltou.

-- Nós *realmente* temos que conversar. – ele disse – Antes de James chegar.

Não havia maneira de fugir dele agora. A boca de Poppy estava seca. Ele inclinou para frente, seus olhos um verde azulado como as águas tropicais. E, sim, eles realmente mudam de cor, Poppy pensou.

-- Não é sua culpa. – ele disse.

-- O quê?

“Não é sua culpa. Que você não possa proteger sua mente. Você aprenderá como fazer isso,” ele disse, e Poppy só percebeu na metade do caminho que ele não estava falando em voz alta.

Oh... *merda*. Ela devia ter pensado nisso. Devia ter se concentrado em disfarçar seus pensamentos. Ela tentou fazer isso agora.

-- Escute, não se incomode. Eu sei que você não é lâmia. Você foi criada, e você é ilegal. James foi um menino mau.

Uma vez que não há um ponto para negá-lo, Poppy levantou o queixo e estreitou os olhos para ele.

-- Então você sabe. E o que você vai fazer sobre isso?

-- Isso depende.

-- Do quê?

Ele sorriu.

-- De você.

Capítulo 14

POR VANESSA

-- Você vê, eu gosto de James. – Ash disse – Eu acho que ele está um pouco mole sobre os vermes, mas eu não quero vê-lo em apuros. Eu certamente não quero vê-lo *morto*.

Poppy se sentiu do jeito que ela sentiu na noite passada quando seu corpo estava faminto por ar. Ela estava congelada, para ainda respirar também.

-- Quero dizer, *você* quer ele morto? – Ash perguntou como se fosse a questão mais razoável do mundo.

Poppy balançou a cabeça dela.

-- Bem, então. – disse Ash.

Poppy por fim conseguiu respirar.

-- O que você está dizendo? – então, sem esperar por ele responder, ela disse: - Você está dizendo que vão matá-lo se descobrirem sobre mim. Mas eles não têm que descobrir sobre mim. A menos que você diga a eles.

Ash olhou de relance para seus dedos pensativamente. Ele fez uma cara para dizer que isso era tão doloroso para ele quanto era para ela.

-- Vamos revisar os fatos. – disse ele - Você é, na verdade, inteiramente humana.

-- Oh, sim, eu era um verme, tudo bem.

Ele deu a ela um olhar curioso.

-- Não leve isso tão a sério. É o que você é agora que importa. Mas James, de fato, mudou você sem esclarecer isso com ninguém. Certo? E ele, de fato, quebrou as regras e te contou sobre o Mundo da Noite antes de você mudar. Certo?

-- Como você sabe? Talvez ele tenha me mudado sem me dizer nada.

Ele agitou um dedo.

-- Ah, mas James não faria uma coisa dessas. Ele tem essas idéias radicais sobre os humanos ter livre vontade.

-- Se você sabe sobre tudo isso, então por que me pergunta? – ela perguntou tensa – E se você tem um ponto...

-- O ponto é que ele cometeu, pelo menos, dois delitos capitais. Três, eu aposto. – ele relampejou o selvagem, perfeito sorriso de novo – Ele deve ter se apaixonado por você para ter feito o resto.

Algo se agitou dentro de Poppy como um pássaro preso em sua gaiola de costelas e tentando sair. Ela disse abruptamente:

-- Eu não sei como vocês podem criar leis sobre não se apaixonar! É insano.

-- Mas você não vê o *porquê*? Você é o exemplo perfeito. Por causa do amor, James contou para você e então ele mudou você. Se ele tivesse o juízo de esmagar seus sentimentos por você logo no começo, tudo isso não passaria de uma mordida de amigo.

-- Mas e se você não *consegue* esmagar isso? Você não pode forçar as pessoas a parar de sentir.

-- Claro que não. – Ash disse, e Poppy parou em ponto morto. Ela olhou para ele.

Seus lábios se curvaram e ele acenou para ela.

-- Eu vou te contar um segredo. Os Anciões sabem que não podem legislar como você sente. O que eles podem fazer é te aterrorizar para que você não se atreva a mostrar seus verdadeiros sentimentos, por isso você não pode sequer admiti-lo para si mesmo.

Poppy voltou a se sentar. Ela se sentiu perdida. Conversar com Ash fez sua cabeça ropiar, fez ela se sentir como se fosse muito jovem e estúpida para ter certeza *de nada*.

Ela fez um desamparado e indefeso gesto.

-- Mas o que eu faço agora? Eu não posso mudar o passado...

-- Não, mas você pode agir no presente. – ele pulou em seus pés em um bonito, gracioso movimento e começou a estimular – Agora. Nós temos que pensar rápido. Provavelmente todos aqui pensam que você está morta.

-- Sim, mas...

-- Então a resposta é simples. Você tem que sair da área e ficar fora. Vá a um lugar onde ninguém te reconheça, onde ninguém vai se importar se você for nova ou ilegal. Bruxas. É isto! Eu tenho alguns primos cruzados em Las Vegas que podem te ajudar. A principal coisa a fazer é sair *agora*.

A cabeça de Poppy não estava apenas rodopiando, estava *cambaleando*. Ela se sentiu tonta e fisicamente doente, como se ela tivesse acabado de andar na Montanha espacial da Disneylandia.

-- O quê? Eu realmente não entendo o que você está falando. – disse ela fracamente.

-- Eu explico no caminho. Vamos, depressa! Você tem alguma roupa que gostaria de pegar?

Poppy plantou seus pés no chão sólido. Ela balançou a cabeça para tentar limpá-la.

-- Olha, eu não sei o que você está dizendo, mas eu não posso ir agora. Eu tenho que esperar por James.

-- Mas você não vê? – Ash parou seu furacão e se acercou dela. Seus olhos eram verdes e hipinóticamente brilhantes – Isso é apenas o que você não *pode* fazer. James não pode nem sequer saber onde você está indo.

-- *O quê?*

-- Você não vê? – Ash disse de novo. Ele estendeu suas mãos e falou quase cheio de compaixão. – Você é a única coisa que põe James em perigo. Enquanto estiver aqui, qualquer um poderá colodar as peças juntas. Você é a evidencia de que ele cometeu um crime.

Poppy entendeu isso.

-- Mas eu posso esperar e James pode ir comigo. Ele iria querer isso.

-- Mas isso não iria funcionar. – Ash disse suavemente – Não importa aonde quer que vocês vão, sempre que estiverem juntos, você será um perigo para ele. Um olhar para você e qualquer vampiro decente poderia sentir a verdade.

Poppy sentia seus joelhos fracos.

Ash falou calmamente.

-- Eu não estou dizendo que você estará muito segura se for. Você traz seu próprio perigo, por causa do que você é. Mas enquanto você estiver longe de James, ninguém poderá conectar você a ele. É a única maneira de mantê-lo seguro. Você vê?

-- Sim, sim. Eu vejo isso agora. – o chão parecia ter desaparecido abaixo de Poppy. Ela foi caindo, e não em música, mas em uma gélida escura voz. Não havia nada para segurá-la.

-- Mas evidentemente, é esperar muito, pedir para você deixá-lo. Você não pode querer fazer esse tipo de sacrifício...

Poppy ergueu o queixo. Ela estava cega e vazia e tonta, mas ela falou para Ash com desprezo, cuspiendo as palavras.

-- Depois de tudo o que ele sacrificou por mim? O que você acha que eu sou?

Ash cuevou sua cabeça.

-- Você é corajosa, pequena sonhadora. Eu não posso acreditar que você já foi humana. – então ele olhou para cima e falou animadamente – Então você quer empacotar?

-- Eu não tenho muito. – Poppy disse, lentamente, pois mover e falar machucavam ela. Ela caminhou para o quarto, como se o chão estivesse coberto de cacos de vidros. – Quase nada. Mas tenho que escrever uma carta para James.

-- Não, não. – Ash disse – Essa é a última coisa que você deveria fazer. Bem, depois de tudo – ele acrescentou quando ela se virou lentamente para olhá-lo – James é tão nobre e caminhão dos amores e tudo o mais... se você deixar ele saber onde você está indo, ele logo irá atrás de você. E então onde você vai querer estar?

Poppy balançou sua cabeça.

-- Eu... ok. – ainda balançando a cabeça, ela enrou tropeçando no quarto.

Ela não ia discutir com ele, mas ela não iria seguir seu conselho, de qualquer modo. Ela fechou a porta de seu quarto e tentou ao máximo bloquear sua mente. Ela visualizou um muro de pedras em torno de seus pensamentos.

Ela pegou suas calças e sua camisa e o vestido e colocou dentro da trouxa em trinta segundos. Em seguida ela encontrou um livro na estante e uma caneta na gaveta. Ela rasgou uma folha do livro e escreveu rapidamente.

Querido James,

Eu sinto muito, mas se eu ficar para te explicar isso, eu sei que você vai tentar me impedir. Ash me fez entender a verdade... que enquanto eu ficar por aqui vou colocar sua vida em perigo. E eu não posso fazer

isso. Se alguma coisa te acontecesse por minha causa, eu iria morrer. Eu realmente iria.

Estou indo embora agora. Ash vai me levar para um lugar distante, onde você não vai me encontrar. Onde eles não se importam quem eu sou. E mesmo que não estejamos juntos, nós nunca vamos estar realmente separados.

Eu te amo. Eu te amo para sempre. Mas eu tenho que fazer isso.

Por favor, diga adeus a Phill.

Sua alma gêmea, Poppy.

Ela tinha lágrimas escorrendo para o papel que ela assinou.

Ela colocou o papel no travesseiro e saiu com Ash.

-- Oh, ai, ai. – ele disse – Não chore. Você está fazendo a coisa certa. – ele colocou um braço sobre os ombros dela. Poppy estava muito miserável para tirá-lo.

Ela olhou para ele.

-- Uma coisa. Eu não vou colocar você em perigo se eu for com você? Quero dizer, alguém poderia pensar que foi você que me fez um vampiro ilegal.

Ele olhou para ela com arregalados e sinceros olhos. Aconteceu deles estarem azul violeta no momento.

-- Eu estou disposto a correr esse risco, – disse ele – tenho muito respeito por você.

James subiu as escadas de dois em dois degraus, mandando seus pensamentos à sua frente, recusando-se a acreditar no que seus próprios sentidos disseram a ele.

Ela tem que estar lá. Ela *tem* que estar...

Ele bateu na porta, ao mesmo tempo em que forçava a chave na fechadura. Ao mesmo tempo em que ele estava gritando mentalmente.

“Poppy! Poppy, me responda! Poppy!”

E depois, mesmo com a porta aberta e seus próprios pensamentos ricocheteando no apartamento vazio, ele ainda não queria acreditar. Ele correu em volta, procurando em todos os quartos, o seu coração batendo cada vez mais alto em seu peito. A mala dela tinha sumido. Suas roupas tinham desaparecido. Ela tinha ido embora.

Ele acabou se inclinando contra o vidro da janela de estar. Ele podia ver a rua lá embaixo, e não havia nenhum sinal de Poppy.

Nenhum sinal de Ash, também.

Isto era culpa de James. Ele tinha seguido sua mãe a tarde toda, de trabalho de decoração a trabalho de decoração, tentando conversar com ela. Para encontrar somente, uma vez que tinham conversado, que ash já estava em El Camino, e tinha, de fato, sidirigido para o apartamento de James horas atrás. Com uma chave.

Colocando ele sozinho com Poppy.

James tinha ligado para o apartamento imediatamente. Sem resposta. Ele quebrou todos os limites de velocidade para voltar aqui. Mas ele chegou tarde demais.

Ash, sua cobra, ele pensou. Se você machucar ela, se você encostar um dedo nela...

Ele se encontrou andando pelo apartamento de novo, procurando por pistas sobre o que tinha acontecido. Então, no quarto, ele notou algo pálido contra o castanho claro da fronha.

Uma nota. Ele pegou e leu. E ficava cada vez mais frio a cada linha. Até o momento em que ele chegou ao fim, ele era feito de gelo e pronto para matar.

Havia pequenas manchas no papel onde o tinta da caneta tinha passado. Lágrimas. Ele estava indo quebrar cada um dos ossos de Ash um por um.

Ele dobrou a carta cuidadosamente e a colocou em seu bolso. Então ele pegou algumas coisas de seu armário e fez uma ligação de seu celular enquanto descia pelas escadas de seu apartamento.

-- Mãe, sou eu. – ele disse, no sinal na secretária eletrônica – Eu vou estar fora por alguns dias. Surgiu algo. Se você vê o Ash, me deixe uma mensagem. Eu quero falar com ele.

Ele não disse por favor. Ele sabia que sua voz estava cortada e afiada. E ele não se importava. Ele esperava que seu tom pudesse assustá-la.

Somente nesse momento ele estava se sentindo pronto para cobrar de sua mãe e de seu pai e de todos os vampiros Anciões do Mundo da Noite. Uma estaca para todos eles.

Ele não era mais uma criança. Semana passada ele tinha passado por uma severa prova. Ele tinha enfrentado a morte e encontrou o amor. Ele era um adulto.

E estava preenchido com uma quieta fúria que poderia destruir tudo em seu caminho. Tudo necessário para chegar a Poppy.

Ele fez outras chamadas telefônicas enquanto ele guiava rapidamente e habilmente o Integra pelas ruas de El Camino. Ele ligou para a Íris Negra e se certificou de que Ash que Ash não tinha voltado lá. Ele ligou para os outros clubes de flores negras, apesar dele não esperar encontrar alguma coisa. Poppy disse que Ash estava levando ela para longe dele.

Mas onde?

Raios Ash, ele pensava. *Onde?*

Phill estava olhando para a televisão sem realmente vê-la. Como ele poderia se mostrar interessado e conversar ao vivo ou comerciais se tudo no que ele

pensava era em sua irmã? Sua irmã que talvez estivesse assintindo aos mesmos shows ou talvez mordendo as pessoas?

Ele ouviu um carro parar do lado de fora e estava sobre seus pés antes de saber. Estranho como ele estava absolutamente certo de quem era. Ele tinha se acostumado com o barulho do motor do Integra.

Ele atingiu a porta quando James chegou ao batente.

-- O que foi?

-- Vamos lá. – James já estava indo para o carro. Havia uma energia mortal em seus movimentos, um poder mal controlado, que Phill nunca tinha visto antes. Intensa e quente fúria, controlada mas com esforço excessivo.

-- O que há de *errado*?

James contornou a porta lateral do carro.

-- Poppy está desaparecida!

Phill olhou selvagememente de realnce ao redor. Não havia ninguém na rua, mas a porta da casa estava aberta. E James estava gritando como se não se importasse que ouvissem.

Então as palavras se afundaram.

-- O que você quer dizer, ela está... – Phill parou e bateu a porta da casa. Então ele foi para o Integra. James já tinha a porta do passageiro aberta.

-- O que você quer dizer, ela está desaparecida? – Phill disse logo que estava dentro do carro.

James ligou a ignição.

-- Meu primo Ash levou ela para algum lugar.

-- *Quem é Ash?*

-- Ele está morto. – disse James, e de alguma forma Phillip sabia que ele não quis dizer que Ash era um zumbi. Ele quis dizer que Ash estaria morto, completamente morto, em algum momento muito em breve.

-- Bem, onde ele levou ela?

-- Eu não sei. – James disse através de seus dentes – Eu não tenho idéia.

Phill o encarou por um momento, e então disse:

-- Certo. Certo. – Ele não compreendia o que estava acontecendo, mas ele podia ver uma coisa. James estava muito irritado e muito interessado em vingança para pensar logicamente. Ele podia *parecer* racional, mas era estúpido dirigir a cinquenta e cinco milhas por hora através de uma zona residencial com nenhuma idéia de para onde ir.

Era estranho que Phill se sentia relativamente calmo – parecia como na semana passada quando era James que desempenhava a parte calma. Mas ter mais alguém histérico sempre fazia Phill ser o equilibrado.

-- Ok, olha. – disse Phill – Vamos levar isso um passo de cada vez. Mais devagar, ok? Nós podemos estar indo exatamente na direção errada. – Ao que, James ligeiramente aliviou a pressão do pedal do acelerador.

-- Ok, agora me fale sobre Ash. Porque ele levou Poppy para algum lugar? Ele raptou ela?

-- Não. Ele convenceu ela a fazer isso. Ele a convenceu de que era muito perigoso para mim se ela ficasse por aqui. Foi a única coisa que garantiu ela ir com ele. – com uma mão no volante, James colocou a mão no bolso e entregou para Phill um pedaço de papel dobrado.

Era uma página arrancada de um livro. Phillip leu a nota e engoliu. Ele olhou de relance para James, que estava olhando a rodoviária diretamente à frente.

Phill mudou de posição, envergonhado por ter invadido território privado, embaraçado até o último fio de cabelo. *Sua alma gêmea, Poppy?* Bem. Bem.

-- Ela te ama muito. – ele finalmente disse – E eu estou feliz que ela tenha me dito adeus. – ele cuidadosamente dobrou a nota e colocou sob o freio de mão. James pegou e colocou novamente em seu bolso.

-- Ash usou seus sentimentos para levá-la embora. Ninguém pode apertar botões e puxar cordas como ele pode.

-- Mas porque ele poderia querer isso?

-- Primeiro porque ele gosta de garotas. Ele é um *verdadeiro* Dom Juan. – James olhou de relance para Phill – E agora ele tem ela sozinho. E segundo porque ele gosta de brincar com as coisas. Igual a um gato com um rato. Ele vai fazer bagunça com ela por um tempo, e então quando ele se cansar dela, ele vai denunciá-la

Phillip estava calmo.

-- Para *quem*?

-- Os Anciões. Alguém em algum lugar que vai perceber que ela é uma vampira renegada.

-- E então o que?

-- E então eles vão matá-la.

Phill agarrou o painel do carro.

-- Espere um minuto. Você está me dizendo que um primo seu está levando Poppy para ser morta?

-- É a lei. Qualquer bom vampiro faria o mesmo. A minha própria mãe faria, sem pensar duas vezes. – sua voz era amarga.

-- E ele é um vampiro. Ash. – Phill disse estupidamente.

James lhe lançou um olhar.

-- Todos os meus primos são vampiros. – ele disse com uma risada curta. Então sua expressão mudou, e ele tirou seu pé do pedal.

-- O que o... ei, esse era um sinal para parar – Phill uivou.

James bateu no volante e deu meia volta no meio da rua. Ele atropelou alguém no gramado.

-- O que foi isso? – Phill disse rigidamente, ainda agarrado ao painel no carro.

James estava olhando quase sonhador.

-- Eu só percebi aonde eles foram. Onde ele levou ela. Ele disse a ela um lugar seguro, onde as pessoas não se importariam o que ela era. Mas vampiros se importariam.

-- Então eles estão com seres humanos?

-- Não. Ash odeia humanos. Ele quer seu próprio lugar no Mundo da Noite, um lugar onde ele é um grande homem. E a cidade mais próxima que é controlada pelo Mundo da Noite é Las Vegas.

Phill sentiu sua mandíbula presa. *Las Vegas?* Controlada pelo Mundo da Noite? Ele teve um súbito impulso de rir. Claro, mas é claro que esria.

-- E eu sempre pensei que era a máfia. – ele disse.

-- E é. – James disse sério, entrando em uma rampa da auto-estrada – Apenas uma máfia diferente.

-- Mas, olha, espera. Las Vegas é uma cidade grande.

-- Não é, na verdade. Mas isso não importa de quelaquer maneira. Eu sei onde eles estão. Porque nem todos os meus primos são vampiros. Alguns deles são bruxos.

Phill estava com a testa enrugada.

-- Ah, é? E como você arranhou isso?

-- Eu não. Meus bisavós fizeram, cerca de quatrocentos anos atrás. Ele fizeram uma cerimônia de sangue com uma família bruxa. As bruxas não são meus primos reais, eles não estão relacionados. Eles são primos cruzados. Adotados pela família. Eles provavelmente não vão ligar que Poppy seja ilegal. É é para onde Ash está indo.

-- Eles são parentes cruzados. – Ash contou a Poppy. Eles estavam dirigindo na Mercedes de ouro dos Rasmussen, Ash insistiu que sua tia Maddy gostaria que ele pegasse. – Eles não vão suspeitar de você. E bruxas não sabem ver os sinais de um novo vampiro da mesma forma que vampiros fazem.

Poppy apenas encarou a linha do horizonte. Era tarde agora, e a luz do sol vermelho estava atrás deles agora. Tudo ao redor deles era uma estranha paisagem alienígena: não como um marrom como Poppy esperava que um deserto seria. Mais cinza esverdeado, com grupos de verde acizentado. As árvores eram estranhamente bonitas, mas também mais parecia com uma instalação composta por tentáculos como ela nunca tinha visto.

A maioria de tudo que cresceu tinha espinhos.

Era curiosamente um bom lugar para ir para o exilo. Poppy se sentiu como se estivesse deixando para trás não só sua antiga vida, mas tudo que ela nunca tinha encontrado familiar sobre a terra.

-- Eu vou cuidar de você. – Ash disse carionhosamente.

Poppy nem sequer piscou.

Phillip viu Nevada como uma linha de luzes na escuridão à sua frente. Como eles estavam na linha de divisa do estado, as luzes decidiram enviar sinais com piscadelas, formigando, lampejando mensagens de néon. Whiskey Pete's*, elas anunciavam. Buffalo Bill's**. A Prima Donna***.

*Hotel e casino em Nevada. **As imagens mostraram um parque de diversões estilo faroeste, mas também mostrou um hotel, então eu não tenho certeza. ***Acho que é alguma cantora famosa.

Um cara com reputação de Dom Juan estava levando Poppy nesta direção?

-- Vai mais rápido. – ele falou para James, uma vez que eles deixaram as luzes da cidade e entraram no deserto escuro e inexpressivo. – Vamos lá. Este carro pode fazer noventa.

-- Aqui estamos. Las Vegas. – Ash disse como se Poppy fosse um presente para a cidade. Mas Poppy não viu a cidade, apenas uma nuvem de luzes à sua frente como a lua crescente. Então, com uma curva, ela viu que não era a lua, era o reflexo das luzes da cidade. Las Vegas era uma brilhante piscina em uma plana bacia entre as montanhas.

Algo se mexeu em Poppy a respeito dela mesma. Ela sempre quis ver o mundo. Lugares remotos. Terras exóticas. E isto poderia ter sido perfeito – se apenas James estivesse com ela.

De perto, porém, a cidade não era a jóia que parecia a distancia. Ash saiu da principal, e Poppy foi lançada dentro de um mundo de cores e luzes e movimentos – e comum de mau gosto.

-- A Faixa. – anunciou Ash – Você sabe, onde todos os casinos estão. Não há nenhum lugar como ele.

-- Aposto. – disse Poppy, encarando. De um lado dela estava um hotel preto elevado com pirâmide com uma grande esfinge na frente. Lasers estavam piscando nos olhos da esfinge. Do outro lado estava uma motel com um letreiro que dizia “Quartos \$18*.”

Significa 18 dólares, o \$ é o símbolo usado para o dólar nos EUA, assim como no Brasil é usado o R\$.

-- Então este é o Mundo da Noite. – disse ela, com uma pontada cínica de diversão que fez ela se sentir muito adulta.

-- Nah, isso é para os turistas. – Ash disse – Mas é um bom negócio e você pode fazer algumas festas bastante sérias. Eu vou mostrar para você o verdadeiro Mundo da Noite, apesar de tudo. Primeiro, eu quero checar com meus primos.

Poppy considerou contar a ele que ela não se importava que *ele* lhe mostrasse o Mundo da Noite. Alguma coisa sobre Ash estava começando a incomodá-la. Ele estava agindo mais como se eles tivessem saído para um encontro e não como se ele estivesse levando ela para o exílio.

Mas ele é a única pessoa que eu conheço aqui, ela percebeu com o desânimo afundando em seu estomago. E não é como se eu tivesse qualquer dinheiro ou qualquer coisa, nem sequer dezoito dólares para o sujo motel.

Havia algo pior. Ela tinha fome a algum tempo, e agora ela estava começando a se sentir sem fôlego. Mas ela não era o atordoado, irracional animal que tinha sido na noite passada. Ela não queria atacar nenhum humano na rua.

-- Este é o lugar. – disse Ash. Era uma rua lateral, escura e não lotada como a Faixa. Ele arrancou para um beco. – Certo, só me deixe ver se eles estão lá dentro.

Em ambos os lados deles tinham edifícios altos com paredes de cimento. Acima, teias de poderosas luzes obscureciam o céu. Ash bateu uma porta na parede – uma porta sem botão do lado de fora. Não havia nenhuma placa sobre a porta, também, apenas alguma pintura imperfeita de graffiti. Era uma pintura de uma Dahlia Negra*.

*<http://www.plantoftheweek.org/image/dahlia.jpg> , como essa só que negra.

Poppy encarou uma lixeira e tentou controlar sua respiração. Dentro, fora. Lenta e profundamente. Tudo bem, você temar. Pode se sentir como se não tivesse, mas você tem.

A porta abriu e Ash acenou para ela.

-- Está é Poppy. – disse Ash, colocando um braço ao seu redor enquanto Poppy tropeçava para entrar. O lugar parecia ser uma loja... uma loja com ervas e velas e cristais. E de muitas outras coisas estranhas que Poppy não reconheceu. Bruxas... procurando fornecimento.

-- E estes são os meus primos. Esta é Blaise e está e Thea. – Blaise era uma surpreendente garota de cabelos escuros e muitas curvas. Thea era elegante e loira. Ambas delas se mantinham fora de focus com a visão turva de Poppy.

-- Oi. – disse ela, a mais longa saudação que podia gerir.

-- Ash, o que há de errado com você? Ela está doente. O que você tem feito com ela? – Thea estava olhando Poppy com simpáticos olhos castanhos.

-- Hã? Nada. – disse Ash, olhando surpreso, como se tivesse notado o estado de Poppy pela primeira vez. Poppy adivinhou que ele não era o tipo de pessoa que se preocupava com o desconforto das outras pessoas. – Ela está faminta, eu acho. Nós vamos ter que correr e alimen...

-- Oh, não, você não vai. Não por aqui. Além disso, ela não vai fazer isso. – disse Thea – Vamos Poppy, vou ser um doador dessa vez.

Ela pegou Poppy pelo braço e a levou para por uma cortina de perólas para o outro quarto. Poppy deixou ser levada. Ela não conseguia mais pensar – e todo o seu maxilar superior estava sobressaindo. Mesmo a palavra *comida* afiava os seus dentes.

Eu preciso... Eu tenho...

Mas ela não sabia como. Ela tinha uma visão de seu próprio rosto no espelho, olhos preteados e selvagens caninos. Ela não queria ser um animal novamente e pular sobre thea e rasgar sua garganta. E ela não poderia perguntar como – que ela poderia afastar um vampiro novo com certeza. Estava trêmula, incapaz de se mover.

Capítulo 15

POR VANESSA

-- Vamos, está tudo bem. – disse Thea. Ela parecia ter a mesma idade de Poppy, mas ela tinha um gentil, sensível ar de autoridade. – Sente-se. Aqui. – ela sentou Poppy em um surrado sofá e esticou seu pulso. Poppy encarou o pulso por um instante e então se lembrou.

James, dando a ela sangue de seu braço. *Esta* era a forma de se fazer. Amigável e civilizado.

Ela podia ver o azul pálido das veias sob a pele. E este foi o último sopro de distância de sua hesitação. O instinto levou melhor e ela agarrou o braço de Thea. A próxima coisa de que ela sabia era que ela estava bebendo.

Quente doce-salgado. Lida. Alívio da dor. Era tão bom que Poppy poderia quase chorar. Não admira que vampiros odeiam os humanos, ela pensava palidamente. Os seres humanos não tinham que caçar por essa coisa maravilhosa, eles já estavam cheios dele.

Mas, outra parte de sua mente salientou, Thea não era um ser humano. Ela era uma bruxa. Estranho, porque o gosto de seu sangue era exatamente o mesmo. Todos os sentidos de Poppy confirmaram.

Então bruxas são apenas humanos, mas humanos com poderes especiais, Poppy pensou. Interessante.

Levou um tempo para se controlar, para saber quando parar. Mas ela não parava. Ela soltou o punho de Thea e se sentou de costas, um pouco embaraçada, lambendo seus dentes e lábios. Ela não queria olhar para os olhos castanhos de Thea.

Foi só depois que ela percebeu que estava mantendo seus pensamentos trancados durante todo o processo. Não houve conexão mental como havia tido quando ela compartilhou sangue com James. Então ela já dominou um poder vampiro. Mais rápido do que James ou Ash tinham esperado.

E ela se sentia bem agora. Com energia suficiente para fazer a dança holandesa*. Confiante o bastante para sorrir para Thea.

* <http://www.youtube.com/watch?v=RvdsLJw4kkU> algo como isso.

-- Obrigada. – ela disse.

Thea sorriu de volta, como se o cumprimento dela fosse estranho, mas simpático. Ela não parecia suspeitar.

-- Tudo bem. – disse ela, flexionando seu punho gentilmente.

Pela primeira vez Poppy foi capaz de olhar ao redor dela. Esta sala era mais como uma sala de jantar do que parte de uma loja. Além do sofá havia uma televisão e várias cadeiras. Ao longe no final tinha uma grande mesa com velas e incenso queimando.

-- Este é o quarto de ensino. – disse Thea – Vovó faz feitiços aqui e deixa os alunos saírem.

-- E a outra parte é a loja. – Poppy disse, com cautela, pois não sabia o quanto ela supostamente deveria saber.

Thea não parecia surpresa.

-- Sim. Eu sei que você não iria pensar que existem bruxas o suficiente aqui para nos manter no negócio, mas na verdade elas vêm de todo o país. Vovó é famosa. E ela tem muitos estudantes.

Poppy acenou, olhando definitivamente impressionada. Ela não ousava fazer mais perguntas, mas ela se sentiu um pouco aquecida por dentro. Nem todo o Povo da Noite era duro e do mal. Ela tinha a sensação de que poderia ser amiga dessa garota se tivesse uma chance. Talvez ela pudesse fazer isso no Mundo da Noite depois de tudo.

-- Bem, obrigada de novo. – ela falou suavemente.

-- Não se fala mais nisso. Mas não deixe Ash largar você ofegante desse jeito, de qualquer modo. Ele é tão irresponsável.

-- Essa machucou, Thea. Realmente doeu. – Ash disse. Ele estava parado na porta, segurando a cortina aberta com uma mão. – Mas chega de pensar nisso, eu estou me sentindo um pouco afegante também... – ele levantou suas sobrancelhas insinuantemente.

-- Vá pular no Lago Mead, Ash. – Thea disse docemente.

Ash parecia inocente e ansioso.

-- Basta uma pequena mordida. Uma dentada. Uma bicada. – disse Ash - Você tem uma garganta branca tão convidativa...

-- Quem tem? – Blaise disse, empurrando o seu caminho através da outra metade da cortina. Poppy tinha a sensação de que ela falou apenas para chamar atenção para si mesma. Ela ficava no centro da sala e balançava os seus longos cabelos pretos com ar de garota cortesia.

-- Vocês duas têm. – disse galantemente Ash. Em seguida ele pareceu se lembrar de Poppy. – E, naturalmete, esta pequena sonhadora tem uma bonita cor branca em tudo.

Blaise, que tinha estado sorrindo, agora parecia azeda. Ela encarou Poppy longa e duramente. Com desagrado e alguma outra coisa.

Suspeita. Princípio de suspeita.

Poppy podia sentir. Os pensamentos de Blaise eram brilhantes e nítidos e maliciosos, como vidro.

Então de repente Blaise sorriu de novo. Ela olhou para Ash.

-- Eu suponho que você vai para a festa. – ela disse.

-- Não. Que festa?

Blaise suspirou de uma forma que enfatizou sua blusa de corte baixo.

-- A festa do Solstício, é claro, Thierry dará uma bem grande. Todo mundo estará lá.

Ash olhou tentado. Na luz fraca do quarto de ensino seus olhos pareciam negros. Então ele balançou sua cabeça.

-- Não, eu não posso. Sinto muito. Eu vou mostrar a cidade para Poppy.

-- bem, você pode fazer isso e ir para a festa mais tarde. Ela não irá começar realmente antes da meia-noite. – Blaise esava olhando para Ash com uma estranha insistência. Ash mordeu o lábio, e então balançou a cabeça novamente, sorrindo.

-- Bem, talvez. – disse ele – Eu vou ver como as coisas vão.

Poppy sabia que ele estava dizendo mais do que isso. Alguma mensagem não dita estava passando entre ele e Blaise. Mas não era telepatia, e Poppy não conseguia pegá-la.

-- Bem, tenha uma boa noite. – disse Thea, e deu a Poppy um rápido sorriso enquanto Ash a levava para longe.

Ash parou em frente à Faixa.

-- Se temos pressa, nós podemos olhar a erupção do vulcão. – ele disse. Poppy deu a ele um olhar, mas não perguntou.

Em vez disso, ela disse:

-- O que é uma festa do Solstício?

-- Solstício do Verão. O dia mais longo do ano. É um feriado para o Povo da Noite. Como o Groundhog Day para os humanos.

-- Por quê?

-- Ah, sempre tem sido assim. É muito mágico, você sabe. Eu te levaria pra a festa, mas seria muito perigoso. Thierry é um vampiro Ancião. – então ele disse: - Aqui está o vulcão.

Era um vulcão. Na frente de um hotel. Uma queda d'água caía por sua face, e luzes vermelhas brilhavam de dentro do cone. Ash estacionou do outro lado da rua.

-- Você vê, nós temos uma grande vista daqui. – ele disse – Todo o conforto do lar.

O vulcão estava emitindo alguns sons. Enquanto Poppy assistia com incredulidade, um pilar de fogo jorrou do topo. Fogo de verdade. Em seguida, as cachoeiras de fogo. Chamas vermelhas e douradas propagavam os lados da rocha negra até que o lago ao redor do vulcão estivesse flamejando.

-- Inspirador, não é? – Ash perguntou, muito próximo ao seu ouvido.

-- Bem, isto é...

-- Emocionante? – Ash perguntou – Estimulante? Inflamador? – o braço dele foi rasteiramente ao redor dela, e sua voz estava docemente hipnotico.

Poppy não disse nada.

-- Sabe, - Ash murmurou, - você pode ver muito melhor se ficar aqui. Eu não me importo de companhia. – seu braço estava se acercando dela suavemente, mas inevitavelmente mais perto. Sua respiração batia no cabelo dela.

Poppy bateu um cotovelo em seu estômago.

-- Hey! – Ash gritou com verdadeira dor, Poppy pensou. Bom.

Ele tirou seu braço e agora ele estava olhando para ela com lesados olhos castanhos.

-- Por que você fez isso?

-- Porque eu senti. – disse Poppy inteligente. Ela estava formigando com sangue novo e pronta para luta. – Olha Ash, eu não sei o que te deu a idéia de que estou aqui para ter um encontro. Mas eu estou te dizendo agora que eu não estou.

Ash inclinou sua cabeça e sorriu dolorosamente.

-- Você simplesmente não me conhece bem o suficiente. – ele ofereceu – quando chegarmos a nos conhecer...

-- *Não*. Nunca. Não estou interessada em outros caras. Se eu não posso ter James... – Poppy teve que parar e estabilizar sua voz – Não há ninguém mais que eu queira. – ela disse finalmente, sem graça – Ninguém.

-- Bem, não agora, talvez, mas...

-- *Nunca*. – Ela não sabia como explicar. Então ela teve uma idéia – Você conhece o princípio da alma gêmea?

Ash abriu a boca e então a fechou. Abriu de novo.

-- Oh, não. Não *esse* lixo.

-- Sim. James é minha alma gêmea. Desculpa se soa estúpido, mas é a verdade.

Ash pôs a mão em sua testa. Então começou a rir.

-- Você está falando sério.

-- Sim.

-- E essa é sua palavra final.

-- Sim.

Ash riu de novo, suspirou, e levantou os olhos.

-- Certo. Certo. Eu deveria saber. – ele estalou a língua no que parecia auto-escânio.

Poppy estava aliviada. Ela teve medo de que ele pudesse estar desapontado ou ofendido – ou *malvado*. Apesar de seu charme, ela sempre podia sentir algo gelado correndo abaixo da superfície de Ash, como um rio de gelo.

Mas agora ele parecia perfeitamente bem-humorado.

-- Ok. – ele disse – Já que romance não está no menu, vamos para a festa.

-- Eu pensei que você disse que era muito perigoso.

Ele acenou uma mão.

-- Isso foi uma pequena mentirinha. Para ficar com você sozinho, você sabe. – ele olhou de relance para ela com o canto do olho – Desculpe.

Poppy hesitou. Ela não se preocupava com uma festa. Mas ela não queria ficar sozinha com Ash, de qualquer modo.

-- Talvez você devesse apenas me levar de volta para a casa de seus primos.

-- Eles não vão *estar* lá. – disse Ash – Tenho certeza de que elas já foram para a festa agora. Ah, vamos lá, vai ser divertido. Me dá uma chance de fazer as coisas para você.

Ondas de inquietação rolaram dentro de Poppy. Ele parecia tão arrependido e persuasivo... e que outra escolha ela tinha?

-- Ok. – disse ela finalmente – Apenas um pouco.

Ash deu um sorriso deslumbrante.

-- Só um muito pouco. – disse ele.

-- Então eles poderiam estar em qualquer lugar na Faixa. – disse James.

Thea suspirou.

-- Eu sinto muito. Eu devia saber que Ash estava aprontando alguma coisa. Mas desviando de volta a sua namorada... – ela fez um gesto próximo – Para que você saiba, ela não parecia muito interessada nele. Se ele está planejando colocar as mãos nela, ele vai receber uma surpresa.

Sim, James pensou. E por isso é ela. Poppy só seria útil para Ash enquanto ele pensasse que podia brincar com ela. Uma vez que ele percebesse que não poderia...

Ele não queria pensar no que poderia acontecer em seguida. Uma visita rápida próximo ao Ancião, ele supôs.

Seu coração estava batendo, e havia um zumbido em seus ouvidos.

-- Blaise foi com ele? – ele perguntou.

-- Não, ela foi à festa do Solstício. Ela tentou convencer Ash a ir, mas ele disse que queria mostrar a cidade para Poppy. – Thea parou, levantando um dedo – Espera... Você pode verificar na festa. Ash disse que poderia ir lá mais tarde.

James gastou um momento forçando a si mesmo a respirar. Então ele disse, muito suavemente:

-- E quem está dando esta festa?

-- Thierry Descouedres. Ele sempre dá uma grande.

-- E ele é um Ancião.

-- O quê?

-- Nada. Não se preocupe! – James saiu da loja – Obrigado pela ajuda. Eu estarei ligado.

-- James... – ela olhou para ele perdida – Quer entrar e se sentar? Você não me parece muito bem...

-- Estou bem. – disse James, já do lado de fora da porta. No carro ele disse:
- Você pode sair agora.

Phillip surgiu na parte de trás no banco traseiro, onde estava se escondendo.

-- O que está acontecendo? Você ficou fora muito tempo.

-- Eu acho que sei onde Poppy está.

-- Você apenas *acha*.

-- Cala a boca, Phill. – ele não tinha energia para uma troca de insultos. Ele estava totalmente focado em Poppy.

-- Ok, então onde ela está?

James falou com precisão.

-- Ela está agora, ou vai mais tarde, em uma festa. Uma grande festa, cheia de vampiros. E com um Ancião. O local perfeito para expô-la.

Phill engoliu.

-- E você acha que Ash está indo fazer isso?

-- Eu sei que Ash está indo fazer isso.

-- Então nós temos que pará-lo.

-- Nós podemos estar atrasados.

A festa era estranha. Poppy estava espantada com quão jovens a maioria das pessoas eram. Havia alguns adultos dispersos, mas havia muito mais adolescentes.

-- Garantia de vampiro. – explicou Ash amavelmente. Poppy se lembrou do que James tinha dito – vampiros feitos permaneciam coma a idade de sua morte, mas lâmia podia parar de envelhecer a qualquer momento. Ela supôs que James queria dizer que ele poderia envelhecer o quanto quisesse, enquanto ela permaneceria com dezesseis anos eternamente. Não que isso importasse. Se ela e James fossem ficar juntos, os dois poderiam ficar jovens – mas à parte, talvez James quisesse envelhecer.

Mas *era* estranho ver um cara que parecia ter dezenove anos falando sinceramente com um garotinho que parecia quatro anos. O garoto era bonitinho, com cabelos pretos brilhante e olhos inclinados, mas havia algo de inocente e cruel em sua expressão.

-- Vamos ver, agora está é Circe. Uma bruxa de renome. E esta é Sekhmet, uma deslocadora de forma. Você não iria gostar de irritar *ela*. – Ash disse jovialmente. Ela e Ash estavam parados em uma pequena antesala, olhando para um nível abaixo no são principal da casa. Da mansão, aliás. Esta era a amais luxuriante residência particulçar que Poppy já tinha visto... E ela já tinha visto Bel Air e Beverly Hills.

-- Ok. – disse Poppy, olhando na direção que ele apontava. Ela viu duas grandes e adoráveis garotas, mas ela não tinha a menor idéia do que elas eram.

-- E este é Thierry, nosso anfitrião. Ele é um Ancião.

Um Ancião? O cara que Ash indicou não parecia ter mais do que dezenove. Ele era bonito, como todos os vampiros, loiro e alto e pensativo. Parecia quase triste.

-- Quão velho ele é?

-- Oh, não me lembro. Ele foi mordido por um vampiro ancestral meu à muito tempo atrás. Na época em que as pessoas moravam em cavernas.

Poppy pensou que ele estava brincando. Mas talvez não.

-- E o que é que os Anciões fazem, exatamente?

-- Eles apenas fazem regras. E olham para ver se as pessoas estão cumprindo. – um estranho sorriso estava brincando ao redor dos lábios de Ash. Ele se virou para olhar diretamente para Poppy.

Com os olhos pretos como uma serpente.

Foi quando Poppy soube.

Ela se voltou para longe rapidamente. Mas Ash veio atrás dela rapidamente, tão rápido quanto ela. Ela viu uma porta do outro lado da antesala e correu para lá. Passou por ela. Apenas para se encontrar sozinha em uma varanda.

Com seus olhos, ela mediu a distância para chegar ao chão. Mas antes que ela pudesse se mover, Ash agarrou seu braço.

Não lute ainda, sua mente orientou desesperadamente. Ele é forte. Espere uma oportunidade.

Ela obrigou a si mesma relaxar e encarou os olhos escuros de Ash.

-- Você me trouxe aqui.

-- Sim.

-- Para me entregar.

Ele sorriu.

-- Mas *por quê*?

Ash jogou sua cabeça para trás e riu. Foi um lindo, melodioso riso, que fez Poppy se sentir doente.

-- Você é uma *humana* – disse ele – Ou costumava ser. James nunca devia ter feito o que fez.

O coração de Poppy estava correndo, mas sua mente estava curiosamente clara. Talvez ela já soubesse ao longo de tudo que era isso que ele iria fazer. Talvez fosse a coisa *certa* a se fazer. Se ela não pudesse estar com James e não pudesse estar com sua família, o resto realmente importava? Ela *queria* viver no Mundo da Noite se a maioria das pessoas eram como Blaise e Ash?

-- Então você não se importa com James, também. – disse ela – Você estava disposto a colocá-lo em perigo para se livrar de mim.

Ash considerou, então sorriu largamente.

-- James pode cuidar de si mesmo. – ele disse.

Ash estava obviamente todo filosófico. Todo mundo cuida de si mesmo, e ninguém ajuda ninguém mais.

-- E Blaise sabia, também. – Poppy disse – Ela sabia o que você ia fazer e ela não se importou.

-- Blaise não se importa com muita coisa. – Ash disse. Ele começou a dizer mais alguma coisa... E Poppy viu sua chance.

Ela chutou – *forte*. E torceu ao mesmo tempo. Tentando saltar pelo parapeito da varanda.

-- Fique aqui. – James disse para Phill antes que o carro sequer tivesse parado. Eles estavam na frente de uma enorme mansão com palmeiras na margem. James saiu pela porta aberta, mas tomou tempo para dizer novamente: - Fique aqui. Não importa o que acontecer, não entre naquela casa. E se alguém além de mim vier até o carro, dirija para longe.

-- Mas...

-- Apenas fique, Phill! A menos que você queira ver a morte em primeira mão... hoje à noite.

James correu que nem um morto para a mansão. Ele também estava tentando detectar algum som vindo do carro atrás dele.

-- E você parecia tanto com uma garota legal. – Ash arfou. Ele tinha ambos os braços de Poppy atrás dela e estava tentando sair do alcance de suas pernas. – Não... Não, fique quieta, agora.

Ele era muito forte. Não havia nada que Poppy pudesse fazer. Centrímetro por centrímetro ele estava errastando ela de volta para a varanda.

Você pode se dar por vencida, a mente de Poppy disse a ela. É inútil. Você está ferrada.

Ela podia imaginar a cena toda: ela sendo arrastada na frente de todas aquelas elegantes e bonitas Pessoas da Noite e sendo revelada. Ela podia imaginar seus olhos implacáveis. Esse cara de olhar pensativo iria até ela e sua expressão iria mudar e ele não teria mais esse olhar pensativo. Ele pareceria selvagem. Seus dentes iriam crescer. Seus olhos ficariam prateados. Então ele iria rosar – e atacar.

E esse seria o fim de Poppy.

Talvez essa não seja a maneira que eles fazem isso, talvez eles executem os criminosos de outra forma no Mundo da Noite. Mas não seria agradável, qualquer que seja ela.

“E eu não vou tornar fácil para você!” Poppy pensou. Ela pensava diretamente para Ash, jogando toda a sua raiva e tristeza e traição contra ele. Instintivamente. Como um garoto gritando em um ataque de raiva.

Exceto que tinha um efeito de não gritar.

Ash vacilou. Ele quase perdeu seu domínio sobre os braços dela.

Foi apenas um momentâneo enfraquecimento, mas foi suficiente para os olhos de Poppy se ampliarem.

Eu posso machucá-lo. *Eu posso machucá-lo!*

Ela parou de lutar fisicamente no mesmo instante. Ela colocou toda a sua concentração, toda a sua energia, em uma explosão mental. Um pensamento-bomba.

DEIXE-ME IR, SEU PODRE VAMPIRO DEFORMADO!

Ash vacilou de novo. Poppy fez de novo, desta vez pensando em uma mangueira de incêndio, um alto poder de jatos bombardeando.

ME SOLTAAAAAAA]

Ash deixou. Então, enquanto Poppy deixava sair toda a sua energia, ele tentou de desastrada maneira chegar até ela novamente.

-- Eu acho que não. – uma voz tão fria como aço disse. Poppy olhou para a antecâmara e viu James.

Seu coração bateu violentamente. Então, sem ter consciência de estar se movendo, ela estava em seus braços.

“Oh, James, como foi que me encontrou?”

Tudo o que ele continuava dizendo era, “Você está bem?”

-- Sim. – disse Poppy, finalmente, em voz alta. Era indescritivelmente bom estar com ele novamente, ser segurada por ele. Como despertar de um pesadelo e ver sua mãe sorrindo. Ela enterrou o rosto dela em seu pescoço.

-- Você tem certeza de que está bem?

-- Sim. Sim.

-- Bom. Então espere só um momentinho enquanto eu mato esse cara e nós podemos ir.

Ele falava absolutamente sério. Poppy podia sentir em seus pensamentos, em cada músculo e tendão de seu corpo. Ele queria matar Ash.

Ela levantou a cabeça com o som da risada de Ash.

-- Bem, essa vai ser uma boa luta, de qualquer maneira. – Ash disse.

Não, Poppy pensou. Ash parecia muito insinuante e perigoso e de muito mau humor. E mesmo que James pudesse vencê-lo, James iria se machucar. Mesmo que ela e James lutassem juntos, ia haver algum dano.

-- Apenas vamos. – ela disse para James – Rápido. – ela adicionou silenciosamente, “Eu acho que ele quer nos manter por aqui até que alguém da festa chegue.”

-- Não, não. – disse Ash, em um maldoso entusiasmado tom – Vamos resolver isso como vampiros.

-- Não vamos. – disse uma familiar voz sem fôlego. A cabeça de Poppy se voltou. Escalando sobre o parapeito da varando, sujo mas triunfante, estava Phill.

-- Você *nunca* ouve? – James disse para ele.

-- Bem, bem. – disse Ash – Um humano na casa de um Ancião. O que é que nós *vamos* fazer sobre isso?

-- Olha, amigo. – disse Phill, ainda sem fôlego, escovando fora de suas mãos. – Eu não sei quem você é ou sobre que cavalo você andou. Mas é com a minha *irmã* aqui que você estava brincando, e eu acredito que tenho o direito de te bater primeiro.

Houve uma pausa onde Poppy, James e Ash, todos olharam para ele. Uma pausa esticada. De repente Poppy percebeu que estava com um impulso completamente inapropriado de dar risada. Então ela percebeu que James estava lutando desesperadamente para não sorrir.

Ash apenas encarou Phill para cima e para baixo, então olhou para James de lado.

-- Será que esse cara *entende* sobre vampiros? – ele disse.

-- Oh, sim. – disse James maliciosamente.

-- E ele vai me bater?

-- Sim. – disse Phill, e estalou seu soco inglês. – O que há de tão surpreendente nisso?

Houve outra pausa. Poppy podia sentir pequenos tremores passando por James. Engasgados risos. Mas James falou, admiravelmente sóbrio:

-- Phill realmente se sente forte sobre sua irmã.

Ash olhou para Phill mais uma vez, então olhou para James, e finalmente para Poppy.

-- Bem... Existem trêm de vocês. – ele disse.

-- Sim, existem. – disse James, verdadeiramente sóbrio agora. Ameaçador.

-- Eu acho que vocês me têm em uma situação de desvantagem. Tudo bem, eu desisto. – ele levantou as mãos e depois as deixou cair. – Vá lá, sumam. Eu não vou lutar.

-- E você não vai dizer sobre nós, também. – Disse James. Não foi uma solicitação.

-- Eu não ia de qualquer maneira. – disse Ash. Ele tinha a sua mais inocente e sem maldade expressão. – Eu sei que você pensou que eu a trouxe aqui para expô-la, mas eu realmente não ia fazer isso. Eu estava apenas em divertindo. A coisa toda era só uma brincadeira.

-- Ah, com certeza. – disse Phill.

-- Não se incomode em mentir. – disse James.

Mas Poppy, curiosamente, não estava tão certa quanto eles. Ela olhou para os grandes olhos de Ash – seus grandes olhos violetas – e sentiu a dúvida dançar dentro dela.

Foi difícil ler ele, como tinha sido durante todo o tempo. Talvez porque ele entendesse tudo o que ele dizia no momento em que dizia – ou talvez porque ele *nunca* disse nada do que ele disse. Não importa o que, ele foi a mais irritante, frustrante, impossível pessoa que ela já conheceu.

-- Ok, nós estamos indo agora. – disse James – Nós vamos caminhar muito quieta e calmamente por aquela pequena sala e descer o corredor, e não vamos parar para nada... Phillip. A menos que você prefira descer do mesmo jeito que subiu. – ele acrescentou.

Phill balançou a cabeça. James recolheu Poppy em seus braços novamente, mas parou e se virou para olhar Ash.

-- Sabe, você nunca se importou com ninguém. – ele disse – Mas um dia você vai, e isso vai doer. Isso vai machucá-lo... Muito.

Ash olhou de volta para ele, e ela não podia ler nada em seus olhos sempre em mutação. Mas foi somente James se virar novamente, e ele disse:

-- Eu acho que você é um péssimo profeta. Mas sua namorada é boa. Você pode querer perguntar para ela algum dia.

James parou. Sua cara amarrada.

-- O quê?

-- E você, pequena sonhadora, talvez você queira dar uma olhada na sua árvore genealógica. Você tem um grito muito alto. – ele sorriu para Poppy atraentemente. – Adeus agora.

James permaneceu assim por mais um minuto ou mais, apenas encarando seu primo. ASH olhou severamente de volta. Poppy contou as batidas de seu coração enquanto os dois se encaravam sem se mover.

Então James se balançou um pouco e virou Poppy em direção a antesala. Phil os seguiu sob seus calcanhares.

Ele saíram da casa quitos e calmos. Ninguém tentou detê-los.

Mas Poppy não se sentiu segura, até estarem na estrada.

-- O que ele quis dizer sobre aquela merda de árvore genealógica? – Phill perguntou do banco traseiro.

James lhe deu um olhar estranho, mas respondeu com uma pergunta.

-- Phill, como você sabia onde encontrá-la naquela casa? Você a viu na varanda?

-- Não, eu apenas segui o grito.
Poppy se virou para olhar para ele.
James disse:
-- Que grito?
-- *O* grito. Poppy gritando. “Deixe-me ir, seu podre vampiro deformado.”
Poppy se virou para James.
-- Será que *ele* foi capaz de ouvi-lo? Eu pensei que estava gritando apenas com Ash. Será que todos na festa ouviram?
-- Não.
-- Mas, então...
James cortou ela.
-- De que sonho Ash estava falando?
-- Apenas um sonho que tive. – disse Poppy perplexa – Eu sonhei com ele antes de realmente conhecê-lo.
A expressão de James agora era muito peculiar.
-- Oh, sonhou?
-- Sim. James, o que é tudo isso? O que ele quis dizer, que eu deveria verificar minha árvore genealógica?
-- Ele quis dizer que você... E Phill... Não são humanos afinal de contas. Alguém entre seus antepassados era um bruxo.

Capítulo 16

POR VANESSA

-- Você *deve* estar brincando. – Poppy disse.

Phill apenas bocejou.

-- Não, eu estou falando sério. Vocês são o segundo tipo de bruxas. Lembra o que eu te disse.

-- Existe o tipo de bruxa que conhece sua herança e são treinados... E do tipo que não são. Que só tem poderes. E humanos chamam esse tipo...

-- Psíquicos! – James falou em cora com ela – Telepatas. Clarividentes. – ele terminou sozinho. Havia algo em sua voz entre o riso e o choro – Poppy, é isso o que vocês são. É por isso que você pegou a telepatia tão rápido. É por isso que você teve sonhos clarividentes.

-- É por isso que Phill me ouviu. – disse Poppy.

-- Oh, não. – Phill disse – Eu não. Vamos lá.

-- Phill, vocês são gêmeos. – disse James – Vocês têm os mesmos antepassados. Encare isso, você é um bruxo. É por isso que eu não podia controlar sua mente.

-- Oh, *não*. – Phill disse – Não. – ele voltou para o seu lugar – Não. – ele disse de novo, mas mais fraco.

-- Mas de que lado nós herdamos isso? – Poppy imaginava.

-- Do papai. É claro. – a voz vinda do banco traseiro estava se enfraquecendo.

-- Bem, isso *parece* lógico, mas...

-- É a verdade. Você não se lembra de papai sempre dizendo que via coisas estranhas? Sonhando com coisas antes de acontecerem? E, Poppy, ele ouviu você gritar em *seu* sonho. Quando você estava chamando por James. James ouviu, e eu ouvi, e papai ouviu, também.

-- Então está resolvido. Oh, e isso explica outras coisas sobre todos nós... Todas as vezes em que temos *sentido* sobre as coisas... Instinto, tanto faz. Até mesmo você teve instintos, Phill.

-- Eu tive um em que James era assustador, e eu estava certo.

-- Phill...

-- E talvez alguns outros. – disse Phill fatalmente – Eu sabia que era James dirigindo esta tarde. Eu pensei que só tivesse ouvido o motor do carro.

Poppy estava tremendo com espanto e deleite, mas ela não podia entender James. Ele estava absolutamente irradiando alegria. Chjeio de descrente exaltação que ela podia sentir como serpentinas e fogos de artifícios no ar.

-- O que, James?

-- Poppy, você não vê? – James realmente socou o volante em alegria – Isso significa que mesmo antes de se tornar um vampiro, *você era uma Pessoa da Noite*. Uma bruxa secreta. Você tem todo o direito de saber sobre o Mundo da Noite. Você pertence a ela.

O mundo virou de cabeça para baixo e Poppy não podia respirar. Finalmente ela sussurrou.

-- Oh...

-- E nós ficaremos juntos. Ninguém poderá nos separar. Nós não temos que nos esconder.

-- Oh... – Poppy sussurrou de novo. Então ela disse: - James encosta o carro. Eu quero te beijar.

Quando eles estavam em movimento mais uma vez, Phill disse:

-- Mas para onde vocês dois vão agora? Poppy não pode voltar para casa.

-- Eu sei. – Poppy disse suavemente. Ela tinha aceitado isso. Não havia forma de voltar para lá, sua velha vida tinha acabado. Nada a fazer a não ser construir um futuro.

-- E vocês não podem simplesmente viajar de um lugar para outro. – Phill disse, persistente abstinção.

-- Não vamos. – Poppy disse calmamente – Nós vamos ao papai.

Era perfeito. Poppy podia sentir o pensamento de James, “É claro.”

Eles iriam até seu pai, o sempre-tarde, o sempre-prático, o sempre-afetado pai. Sei pai era um bruxo que não sabia que era um bruxo. Que pensava que era louco quando seus poderes agiam.

Ele lhes daria um lugar para ficar, e isso era tudo o que precisavam, realmente. Isso e um ao outro. O Mundo da Noite seria aberto para ele, sempre que eles quisessem explorá-lo. Talvez eles pudessem voltar e visitar Thea algum dia. Talvez eles pudessem dançar em um das festas de Thierry.

-- Se pudermos *encontrar* papai, isso é. – disse Poppy, atingida por um súbito alarme.

-- Você pode. – disse Phill – Ele pegou um vôo noite passada, mas deixou um endereço. Pela primeira vez.

-- Talvez ele soubesse de alguma maneira. – disse James.

Eles andaram por um tempo, e então Phill limpou a garganta e disse:

-- Vocês sabem, eu só estava pensando. Eu não quero nenhuma parte do Mundo da Noite, vocês entendem... Eu não me importo com minha herança. Eu só quero viver como um humano... E eu quero que todo mundo entenda isso claramente...

-- Está claro, Phill. – James interrompeu – Acredite em mim. Ninguém no Mundo da Noite irá forçar você. Você pode viver como um humano o quanto quiser desde que ignore o Mundo da Noite e mantenha a boca fechada.

-- Certo. Bom. Mas aqui o que eu pensei. Eu ainda não aprovo vampiros, mas ocorre que talvez eles não sejam assim tão maus como parecem. Quero dizer, vampiros não tratam sua comida pior do que os humanos fazem. Quando você pensa o que nós fazemos com as vacas... Pelo menos eles não reproduzem humanos em canetas.

-- Eu não apostaria nisso. – disse James, de repente sinistro – Eu ouvi alguns rumores sobre os velhos tempos...

-- Você sempre têm, um argumento, não é? Mas o meu outro pensamento era que vocês fazem parte da Natureza, e a Natureza e apenas o que é. Não é sempre bonita, mas... bem, é a Natureza, e ela está ali. – ele fez-se carrancudo – Talvez isso não faça nenhum sentido.

-- Faz sentido para mim. – disse James, inteiramente sério. - E... Obrigado. – ele parou para olhar para Phill no banco traseiro em agradecimento. Poppy sentiu uma ferroadada atrás de seus olhos. Se ele admitiu que somos parte da Natureza, ela pensava, então ele não acreditava mais que nós eramos antinatural.

Isso significa muito.

Ela disse:

-- Bem, você sabe, *eu estive* pensando também. Ocorreu-me que talvez haja outras opções para se alimentar do que simplesmente saltar sobre os seres humanos quando eles não estão esperando isso. Como animais. Quero dizer, há alguma razão que o sangue deles não fazem o trabalho?

-- Não é o mesmo que o sangue humano. – disse James – Mas é uma possibilidade. Já me alimentei de animais. Veados são bons. Coelhos são ok. Possuem mau cheiro.

-- E depois tem que haver *algumas* pessoas que estariam dispostas a serem doadoras. Thea foi uma doadora para mim. Poderíamos pedir para outras bruxas.

-- Talvez. – disse James. De repente ele deu um sorriso largo – Eu conheço uma bruxa que voltou para casa que estava *muito* disposta. Mas você não pode pedir para fazer todos os dias, você sabe. Você tem que lhes dar tempo para se recuperar.

-- Eu sei, mas talvez pudéssemos alternar. Animais em um dia, bruxas em outro. Ei, talvez até lobisomens no fim de semana!

-- Eu prefiro morder um gambá. – James disse.

Poppy socou ele no braço.

-- O ponto é, talvez nós não tenhamos que ser monstros horríveis sugadores de sangue. Talvez nós pudéssemos ser monstros *decentes* sugadores de sangue.

-- Talvez. – disse James quietamente, quase ansioso.

-- Ouça, ouça. – disse Phill muito sério na parte de trás.

-- E nós podemos fazer juntos. – Poppy disse a James. Ele tirou os olhos da estrada para sorrir para ela. E não havia nada ansioso sobre o seu olhar. Nada legal ou misterioso ou secreto, também.

-- Juntos. – disse ele em voz alta. E acrescentou mentalmente, “Eu mal posso esperar. Com essa sua telepatia... Você percebe o que podemos fazer, não é?”

Poppy encarou, então sentiu uma arrebatada efervescência que quase disparou ela para fora do carro. “Oh, James... Você acha?”

“Eu estou certo. A única coisa que torna a troca de sangue tão especial é que ela aumenta a telepatia. E você não precisa de nenhum aumento... Sua pequena sonhadora.”

Poppy se sentou de volta para tentar e acalmar seu coração.

Ele seriam capazes de unir as suas mentes novamente. Qualquer hora que eles quisessem. Ela podia imaginar, sendo varrida para dentro da mente de James, sentindo a entrega dos pensamentos dele para ela.

Juntos como duas gotas de água. Juntos de uma forma que humanos jamais saberiam.

“Eu mal posso esperar, também,” ela disse para ele. “Eu acho que vou gostar de ser uma bruxa.”

Phill limpou sua garganta.

-- Se vocês querem alguma privacidade...

-- Nós não podemos ter nenhuma. – disse James – Não com você por perto. Óbvio.

- Não posso fazer nada. – disse Phill através de seus dentes – Vocês são os únicos que estão gritando.

-- Não estamos gritando. Você está bisbilhotando.

-- De dêem um descanso vocês dois. – Poppy disse. Mas ela sentiu quente e brilhante por todo lado. Ela não podia resistir em adicionar à Phill: - Então, se você está disposto a nos dar alguma privacidade, isso quer dizer que você confia em James sozinho com sua irmã...

-- Eu não *disse* isso.

-- Mas também não disse que não. – Poppy disse.

Ela estava feliz.

Era muito tarde no dia seguinte. Quase meia noite, de fato. A hora mágica. Poppy estava parada em um lugar que pensou que nunca mais iria ver, o quarto de sua mãe.

James estava esperando lá fora carregado de coisas, incluindo uma grande mala com os Cds de Poppy, contrabandeados para eles por Phill. Em alguns minutos James e Poppy estariam se dirigindo em direção a Costa Leste e para o pai de Poppy.

Mas primeiro, havia algo que Poppy tinha que fazer.

Ela deslizou calmamente em direção a cama king-size, não fazendo ruído mais que uma sombra, não querendo perturbar as pessoas dormindo. Ela parou na frente do corpo de sua mãe.

Ela ficou olhando para baixo, e então ela falou com sua mente.

“Eu sei que você acha que isso é um sonho, mamãe. Eu sei que você não acredita em espíritos. Mas eu tinha que te dizer que eu estou bem. Eu estou muito bem, e estou feliz, e mesmo que você não entenda, por favor tente acreditar. Só desta vez, acredite no que você não pode ver.”

Ela parou, e em seguida acrescentou, “Eu te amo, mamãe. Eu sempre amarei.”

Quando ela saiu do carro, sua mãe ainda estava dormindo – e sorrindo.

Do lado de fora, Phiil estava parado na frente do Integra. Poppy abraçou ele e ele abraçou de volta, apertado.

-- Adeus. – ela sussurrou. Ela entrou no carro.

James esticou sua mão para fora da janela em direção a Phill. Phill a pegou sem hesitação.

-- Obrigado. – James disse – Por tudo.

-- Não, obrigado *você*. – Phill disse. Seu sorriso e sua voz estavam ambas fracas. – Tome conta dela... E de si mesmo. – ele deu um passo para trás, piscando.

Poppy lhe soprou um beijo. Então ela e James se dirigiram juntos noite à dentro.

Fim

Créditos a Comunidade Traduções e Digitalizações

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Perfil da Juliana

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=2713339427589710285>

Perfil da Malena

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=3426443384753792966>

Perfil da Vanessa

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=9194203912295318037>



Série Night World

Secret Vampire
Daughters of Darkness
Spellbinder
Dark Angel
The Chosen
Soulmate
Huntress
Black Dawn
Witchlight
Strange Fate